



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO PPGAU

ÍTALO COSTA OLIVEIRA DE JESUS

PAISAGEM, MEMÓRIA E IDENTIDADE: REFLEXÕES SOBRE A
REPRESENTAÇÃO DO BAIRRO DE PLATAFORMA, EM SALVADOR-BA

SALVADOR

2025

ÍTALO COSTA OLIVEIRA DE JESUS

**PAISAGEM, MEMÓRIA E IDENTIDADE: REFLEXÕES SOBRE A
REPRESENTAÇÃO DO BAIRRO DE PLATAFORMA, EM SALVADOR-BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) como requisito para obtenção do título de mestre.

Orientadora da pesquisa: Prof.^a Dra. Nayara Cristina Rosa Amorim

SALVADOR

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FA)

J58

Jesus, Ítalo Costa Oliveira de.

Paisagem, memória e identidade [recurso eletrônico] : reflexões sobre a representação do bairro de Plataforma, em Salvador-Ba / Ítalo Costa Oliveira de Jesus. – Salvador, 2025.

114 p. : il.

Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. 2025.

Orientadora: Profa. Dra. Nayara Cristina Rosa Amorim

1. Paisagem. 2. Plataforma – Salvador(Ba). 3. Memória. 4. Identidade.
I. Amorim, Nayara Cristina Rosa. II. Universidade Federal da Bahia.
Faculdade de Arquitetura. III. Título.

CDU: 712.2(813.8)


Responsável técnico: Jeã Carlo Madureira - CRB/5-1531

ÍTALO COSTA OLIVEIRA DE JESUS

**PAISAGEM, MEMÓRIA E IDENTIDADE: REFLEXÕES SOBRE A
REPRESENTAÇÃO DO BAIRRO DE PLATAFORMA, EM SALVADOR-BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) como requisito para obtenção do título de mestre, conforme avaliação da banca examinadora.

Aprovado em: 30/04/2025



Profa. Dra. Nayara Cristina Rosa Amorim

Orientadora

Universidade Federal da Bahia



Dr. Glauco de Paula Coccoza

Universidade Federal de Uberlândia

Dra. Camila Gomes Sant'Anna

Universidade Federal da Bahia



Documento assinado digitalmente

LEONARDO DOS PASSOS MIRANDA NAME

Data: 03/11/2025 15:30:23-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Leonardo dos Passos Miranda Name

Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

A Deus, que estendeu sua mão e me abençoou ao longo de toda a jornada. Reconheço sua bondade, misericórdia e graça derramadas sobre mim nesses dois anos.

À minha esposa, Emile, pelo apoio e ajuda; pelo cuidado, carinho e paciência nessa jornada exaustiva. Meu amor, agradeço por toda compreensão e pelas orações. Com você ao meu lado, essa trajetória se tornou muito mais especial. Isso é também por você. Te amo!

Aos meus pais, Márcio e Joseneide, por todo incentivo até aqui. As palavras de vocês sempre me encorajam e me fazem ir além. Essa conquista é fruto de todo o investimento que fizeram em mim. É também por vocês, pela nossa família. Os amo!

Aos meus irmãos, Kaíke e Tiago, que estão sempre ao meu lado, torcendo, celebrando e me abençoando. Obrigado pela amizade e cuidado! Espero sempre servir de exemplo. Amo vocês!

À minha vó, Dete, que já não está por aqui. Sua falta jamais será preenchida. Em todas as minhas conquistas seu nome estará registrado, porque há um pouco de você em tudo. À toda família e amigos, pelo apoio e torcida.

À minha querida orientadora, Nayara, pela paciência e ajuda nesse processo. Obrigado pela dedicação, suporte e incentivo.

Aos professores Dres. Glaucio Coccoza, Leonardo Name e Camila Sant'Anna, pelo acompanhamento em todas as bancas. As considerações de vocês neste trabalho foram fundamentais para os resultados alcançados. Me sinto honrado.

Ao programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) por todo o apoio ofertado e pelo ensino dos professores em cada disciplina. É uma honra fazer parte da história dessa grande e renomada universidade.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho surge do meu interesse enquanto pesquisador pelo estudo voltado às áreas de baixa renda da cidade de Salvador, o qual me dedico a estudar desde 2018 mediante uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida no bairro de Plataforma, no Subúrbio Ferroviário de Salvador, em uma área com grande valor histórico, mas ainda pouco valorizada em diversos aspectos: cultural, histórico e turístico.

Como morador deste bairro por mais de 20 (vinte) anos, sempre identifiquei o enorme potencial urbanístico associado à história pulsante de Plataforma, que permenece viva na memória da população. Além disso, cresci ouvindo histórias de como esse local foi importante para muitas famílias do bairro, como minha vó que já trabalhou na antiga fábrica de tecidos e várias outras pessoas que conheci ao longo da minha vivência no local.

Os moradores sempre falavam com muita afeição sobre essas recordações, citando elementos específicos do bairro, sejam eles naturais ou construídos. Posteriormente, após meu ingresso no curso de arquitetura e urbanismo, em 2017, compreendi que havia uma correlação direta entre a arquitetura e a vida das pessoas. Durante meu primeiro contato com a iniciação científica, me debrucei a estudar o impacto da arquitetura na sociedade utilizando o bairro de Plataforma como ponto de partida. O contato com literaturas, pesquisas e trabalhos voltados aos bairros populares me permitiu aprimorar um olhar mais atento e cuidadoso sobre a construção desses espaços que também são extremamente ricos de história e cultura.

A pesquisa de mestrado é, portanto, uma continuação dessa linha de investigação que me conduziu ao desenvolvimento da pesquisa sobre uma temática voltada à paisagem de Plataforma, me permitindo conhecer mais sobre a história do bairro, a influência da arquitetura na produção do espaço urbano, o cotidiano dos moradores e as relações que permeiam essa paisagem. É, mais ainda, uma forma de trazer novas reflexões, abrir espaço para discussões e contribuir para o avanço da aceitação, do reconhecimento e valorização dos bairros populares como produção cultural própria, única e singular.

RESUMO

O ser humano e o meio estão em constante interação e transformação, cujas realidades são impostas sobre o local e seu entorno ao longo do tempo, caracterizando, moldando e construindo o que pode ser chamado de paisagem. Este trabalho refere-se à análise da paisagem do bairro de Plataforma, situado no Subúrbio Ferroviário de Salvador. O objetivo fundamental consiste em compreender a paisagem de Plataforma como representação social e identitária do bairro. A metodologia da pesquisa parte de uma análise morfológica da paisagem, utilizando também entrevistas narrativas com abordagem qualitativa através de relatos subjetivos contados a partir das memórias dos participantes, com o intuito de compreender o símbolo por trás dos elementos da paisagem para a comunidade de Plataforma. O resultado da pesquisa aponta para a construção de uma paisagem sob forte valor simbólico e cultural, cujas memórias individuais remetem a diversos significados pessoais que representam o sentimento dos moradores locais, associados ao significado do bairro para a comunidade, da riqueza herdada pelas construções histórico-culturais, dos valores materiais e imateriais, e dessa relação de influência na história de vida das inúmeras famílias pertencentes a essa área.

Palavras-chave: paisagem; plataforma; memória; identidade.

ABSTRACT

Human beings and the environment are in constant interaction and transformation, whose realities are imposed on the place and its surroundings over time, characterizing, shaping and constructing what can be called landscape. This work refers to the analysis of the landscape of the neighborhood of Plataforma, located in the Subúrbio Ferroviário of Salvador. The fundamental objective is to understand the landscape of Plataforma as a social and identity representation of the neighborhood. The research methodology starts from a morphological analysis of the landscape, also using narrative interviews with a qualitative approach through subjective reports told from the memories of the participants, with the aim of understanding the symbol behind the elements of the landscape for the community of Plataforma. The result of the research points to the construction of a landscape with strong symbolic and cultural value, whose individual memories refer to diverse personal meanings that represent the feelings of the local residents, associated with the meaning of the neighborhood for the community, the wealth inherited by the historical-cultural constructions, the material and immaterial values, and this relationship of influence on the life history of the countless families belonging to this area.

Keywords: landscape; plataforma; memory; identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Caminhos da pesquisa	14
Figura 02 - Vista da área – Entorno das Fábricas	15
Figura 03 – Mapa de localização do bairro de Plataforma	16
Figura 04 – Área da Pesquisa.....	18
Figura 05 – Vista superior da Rua Úrsula Catharino	20
Figura 06 - Desenho urbano do bairro de Plataforma.....	51
Figura 07 – Subdivisão do bairro de Plataforma.....	55
Figura 08 - Desenho urbano da seção inferior de Plataforma.....	56
Figura 09 - Vista para a Baía de Todos os Santos	56
Figura 10 – Trem do Subúrbio	57
Figura 11 - Ocupação Urbana	58
Figura 12 - Esquematização dos elementos	59
Figura 13 - Conexão Plataforma-Ribeira	60
Figura 14 - Terminal Marítimo Plataforma-Ribeira	61
Figura 15 - Baía de Todos os Santos - Ribeira	63
Figura 16 - Terminal Marítimo suspenso sob o mar.....	64
Figura 17 - Plataforma vista da Ribeira	65
Figura 18 - Atividades pesqueiras em Plataforma	66
Figura 19 - Praia do Alvejado	67
Figura 20 - Crianças brincando no mar.....	69
Figura 21 - Borda marítima de Plataforma	70
Figura 22 - Malha Ferroviária.....	72
Figura 23 - Antigo trem em funcionamento.....	74
Figura 24 - Trilho do trem	76
Figura 25 - Autoconstrução nos morros de Plataforma	77

Figura 26 – Representação topográfica de Plataforma	78
Figura 27 – Relação entre a topografia e o mar	79
Figura 28 – Forma de ocupação do bairro de Plataforma	80
Figura 29 – Rua Almeida Brandão	81
Figura 30 – Fábrica União Fabril dos Fiais	84
Figura 31 – Estado de degradação das fábricas	85
Figura 32 – Residências operárias em Plataforma	86
Figura 33 – Tipologia das residências operárias	88
Figura 34 – Escola Úrsula Catharino	89
Figura 35 – Escola São Braz	90
Figura 36 – O verde da paisagem de Plataforma	91
Figura 37 – O destaque das palmeiras	92
Figura 38 – Vegetação da praia do Alvejado	93
Figura 39 – Vegetação da rua Almeida Brandão	94
Figura 40 – Vegetação nas ruínas da Fábrica São Braz	95
Figura 41 – Vegetações da rua Úrsula Catharino	96
Figura 42 – Uso do Terminal Marítimo	97
Figura 43 – Moradores reunidos no canteiro central	98
Figura 44 – Moradora observando a rua	99
Figura 45 – O símbolo religioso	101

LISTA DE SIGLAS

AMPLA	Associação de Moradores de Plataforma
CTEB	Companhia de Transportes do Estado da Bahia
EFBSF	Estrada de Ferro da Bahia ao São Francisco
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPAC-BA	Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia
OBSERVASSA	Observatório de Bairros Salvador
PPGAU	Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
UFBA	Universidade Federal da Bahia
VLT	Veículo Leve Sobre Trilhos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
RECORTE ESPACIAL DA PESQUISA	16
2 A NOÇÃO DE PAISAGEM.....	20
DIRETRIZ INICIAL	21
2.1 A MEMÓRIA COMO MECANISMO DE PERCEPÇÃO DA PAISAGEM	27
2.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE: ASPECTOS SUBJETIVOS NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM	33
3 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	38
3.1 UMA ABORDAGEM MORFOLÓGICA DE APREENSÃO DA PAISAGEM.....	39
3.2 CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DE DADOS NARRATIVOS	41
3.3 O CONTATO INICIAL: DIFICULDADES E OBSTÁCULOS.....	44
3.4 DIRETRIZES INICIAIS ACERCA DA SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES	46
3.5 APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES E CONTEXTUALIZAÇÃO DOS.....	48
DEPOIMENTOS ORAIS	48
3.6 DA CONCEPÇÃO DO PRODUTO FINAL	50
4 ENTRE O MAR E A COLINA: O ESTUDO DA FORMA URBANA E A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM DE PLATAFORMA	51
4.1 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS	97
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS	105
APÊNDICE	109

1. INTRODUÇÃO

A paisagem reúne diversos elementos repletos de significados e capazes de serem percebidos de maneiras distintas por cada indivíduo, sendo ele o ponto central para qualquer elucidação que possa ser feita sobre essa temática. Para Negreiros *et al.* (2012), a paisagem pode ser definida do ponto de vista a partir do qual ela é observada, ou seja, a condição de sua existência está associada a atividade de um sujeito, motivo pelo qual, na história da civilização, o desenvolvimento da paisagem esteve frequentemente acompanhado pelo do indivíduo.

Dessa forma, falar sobre paisagem é também falar sobre o indivíduo e seu entendimento de mundo, abrangendo suas lembranças e memórias, história de vida, realidade social, convicções e incertezas; o exercício de percepção da paisagem ocorre de forma única, peculiar e singular. Se os aspectos subjetivos de um indivíduo ou grupo estão indissociáveis a esta discussão, sejam valores, saberes, expressões artísticas ou crenças, inevitavelmente, tem-se a cultura como um componente de total relevância para a concepção da paisagem, tanto através de suas características materiais como imateriais.

Este trabalho aborda o estudo de um trecho da paisagem de Plataforma, bairro popular do Subúrbio Ferroviário de Salvador, enquanto aspecto cultural e simbólico. Sob o olhar das relações que foram desenvolvidas ao longo do tempo entre a população local e sua arquitetura, busca-se encontrar uma conexão entre ambos que culmine na produção de uma paisagem como expressão da identidade local. Parte-se da premissa de que a paisagem de Plataforma abrange muito mais profundidade e significado do que um mero retrato estético ou paisagístico. Na verdade, é proposto aqui um entendimento da paisagem de Plataforma sob um aspecto fortemente cultural, formada tanto pela arquitetura histórica do bairro quanto pelas características naturais de seu entorno que, ao longo do tempo, se consolidaram como símbolo de uma identidade.

A pesquisa se desenvolve em torno de uma problemática central: como a memória e os aspectos subjetivos da experiência humana contribuem na construção da paisagem como representação social? O estudo caminha no sentido de compreender como se estabelece esse processo de apreensão e como ele pode ser concebido além dos elementos materiais e físicos, presentes na forma como o sujeito se reconhece, se desenvolve, constrói sua história de vida, marcos, memórias e trajetórias pessoais. Nesse sentido, o objetivo principal do trabalho visa identificar a paisagem de Plataforma como uma representação social e identitária do bairro. A construção da paisagem enquanto identidade de um bairro exige um forte vínculo com sua

história e os moradores que o compõe, estando para além de seu papel estético e totalmente associada à vivência das famílias locais ao longo de gerações — uma vez que se exige tempo para que essa relação seja estabelecida e consolidada. Para tanto, destacam-se os objetivos específicos para compactar este desenvolvimento: apresentar a definição de paisagem, memória e identidade; analisar os aspectos físicos e subjetivos da paisagem de Plataforma; identificar os elementos que compõem a paisagem de Plataforma e suas características sociais e compreender a percepção dos moradores sobre a paisagem do bairro e seu significado para a comunidade.

Neste interim, torna-se interessante responder às seguintes questões: Qual a influência dos elementos de paisagem na história do bairro e das famílias locais? Quais as subjetividades e simbologias por trás da paisagem de Plataforma? Desse modo, a pesquisa divide-se em 5 (cinco) capítulos, distribuídos de forma a permitir um melhor entendimento das questões que permeiam este trabalho, sendo eles, respectivamente: introdução, a noção de paisagem; os caminhos metodológicos da pesquisa; entre o mar e a colina: estudo da forma urbana e a construção da paisagem de Plataforma; e as considerações finais. A intenção de não ramificar o trabalho consiste em tornar esta produção suave, dinâmica e compacta, possibilitando uma leitura acessível, na qual todos os pontos são conectados diretamente de forma a garantir que o material seja útil não apenas ao meio de produção acadêmico, mas à comunidade de Plataforma, após a disponibilização deste material.

O segundo capítulo, a partir de onde se desenvolve a pesquisa, é caracterizado pela fundamentação e discussão teórica do tema em torno dos conceitos principais que serão abordados, estabelecendo também a linha de pesquisa que será defendida ao longo do trabalho através dos autores apresentados, que abordam a definição de paisagem, memória e identidade como aspectos presentes na percepção do indivíduo. A fundamentação teórica sobre paisagem assenta-se, principalmente, sobre a Geografia Cultural, referenciada pelos estudos de Carl Sauer em “Morfologia da Paisagem”, uma de suas principais obras, publicada em 1925. Outros autores ajudaram a complementar a noção de paisagem defendida ao longo do trabalho, sobretudo quanto ao aspecto do significado da paisagem e sua interação com o sujeito através da memória, com destaque para a contribuição de Otávio Costa em seu trabalho sobre paisagem e memória, publicado em 2008.

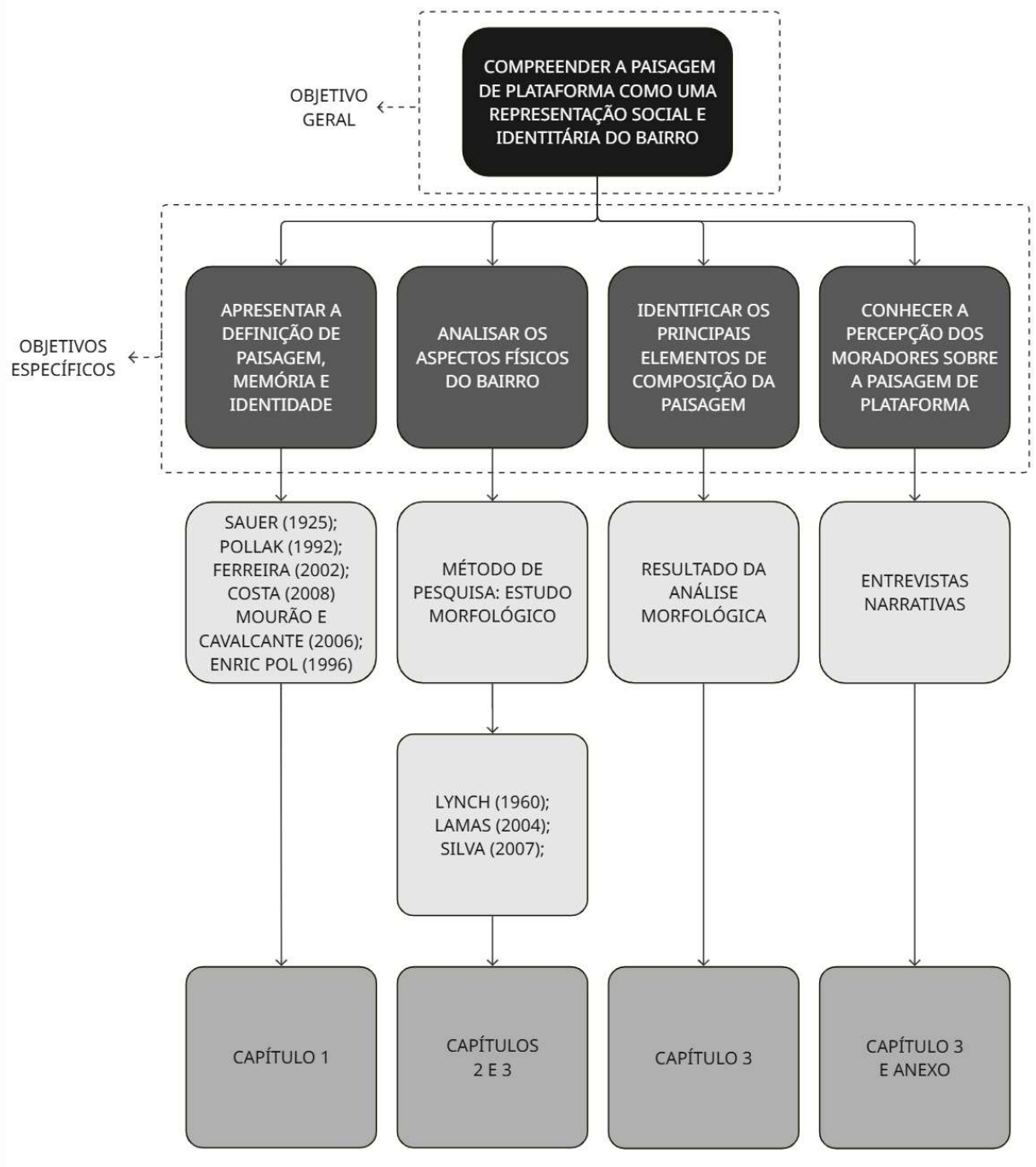
Nas discussões sobre memória, o principal autor aplicado foi Michel Pollak com sua obra “Memória e Identidade Social”, de 1992, que estabelece uma relação entre ambos os termos como mecanismos subjetivos para a compreensão da paisagem de Plataforma. Ademais,

a professora Marieta de Moraes Ferreira também foi importante nessa fundamentação, com seu trabalho “História, tempo presente e história oral”, publicado em 2002, no qual o enfoque recai sobre a aplicação da memória no processo de percepção da paisagem. O conceito de identidade adotado na pesquisa foi introduzido por Mourão e Cavalcante através da Psicologia Ambiental, por meio de um estudo, publicado em 2006, que analisou o processo de identidade dos moradores com a estrutura física de uma cidade. O termo foi melhor desenvolvido ao longo do trabalho por Enric Pol, especialmente com sua contribuição sobre a apropriação do espaço, de 1996.

No terceiro capítulo, define-se a metodologia e seus desdobramentos práticos, utilizando-se do embasamento teórico para justificar a escolha do método e os instrumentos de coleta de dados. Destaca-se o contato inicial com a comunidade, o critério de seleção dos entrevistados e as dificuldades durante a condução e a concepção do produto final. A pesquisa utilizou o estudo morfológico como método de análise da paisagem de Plataforma, tendo enorme influência de alguns fatores apresentados por Kevin Lynch em “A Imagem da Cidade”, de 1960, uma das obras mais influentes sobre técnicas de percepção urbana.

O capítulo quarto se constitui como os resultados da pesquisa através da análise morfológica da paisagem de Plataforma, tendo como ponto de partida o traçado e o desenho urbanos, assim como as características que dão origem aos elementos estruturantes da forma física do bairro. Esses elementos se constituem uma das principais relações no exercício de percepção da paisagem de Plataforma, gerados por uma mescla entre os aspectos geográficos naturais e construídos. No decorrer do capítulo, a análise da paisagem é relacionada, simultaneamente, aos depoimentos dos moradores e à discussão teórica.

Na última etapa, apresentam-se as considerações finais do trabalho e as conclusões alcançadas, reforçando as contribuições da pesquisa e fomentando novas discussões e reflexões que possam ajudar a compreender os processos que constituem e evidenciam a identidade de um local e como ela pode ser associada a aspectos da própria arquitetura. Os caminhos e desdobramentos metodológicos da pesquisa foram destacados de forma mais completa através do fluxograma presente na Figura 01, permitindo uma compreensão mais ampla da estrutura deste trabalho.

Figura 01 - Caminhos da Pesquisa

Fonte: Produzido pelo autor (2025).

A área da pesquisa se estabelece em torno de elementos centrais que serão representados ao longo do trabalho, como, por exemplo, as ruínas da antiga fábrica São Braz (figura 02) caracterizadas como um ícone da arquitetura industrial e que também servem como um memorial simbólico para o bairro de Plataforma.



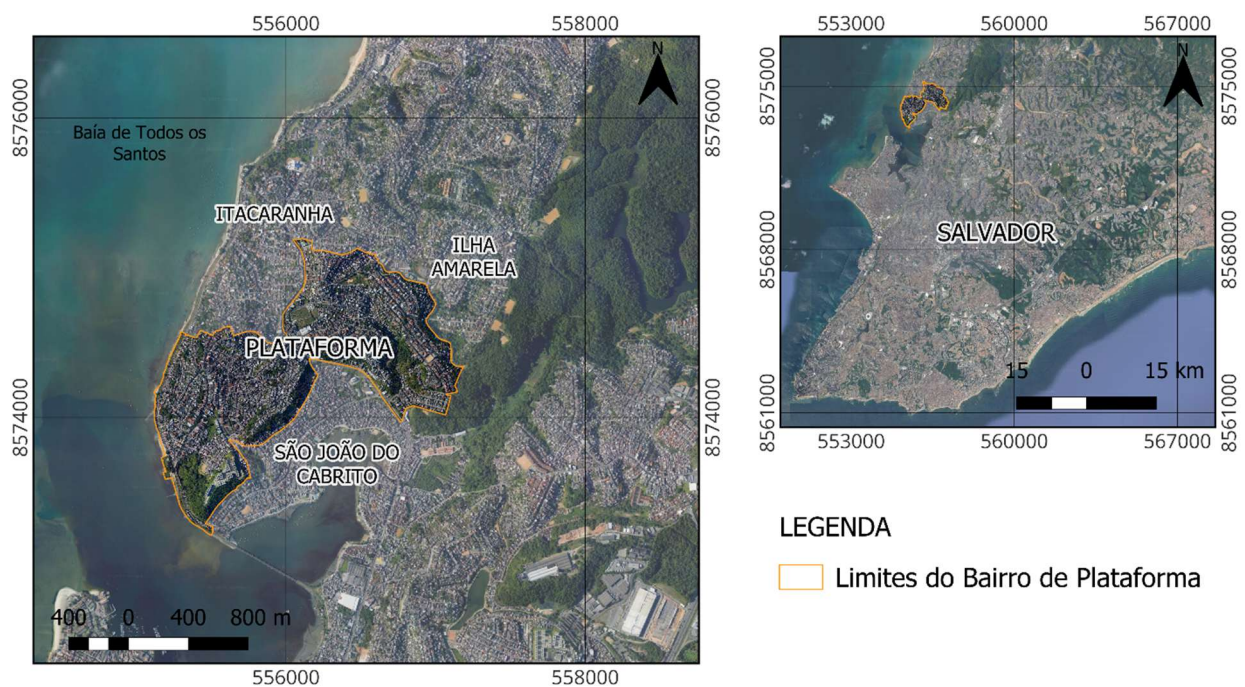
Figura 02 - Vista da área – Entorno das Fábricas
Fonte: Produzido pelo autor (2024).

RECORTE ESPACIAL DA PESQUISA

De acordo com a Prefeitura de Salvador, com base no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o bairro de Plataforma possui uma área de 177,25 hectares, com uma população estimada em 25.752 habitantes e densidade demográfica de 145,3 hab/ha, conforme o censo demográfico de 2022. Na Figura 03, é possível visualizar a extensão territorial do bairro de Plataforma, cujos limites faceiam os bairros de São João do Cabrito, Itacaranha e Ilha Amarela.

Em relação aos dados socioeconômicos da localidade, o Observatório de Bairros de Salvador (ObservaSSA), com base no censo de 2010, destacou que a maior parte dos habitantes de Plataforma se declarou parda (55,55%) e preta (29,46%), entre 20 e 49 anos, com 40% dos responsáveis por domicílio permanente classificados na faixa de 0 a 1 salário-mínimo, e 35% na faixa de 1 a 3 salários-mínimos. Plataforma faz parte do Subúrbio Ferroviário de Salvador, junto com mais de 20 outros bairros. O termo “Ferroviário” foi atribuído à região devido à histórica linha do trem que funcionava até 2021, antes da sua desativação, para dar início à implantação do Veículo Leve Sobre Trilhos (VLT).

Figura 03 - Mapa de localização do bairro de Plataforma



Fonte: Produzido pelo autor, segundo dados do IBGE (2022).

A escolha por Plataforma é reforçada, primeiramente, para garantir a continuação do

estudo sobre o bairro que teve início em 2018, ainda durante a etapa de graduação. Por outro lado, é uma maneira de tornar notórias as características socioespaciais dos bairros populares que não são comumente divulgadas e vão de encontro à visão restrita e unilateral que é apresentada sobre as regiões do Subúrbio Ferroviário de Salvador. No imaginário que permeia o senso comum, somado à negligência do Estado em garantir a visibilidade adequada dos bairros mais populares através de infraestrutura básica, de transporte, saúde, educação e turismo, fica evidente a ideia pré-estabelecida sobre esses locais e a vivência desses grupos. Tais locais se resumem a espaços de pouco interesse coletivo, vulnerabilidade social e econômica, problemas socioespaciais com habitações precárias, baixa qualificação profissional e de origem marginalizada, ocorrendo quase que de forma espontânea e automática.

É importante salientar outra vertente sobre esses espaços, partindo, inclusive, da percepção dos próprios moradores. Há uma quantidade significativa de pessoas que vivem em regiões periféricas ou bairros populares e não trocariam as relações sociais que existem nessas comunidades por outros espaços, mesmo diante de uma rede mais adequada de infraestrutura urbana. A vivência local dessas áreas ainda é pouco conhecida e difundida de forma acadêmica, assim como as potencialidades, o turismo, a produção cultural e esportiva, e até mesmo a paisagem.





Em Plataforma, o interesse pela paisagem é algo quase que espontâneo e natural para quem transita pelo bairro, em especial pelas suas características litorâneas, que tem como pano de fundo a Baía de Todos os Santos como limite de seu horizonte paisagístico e o assento topográfico irregular que traz a sensação de estar em uma pequena ilha no meio da cidade. Além disso, a presença de uma arquitetura rica em cultura exalta a paisagem do bairro com construções que abordam não somente a história do local, mas que também foram importantes para o desenvolvimento da cidade de Salvador.

A pesquisa, no entanto, não contempla todo o bairro de Plataforma, mas se utiliza de um recorte específico para servir como objeto de estudo, dada a importância desse espaço para a formação do bairro. A área selecionada contempla o entorno imediato das fábricas que foram as construções pioneiras do bairro: o local da antiga linha do trem do Subúrbio, a praia do Alvejado, as ruas Úrsula Catharino e Almeida Brandão, assim como o terminal marítimo Plataforma-Ribeira, como pode ser visto na Figura 04.

Figura 04 - Área da Pesquisa
Fonte: Produzido pelo autor, segundo dados do IBGE (2022).



LEGENDA

-  Município de Salvador
-  Limites do Bairro de Plataforma
-  Área da Pesquisa
-  Baía de Todos os Santos
- 01 Fábrica São Braz
- 02 Rua Almeida Brandão
- 03 Rua Úrsula Catharino
- 04 Praia do Alvejado
- 05 Antiga linha do trem
- 06 Terminal Marítimo



Essas edificações são ruínas da antiga Fábrica São Braz que, devido à sua importância histórica, tanto para o bairro quanto para o setor industrial e econômico da cidade, foi reconhecida como patrimônio cultural por meio do processo de tombamento. Contudo, se por um lado houve um reconhecimento legal, por outro, nenhum incentivo foi feito para tentar preservar a memória de sua arquitetura ou mesmo para manter um uso alternativo, na tentativa de evitar a degradação física e estrutural do edifício, razão pela qual encontra-se em estado de deterioração. Apesar disso, o local ainda permanece sendo visitado por muitas pessoas, universidades e escolas, servindo como palco de estudos, contemplação e valorização patrimonial.

Outro fator que ratifica a escolha pela área é que o espaço de estudo da pesquisa é permeado de elementos físicos que corroboram para a produção de um trabalho de cunho morfológico, possibilitando o desenvolvimento de um material visualmente atrativo, construído através de aspectos da paisagem do bairro associados a histórias narradas por moradores, capaz de contribuir, de igual modo, para outros trabalhos voltados à percepção da paisagem. A riqueza da paisagem de Plataforma envolve a topografia, o mar, as edificações, o traçado das ruas, as tipologias arquitetônicas, a vegetação e a história por trás de cada um desses objetos. Não obstante, o bairro carrega também a tranquilidade da região beira-mar, a simplicidade das atividades cotidianas, o vínculo de amizade entre os moradores e a sensação de bem-estar que apenas tornam esse cenário um terreno ideal para a aplicação deste trabalho.

A influência desses elementos, dispostos e sobrepostos entre si, é fundamental para compreender como essa composição pode ser percebida como uma representação social e identitária de Plataforma. Contudo, é importante ressaltar que o trabalho não descarta a possibilidade de coexistirem outros símbolos que, da mesma forma, sejam capazes de representar as características sociais e históricas do bairro, muito menos que sejam apresentadas em novos estudos de tal maneira que abranja outros campos além da arquitetura ou do urbanismo. Além de outras formas de arte tais como pintura, esculturas ou obras literárias que resgatem esse sentimento de pertencimento ou identidade do bairro. Em vista disso, não há intenção de reduzir o bairro de Plataforma apenas a um determinado objeto, haja vista que a história do local, sua cultura e patrimônio, podem mostrar muito mais riqueza à medida que sejam descobertos e divulgados, sendo um campo aberto para novas pesquisas que busquem conhecer outros aspectos de valor e significado tão importantes quanto essa paisagem.

2 A NOÇÃO DE PAISAGEM



Figura 05 - Vista superior da Rua Úrsula Catharino
Fonte: Produzido pelo autor (2024).

DIRETRIZ INICIAL

A paisagem é o elemento central que percorre toda a discussão abordada nesta pesquisa, na busca de analisar seu papel na formação de uma representação social do bairro. Exposto o enfoque deste trabalho, o conceito de paisagem é determinante para direcionar os caminhos que possibilitam enxergá-la sobre essa face da arquitetura. É válido atestar, que a linha norteadora sobre o estudo de paisagem destacada neste capítulo é voltada a uma argumentação que insere a arquitetura e seu valor simbólico para o local, não menosprezando ou negligenciando suas vertentes ligadas a uma abordagem puramente geográfica, naturalista e ecológica. Porém, articula-se aqui, intencionalmente, sob um aspecto que abrange o cultural, a interação e as trocas entre a sociedade e a paisagem. Deste modo, a definição se estende além dos limites de seus elementos físicos-naturais, mesmo que estes também façam parte da análise aplicada ao longo do trabalho.

Cabe ressaltar essa perspectiva cultural devido às divergências referentes ao conceito de paisagem, o qual a intencionalidade e os objetivos a serem contemplados permitem seu uso e aplicação em amplo sentido, contribuindo para um campo de visão bastante difuso e indefinido. Essa dificuldade de consenso pode ocorrer por causa do contínuo processo de transformação da própria cultura.

Durante mais de vinte e cinco anos andei a tentar compreender e explicar esse aspecto do meio ambiente que apelidamos de paisagem (...) e ainda assim tenho de admitir que esse conceito continua a iludir. Talvez, uma razão para isso seja o fato de eu continuar a insistir em vê-lo, não como uma cenografia ou entidade ecológica, mas como uma entidade poética ou cultural, mudando ao longo da história (Brinckerhoff-Jackson, 1984, p. 145-158, *apud* Polizzo, 2016).

Polizzo (2016), destaca o aspecto volátil e instável que permeia os estudos de paisagem, cujas definições estão longe de uma resposta precisa. Com isso, diante das inúmeras possibilidades de aplicação do termo, compreende-se que é de caráter essencial, cada vez mais, o estímulo aos estudos dedicados à construção e percepção da paisagem, principalmente devido às muitas lacunas que ainda parecem indefinidas. Logo, reforça-se a importância de produções acadêmicas variadas e com diferentes abordagens, agregando tanto para o enriquecimento do debate quanto para uma perspectiva mais clara, consensual e próxima daquilo que as diferentes áreas têm buscado ao longo do tempo.

Diante disso, ainda hoje, o conceito de paisagem é um campo de estudo em que há questionamentos. Essa noção foi sendo construída por diversas áreas do conhecimento, por

pintores, filósofos, literários, geógrafos, arquitetos, ambientalistas; assim, surgiram várias "definições" e percepções para tentar determiná-la. Durante muito tempo, parte dos geógrafos aceitaram que a paisagem era apenas uma porção do espaço geográfico que era possível olhar, estudando como paisagem as características desse espaço — uma ideia que permanece sendo compartilhada pelo senso comum (Kiyotani, 2012).

Sob esse viés de paisagem, pertencente à classificação restrita ao visível, destaca-se também o geógrafo brasileiro Milton Santos que compartilha do mesmo entendimento, partindo da ideia de que “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc” (Santos, 1988, p. 21). Essa noção de paisagem consiste em uma percepção bastante superficial, uma vez que desconsidera diversos fatores importantes que estão além dos limites do aspecto material. Desse modo, a pesquisa parte de uma ótica diferente sobre o que, de fato, deve ser considerado para se obter uma compreensão mais adequada do conceito de paisagem.

Ao mencionar o termo paisagem, pautado sobre os fundamentos desse senso comum — se é que pode ser nomeado dessa forma — logo vem à mente uma ideia completamente generalista do que está sendo dito quando este é referido, e com absoluto domínio e precisão de sua caracterização. Acerca desses pressupostos, Vladimir Bartalini faz algumas pontuações de grande interesse para a discussão:

De todo modo, cabe perguntar por onde se dá a hegemonia do suposto conceito no senso comum, que passa, de praxe, pela associação de paisagem com natureza ou com ambiente. O par paisagem-natureza tanto pode concernir às ciências naturais quanto à estética. [...] Se se considera o par paisagem-ambiente, também mais de uma entrada se apresenta, pois ambiente, no vulgo, remete muitas vezes à ecologia, ao uso, conservação e preservação dos recursos naturais, à agenda específica do movimento ecológico-ambiental, mas ainda à ambiência, que pode ou não apresentar pontos em comum com aquela agenda. Afinal, em que terreno se está pisando: das ciências naturais e ambientais, da arte, da cultura de um modo mais geral? Quanto à natureza, depois da fundamental contribuição de Robert Lenoble¹, parece não fazer sentido referir-se a ela sem levar em conta as diferentes concepções de mundo, os diversos olhares que a definem e redefinem continuamente, a inseparabilidade entre os “dois aspectos, ‘científico’ e ‘moral’, da ideia de Natureza”. Pode-se considerá-la, portanto, dentro do vasto campo da **cultura** de uma sociedade (Bartalini, 2013, p. 4, grifo nosso).

¹ Para contextualizar o conceito de paisagem, Vladimir Bartalini faz referência à obra “História da ideia de natureza”, do filósofo e historiador francês Robert Lenoble, analisando como a ideia de natureza assumiu diversas formas no decorrer da história, passando a ser explorada e moldada pela sociedade através da técnica experimental.

O autor explicita o fato de que definir paisagem não é uma tarefa simples, sobretudo diante das várias nuances que fazem parte da discussão, inclusive no aspecto semântico, o que permite explorar várias perspectivas referentes ao mesmo objeto. Segundo Palma (2016), na geografia houve uma preocupação pulsante com a noção de paisagem, propagada por Humboldt, Ritter e depois Ratzel, este a partir de 1880 com a antropogeografia. As abordagens diferenciadas derivariam a partir daí, encaminhadas principalmente na geografia alemã, inglesa, estadunidense e francesa; ora privilegiando elementos físicos, ora valorizando elementos de ordem cultural.

Para Maximiano (2004), a partir de Humboldt, geógrafo alemão, por volta do século XVIII, surgem estudos mais sistemáticos que levariam à compreensão de paisagem como resultante de um complexo de interações entre elementos naturais e humanos. Na década de 1960, Bertrand, geógrafo francês, definiria que paisagem não seria a simples junção de elementos geográficos que resultaria em uma paisagem, mas a combinação dinâmica, instável, dos elementos físicos, biológicos e antrópicos, porque a paisagem não é apenas natural, mas é total, com todas as implicações da participação humana.

Entre os geógrafos há um consenso de que a paisagem, embora tenha sido estudada sob ênfases diferenciadas, resulta da relação dinâmica de elementos físicos, biológicos e antrópicos. E que ela não é apenas um fato natural, mas inclui a existência humana. Tanto a escola alemã, como a francesa, que influenciaram a geografia brasileira, dão ênfase a aspectos diferentes da paisagem. A geografia alemã tem herança naturalista, desde Humboldt; a francesa desenvolveu observações quanto à região, formada pelas culturas e sociedades em cada espaço natural (Maximiano, 2004, p. 5).

Ao longo dos avanços sobre paisagem, enfatiza-se um aspecto relevante para a composição do conceito: a inclusão da existência humana. É nesse período, por volta de 1960, que vários termos como percepção e imagem, por exemplo, começam a aparecer nos debates, com o objetivo de buscar paradigmas metodológicos como base para uma determinada corrente de pensamento, a qual buscaria entender como as pessoas percebem ou imaginam o espaço em sua volta e como se estabelece a relação dos diversos grupos sociais com a paisagem, assim como sua interferência no meio através de valores, atitudes e expectativas (Palma, 2016).

É nesse contexto que Lynch (1960) produz sua obra mais conhecida: *The Image Of the City*. Nessa literatura clássica, o autor aborda a paisagem como algo para ser “apreciado, lembrado e contemplado” (Lynch, 1960, p. 9). Na percepção do urbanista americano, a paisagem urbana está relacionada com a imagem de seu meio ambiente, e essa é, por um lado, produzida por construtores que modificam constantemente a estrutura das cidades mas, por outro lado, essa imagem é “resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio”

(Lynch, 1960, p. 16). Durante suas análises sobre as cidades norte-americanas, ele busca compreender como as pessoas percebem a cidade através de suas vivências diárias, estabelecendo relações que se formam ao decorrer das experiências e culminam na paisagem absorvida pelo cidadão comum, de forma individualizada, uma vez que este não é mero figurante da paisagem urbana, mas passa a ser entendido como um elemento ativo, que faz parte do espetáculo.

Para Carl Sauer (1925), geógrafo estadunidense, considerado o principal teórico para embasar o entendimento de paisagem nesta pesquisa, o conteúdo cultural presente na paisagem é a marca da existência humana em uma área. Em outras palavras, a cultura seria o elemento que, agindo sobre o meio natural, resulta nessa paisagem. Ainda segundo o autor, “a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado” (Sauer, 1925, p. 59). Neste contexto, percebe-se uma distinção entre a paisagem cultural e a paisagem natural, apesar de haver uma relação direta entre os dois termos. Sob a ótica de Sauer (1925), a paisagem natural pode ser entendida como aquela em que as características físicas e ambientais não recebem nenhuma intervenção da existência humana, enquanto a paisagem cultural carrega traços de experiências que moldam, modificam e configuram novas áreas. Diante disso, é possível conceber a paisagem urbana como um tipo de paisagem cultural, cuja modificação e adaptação humana ocorre com base na cidade.

Ao partir da análise de Sauer sobre a paisagem dividida entre natural e artificial, Milton Santos também pontua:

Carl Sauer, pai da geografia cultural ²- muito próxima da antropogeografia de Ratzel e da geografia humana de Vidal de la Blache - propôs que considerássemos dois tipos de paisagem, a natural e a artificial. [...] A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano. Se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente não existe mais. Se um lugar não é fisicamente tocado pela força do homem, ele, todavia, é objeto de preocupações e de intenções econômicas ou políticas. Tudo hoje se situa no campo de interesse da história, sendo, desse modo, social. A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea. A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e de atores. Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial (Santos, 1994, p. 22-23).

² Considera-se um ramo da geografia que utiliza dos fenômenos culturais para analisar o espaço. Segundo Corrêa (2009), a geografia cultural tem como foco a interpretação das representações que os mais variados grupos sociais construíram a partir de suas próprias experiências e práticas.

Nesse sentido, apesar da discordância com a noção de paisagem apresentada por Milton Santos, é possível concordar com o fato de que o mundo caminha a passos largos para uma característica quase ou totalmente artificial, na qual a realidade social está inserida em todos os contextos espaciais, mesmo naqueles em que não ocorreram ainda, efetivamente, uma intervenção humana, mas já paira uma intenção de moldá-los ou adaptá-los a determinada ação, inclusive política ou econômica. Desse modo, a extensão dessa dimensão cultural, que é exercida sobre a paisagem, tende a caracterizar, de forma contínua, as áreas onde a existência humana consiga alcançar.

Por um lado, Sauer (1925), com sua linha de pensamento voltada à Geografia Cultural, pontua que a paisagem é caracterizada pela cultura de um povo; seria possível considerar a paisagem, portanto, como a expressão de valores, histórias, conhecimento, aprendizado, costumes, atividades diárias, apropriação, ou seja, formada por parte de uma visão de mundo; por outro, dentro dessa mesma linha norteadora, Lynch (1960) corrobora com a ideia de que cada observador — que não é um sujeito passivo, mas faz parte da formação dessa paisagem — também pode enxergá-la de maneira subjetiva, sob lentes de afinidades, memórias e significados com determinada área da cidade.

É a partir dos estudos de Sauer (1925), estabelecidos sob o pilar cultural, que passa a se desdobrar uma nova concepção de paisagem, cada vez mais sensível à experiência humana. Na segunda metade do século XX ocorre uma crescente preocupação humanista na geografia — ou “nova” geografia — que aborda não apenas os elementos objetivos do meio físico-químico-biótico e social, mas passa a incluir os componentes relacionados ao mundo psíquico, de como as pessoas percebem e como esta percepção exerce influência no modo de agir sobre o espaço (Palma, 2016).

Nesse cenário, evidencia-se os estudos de Miranda Magnoli, arquiteta de grande prestígio e reconhecimento nas pesquisas sobre paisagem no Brasil. A autora defende a morfologia da paisagem como um processo de interação entre os processos de suporte — classificados como aspectos geográficos e climáticos — e os processos sociais e culturais — de característica antrópica. A paisagem não é apenas figura-fundo, mas conformação e configuração, envolvendo processos de interação entre sociedade e natureza (Magnoli, 1994). Para Chiesa (2006), a noção de paisagem defendida por Miranda Magnoli, logo, emerge da sociedade e suas múltiplas culturas, tendo como conteúdo e continente os processos sociais e sua interação dinâmica com o ambiente natural e humano, em um viés histórico e dialético. A

grande contribuição de Magnoli diz respeito ao entendimento de paisagem como resultado de processos sociais e ambientais, ao contrário de algo meramente visual e pitoresco (Macedo, 2006).

A paisagem é entendida neste trabalho dentro dessa perspectiva, como um processo bilateral que ocorre entre o espaço natural e aquele alcançado e transformado pela sociedade e suas diversas culturas, sendo uma construção social, histórica e cultural que funciona de forma mútua, exigindo a participação e a vivência dos grupos sociais. Assim, paisagem e cultura estão totalmente relacionadas e precisam ser definidas para que haja uma melhor compreensão de como esses aspectos podem influenciar nessa composição.

De acordo com White (2009), a cultura é indissociável das pessoas; não existe ser humano sem cultura. Essa explicação pode ser feita através dos símbolos e significados que são inerentes à experiência humana, sendo, portanto, a cultura realizada pelo processo de simbolização. Dessa forma, o autor acredita que a cultura surge da capacidade de os seres humanos atribuírem significados aos símbolos, como um ato de simbolizar algo, de torná-lo importante. Além disso, a cultura não é homogênea, mas diversamente variada e com dimensão temporal, o que permite que uma mesma cultura se altere ao longo do tempo.

Por conseguinte, os arquitetos se referem ao espaço como uma entidade concreta, palpável, capaz de medir, manipular e configurar. A maioria das pessoas percebe o espaço através dos referentes simbólicos gerados pelas formas de uso, apropriação e representação, a partir das suas práticas sociais. As representações se desenvolvem no plano concreto e no imaginário. Cultura, de forma simples e objetiva, é tudo o que une ambas as dimensões, ou seja, o concreto e o simbólico, pois elas estão conectadas. Ambas são criações humanas, assim como são os prédios, a cidade e a paisagem (Chiesa, 2006).

Segundo Costa (2008), o aspecto simbólico de uma paisagem é algo que precede a linguagem e o pensamento, e assim revela certos aspectos da realidade e enfatiza a relação entre os símbolos e os grupos sociais. Essas conexões são feitas através de elementos físicos ou associados a uma ideia, um valor ou sentimento. O autor elenca que o patrimônio cultural de um local é apresentado por um conjunto de símbolos presentes na paisagem. Essa ideia não pode contemplar apenas o institucionalizado, isto é, o reconhecido pela importância histórica de valor arquitetônico, mas aquele que representa uma determinada memória, esta que não conta apenas a história oficial, mas que permite identificar o sujeito oculto que não aparece na cena, porém, faz parte da produção da paisagem e como esta caracteriza o espaço por meio das

diversas práticas sociais.

De fato, a paisagem entendida simplesmente como uma moldura ou cenário, composta por elementos naturais e físicos, sem que haja a presença humana e suas vivências, memórias, aspectos sócio-culturais, históricos e econômicos que a influenciam, não permitem aprofundar o verdadeiro sentido por trás da construção da paisagem. A sociedade e a paisagem estão em constante interação e transformação, que tem suas realidades impostas sobre o local e seu entorno ao longo do tempo, caracterizando, moldando e construindo o que pode ser chamado de paisagem.

Ao olhar para a paisagem de Plataforma, percebe-se um conjunto de fatores que a compõe, como as ruínas da Fábrica São Braz e a Fábrica União Fabril dos Fiais, a vila operária construída após a fábrica e a tipologia arquitetônica peculiar das residências da região, a praia do alvejado que se conecta com a Baía de Todos os Santos, o terminal marítimo, a figura-fundo da topografia acentuada e formação de altos morros — elementos que serão desenvolvidos posteriormente. Tais elementos são essenciais para compreender não apenas essa composição estética-paisagística, mas para entender como a população local vive, se apropria da paisagem, estabelece suas atividades locais e, conseqüentemente, as memórias individuais e coletivas que estão totalmente relacionadas aos fatores destacados. Entender a relação entre os elementos físicos e naturais da área com a experiência *in loco* dos moradores é um caminho que será percorrido e aprofundado nos próximos capítulos deste trabalho.

A discussão será associada a outros conceitos importantes para a compreensão da paisagem enquanto símbolo identitário: memória e identidade. Essa correlação será fundamentada principalmente nas contribuições de Marieta de Moraes Ferreira, historiadora e professora brasileira, referência nos estudos acadêmicos com ênfase em história oral, e Michael Pollak, importante sociólogo que se debruçou sobre os conceitos que serão abordados a seguir, com apoio de outros autores para enfatizar a teoria defendida.

2.1. A MEMÓRIA COMO MECANISMO DE PERCEPÇÃO DA PAISAGEM

O aprofundamento das discussões sobre as interações entre passado e presente na história, juntamente com o rompimento da ideia que identificava objeto histórico e passado, conceituado como algo completamente morto e que não poderia ser reinterpretado à luz do presente, abriram novas possibilidades para o estudo da história do século XX. Além disso, a ampliação dos debates acerca da memória e suas relações com a história proporcionou novas

perspectivas para a compreensão do passado (Ferreira, 2002).

A memória enquanto instrumento de pesquisa tem se tornado cada vez mais relevante nas discussões acadêmicas. Além de historiadores, muitos sociólogos, cientistas sociais e críticos literários têm incorporado esse tema em suas pesquisas como objeto de estudo, visando entender as dinâmicas que constituem as memórias, sejam elas coletivas ou individuais. Eles também analisam como o passado é utilizado através das lembranças de grupos marginalizados, como mulheres, pessoas negras, perseguidos políticos, entre outros (Flores, 2022).

Ainda segundo Flores (2022), a intensificação do debate acadêmico sobre o tema em questão reflete uma demanda da sociedade. A percepção de um tempo mais acelerado, resultado da vida nas grandes cidades, juntamente com os efeitos da globalização, intensifica a preocupação com as raízes e o sentimento de pertencimento a um grupo, assim como a preservação dos laços de identidade, em face de um processo crescente de atomização dos indivíduos. Nesse contexto, o autor identifica um aumento no número de casas de memória, arquivos, museus, coleções e celebrações, além de movimentos que defendem a preservação do patrimônio cultural, assim como debates acalorados sobre a memória nacional e sua interrelação de complementariedade e conflito com as chamadas memórias subterrâneas — destaca-se aqui o Acervo da Laje, um espaço de memória artística e cultural situado no bairro de Plataforma, cujo material de pesquisa evidencia a representação do Subúrbio Ferroviário de Salvador.

O uso da memória como técnica para obtenção de dados sobre um determinado grupo atribui aos sujeitos o protagonismo da história que será contada e como será abordada. Sabe-se que os registros oficiais nem sempre permitem que o relato abranja todos os aspectos daquilo que é divulgado, tampouco dê voz aos indivíduos que não fazem parte da classe elitizada que possui um discurso predominante na sociedade. A exclusão de pessoas ou de determinados fragmentos da história é, também, a omissão de parte da própria história, assim como se faz ao rasgar algumas folhas de um livro antigo; torna-se incapaz de se compreender o objeto sem que se reúna novamente aquilo que foi deixado para trás.

De acordo com Patrick Huttona (1993) *apud* Ferreira (2002), o fascínio dos historiadores pela memória foi, em grande parte, à influência da historiografia francesa, especialmente a história das mentalidades coletivas que surgiu na década de 1960. Nessas pesquisas, que se concentravam principalmente na cultura popular, na vida familiar, nos hábitos locais, na religiosidade, entre outros aspectos, a questão da memória coletiva já estava implícita, mesmo que não fosse abordada diretamente (Ferreira, 2002). Ainda diante desse contexto de

construção histórica do instrumento, a autora apresenta uma dualidade que envolve a aplicação da memória entre presente e passado:

Tomando como referência as contribuições de Halbwachs, em sua obra *Les lieux de mémoire*, Pierre Nora propõe uma nova história das políticas de memória e uma história das memórias coletivas da França. A valorização de uma história das representações, do imaginário social e da compreensão dos usos políticos do passado pelo presente promoveu uma reavaliação das relações entre história e memória e permitiu aos historiadores repensar as relações entre passado e presente e definir para a história do tempo presente o estudo dos usos do passado. Nora aprofunda ainda a distinção entre o relato histórico e o discurso da memória e das recordações. A história busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado. A memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente (Ferreira, 2002, p. 321).

Por um lado, pode-se entender a memória como um instrumento de conhecimento do passado, utilizada para se aprofundar sobre elementos de interesse histórico e cultural de grande relevância, mas, por outro, ela permite compreender o presente através dos acontecimentos do passado. Marieta apresenta a memória como algo flexível, acompanhada de vivências que estão relacionadas com o presente e a produção de uma história racional, admitindo-se uma produção crítica, atual e contemporânea, feita diante de fatos que se antecederam. Nesse sentido, resgatar os acontecimentos históricos, seus desdobramentos sociais e interpretá-los à luz das experiências do presente é um exercício importante e de grande valia para a produção de conhecimento. Em Plataforma, esse processo se torna ainda mais significativo e relevante devido à interrelação entre as construções de valor histórico-cultural, a formação do bairro, o estabelecimento das famílias locais e a construção da paisagem.

Em 1992, Michael Pollak retrata “do problema da ligação entre memória e identidade social, mais especificamente no âmbito das histórias de vida, ou daquilo que hoje, como nova área de pesquisa, se chama de história oral” (Pollak, 1992, p. 200). Ele apresenta sua percepção sobre o conceito de memória como algo pertencente ao indivíduo e que vai além de si próprio.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. Se destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante. É como se, numa história de vida individual -

mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente - houvesse elementos irreduzíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinado número de elementos tomam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala (Pollak, 1992, p. 201).

Quando ocorre um processo de identificação concreto entre o indivíduo e a memória, essa passa a fazer parte da essência do sujeito ou de um grupo social. A memória é, por um lado, fluída e mutável; ao mesmo tempo, pode ser parte de uma história de vida que, como enfatiza o autor, passa a ser um marco invariável. Por conseguinte, torna-se necessário questionar quais são os elementos que constituem as memórias, sejam elas individuais ou coletivas. Pollak (1992), define em 3 grupos ou critérios: acontecimentos vividos pessoalmente ou por tabela; pessoas e personagens e lugares.

No primeiro grupo, os acontecimentos são fontes de memória que ocorreram na vida do sujeito ou, no sentido de tabela, quando vividos pelo grupo ou coletividade pertencente. Nesse segundo caso, o sujeito nem sempre participou, mas como faz parte de seu imaginário torna-se impossível desassociá-lo devido à relevância do fato. É comum que diante de uma socialização histórica, o contexto é tão forte que Pollak (1992, p. 201) a chama de uma “memória quase que herdada”. No segundo grupo, a memória é constituída por pessoas ou personagens, podendo ser de relação direta ou indireta, como no exemplo anterior, em que mesmo não havendo um encontro físico, passou a ser um personagem conhecido pelo sujeito. Por fim, existem os lugares que se tornam ainda mais relevantes para essa pesquisa, pois podem ser relacionados aos aspectos de paisagens que caracterizam o local. Sobre esse grupo, pode-se considerar:

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela. Para a minha geração na Europa este é o caso da Segunda Guerra Mundial (Pollak, 1992, p. 202).

Diversos locais podem fazer parte de lembranças, momentos, vivências e constituir parte da história de vida do indivíduo ou comunidade à qual ele pertence. O autor acredita nos espaços da memória e símbolos formados a partir de monumentos. Seria, portanto, a paisagem construída como um símbolo da memória e identidade de um grupo? Em Plataforma, os marcos

das construções históricas, os aspectos naturais e geográficos, o estabelecimento das primeiras famílias e as histórias de vida presentes em suas memórias, podem ser caracterizadas como a identidade dessa comunidade? Quais as relações entre a memória e a formação da paisagem?

Costa (2008), afirma que a relação entre a paisagem e a memória fundamenta-se na geografia da percepção, na qual um conjunto de signos organiza a paisagem segundo o próprio sujeito, refletindo uma construção mental que resulta de uma seleção plena de subjetividade, baseada nas informações emitidas por seu entorno. Nesse sentido, destaca-se o patrimônio histórico e a formação de paisagens que são socialmente representadas, mas também aquelas que, à primeira vista, podem parecer comuns ou banais, entretanto estão plenas de significados e experiências sociais. Essas paisagens permitem que se identifiquem trajetórias de vida e marcos que possuem significados simbólicos expressivos. Dessa forma, “a paisagem é, portanto, mediatizada pela memória”:

Assim, a paisagem vernacular atesta a relação que um determinado grupo social mantém com o lugar, expressando a sua formação e continuidade, mantidas através de práticas culturais que podem ser representadas por exemplo, através dos complexos industriais, dos povoados rurais, das reservas indígenas, dos lugares sagrados, dos parques naturais etc. Cada um dos exemplos enunciados contém uma variedade de elementos de ordem natural ou cultural associados a uma prática cultural que definem um conjunto de símbolos que expressam a memória do lugar. Essa relação entre o indivíduo e a paisagem é, portanto, mediatizada por uma rede simbólica cuja materialidade traz também o imaterial, algo visível que mostra o invisível, um gesto que significa um valor (Costa, 2008, p. 151).

Para Berque (1998), a paisagem pode ser composta por marca e matriz. Ela é marca porque expressa uma civilização, mas é matriz porque, de forma concomitante, está inserida no processo de percepção, concepção e ação. Diante disso, Heck e Marzulo (2017) afirmam que a ideia de paisagem, de origem geomorfológica, e antes das artes, passa a ser cada vez mais compreendida como cultural, embora sempre tenha a tendência oriunda do referencial representacional e do senso comum de estar associada a um local, enquanto distribuição geométrica de objetos no espaço, em virtude de processos de construção que provém de imagens que constituem memórias, assim situando-se em esfera intersubjetiva.

Com base nisso, a memória pode ser considerada como um importante fator para a compreensão da paisagem enquanto aspecto cultural, pois a própria paisagem é produto de um processo sócio-cultural de um grupo. Assim, falar de memória e paisagem é invocar a questão do patrimônio ou, pelo menos, inseri-lo no contexto da discussão, uma vez que essa associação ocorre de forma imediata. Não se trata apenas da memória objetiva da história, de uma área, da construção, mas busca-se uma abordagem afetiva enraizada no vínculo social com o bairro,

fruto de um processo de construção da memória de cada indivíduo pertencente à comunidade. Essa construção da paisagem de Plataforma se enriquece mediante à exposição e vivências dos próprios moradores.

Essa perspectiva que investiga as relações entre memória e história permitiu a aceitação da importância dos relatos diretos, ao neutralizar as críticas tradicionais e reconhecer que a subjetividade, as distorções nos depoimentos e as questões de veracidade atribuídas a eles podem ser vistas sob uma nova ótica. Em vez de serem consideradas uma desqualificação, esses aspectos podem ser entendidos como uma fonte adicional para a pesquisa (Ferreira, 2002).

Desta forma, os testemunhos diretos podem contribuir significativamente para a compreensão do tema em questão. Além do protagonismo da narrativa contada, como mencionado anteriormente, outro aspecto que destaca o uso da memória e dos depoimentos pessoais é a singularidade do discurso, uma vez que os relatos dispostos entre si sempre irão carregar uma parcela de particularidade na observação, percepção e construção do pensamento, garantindo a originalidade e a qualidade de ser único. Por mais que haja similaridades nas memórias acerca do objeto a ser estudado, elas sempre irão exigir uma característica inerente ao indivíduo e, conseqüentemente, se tornarão únicas também.

Além disso, nesta pesquisa, a individualização do discurso é importante para a discussão de identidade, pois permite compreender até que ponto há, de fato, um processo identitário coletivo entre a paisagem e o bairro de Plataforma ou se trata apenas de uma importância pontual, de caráter pessoal de um indivíduo, mas que não se estende ao grupo ou comunidade local. Assim, a semelhança do discurso e a maneira em que ele é abordado por todos os sujeitos participantes podem ajudar na busca pelo objetivo principal deste trabalho.

Se tratando de memória inserida na história oral, cabe salientar a indispensabilidade de uma postura neutra e séria em detrimento do caráter parcial e direcionável durante a condução da investigação. Adotar este instrumento de pesquisa, que se baseia em depoimentos pessoais, exige um respeito à história e um compromisso ético com o que será documentado:

O historiador faz a história. O compromisso do historiador com o presente no exercício do seu ofício não deveria estar associado a uma militância em prol de uma memória social específica. Através dos instrumentos da história, poder-se-ia propor uma mudança de perspectiva do dever de memória para o trabalho com a memória. O historiador não tem o monopólio sobre a memória, mas ele detém os instrumentos para lidar com a pluralidade e a fragmentação da memória. É certo que a análise sobre os fatos ocorridos, a identificação dos episódios e a reflexão sobre esse passado recente será resultado de um esforço de escrita da história. Um trabalho sobre o terreno da memória, mas próprio à história (Ferreira, 2006, p. 201).

Com isso, o uso enviesado dos fragmentos de memória para a defesa de um ponto de vista inviabiliza a história como um todo para a criação de um determinado recorte parcial. Exige-se, dessa maneira, o respeito aos protagonistas e a todos os detalhes transmitidos durante o relato para garantir a integridade da pesquisa, assim como permitir que todas as experiências, sentimentos e emoções possam construir, por si só, a percepção final do observador, seja ela de confirmação ou negação das hipóteses levantadas à priori.

2.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE: ASPECTOS SUBJETIVOS NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM

A discussão que envolve a paisagem como aspecto de identidade do indivíduo ou de um grupo social carrega uma enorme complexidade, principalmente por debater um conceito que perpassa por outras áreas do conhecimento. O estudo da identidade associada a um determinado espaço físico e social insere-se no que pode ser chamado de campo teórico da Psicologia Ambiental (Mourão e Cavalcante, 2006). Desse modo, a análise sob o ponto de vista exclusivo da arquitetura ou do campo paisagístico pode ser insuficiente para uma adequada compreensão do termo e sua aplicabilidade no contexto espacial do bairro de Plataforma. Assim, a pesquisa parte de um ponto de vista preliminar do sentido de identidade, estabelecendo um paralelo entre memória, identidade e espaço vivido, para construir uma perspectiva semiótica que forneça uma abordagem teórica para a condução deste trabalho, não desconsiderando a necessidade de estudos multidisciplinares que permitam uma análise ainda mais exploratória sobre essa temática.

Outrossim, cabe discutir a contribuição do trabalho de Mourão e Cavalcante (2006), voltado aos estudos da Psicologia Ambiental e dos espaços públicos, intitulado como “O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada”. Através das transformações urbanas ocorridas na cidade de Maracanaú, na região metropolitana de Fortaleza, as autoras estabeleceram uma relação com a identidade do local assentada em símbolos do passado, de aspectos da vida cotidiana e festividades. A Psicologia Ambiental para Moser (2003) *apud* Mourão e Cavalcante (2006, p. 145) é “o estudo das inter-relações entre o indivíduo e seu entorno físico e social, dentro de suas dimensões espaciais e temporais”. Para o autor, esse campo teórico estuda a relação da sociedade com o entorno, evidenciando as percepções, atitudes ou representações ambientais, mas também os comportamentos dos indivíduos.

Nesse sentido, destaca-se a importância da apropriação do espaço como um processo essencial para que as pessoas se sintam identificadas ou pertencentes a um entorno. É por meio da apropriação que o sujeito interage dialeticamente com o entorno, resultando em uma transformação mútua. Essa transformação não é, de modo nenhum, unilateral; o indivíduo age sobre o meio, modificando-o, assim, deixa suas marcas e também é marcado por ele. Dessa forma, o processo de transformação do espaço pelos grupos sociais resulta de necessidades subjetivas, repletas de emoção, expectativas e vivências, que se tornam, pouco a pouco, parte da história pessoal do sujeito (Mourão e Cavalcante, 2006).

Enric Pol (1996), uma das principais referências da Psicologia Ambiental e da relação pessoa-ambiente, que possui trabalhos com foco em identidades urbanas, elenca que a apropriação é o resultado de um mundo de significados que constituem a cultura e o entorno do sujeito, transformando um espaço vazio em lugar significativo. Assim, o indivíduo percebe que ele está ligado ao ambiente, e que este também lhe pertence, mesmo que não haja uma posse legal; essa relação se torna recíproca, uma vez que ele também passa a pertencer àquele espaço. O autor reforça esse processo como uma busca por segurança que se estabelece através do sentimento de pertencimento ao local. Sendo assim,

As pessoas, individualmente ou de forma coletiva, necessitam identificar territórios como próprios, para construir sua personalidade, estruturar suas cognições e suas relações sociais, e ao mesmo tempo suprir suas necessidades de pertença e de identificação (Pol, 1996, p. 50).

Mourão e Cavalcante (2006) argumentam a ideia de identidade de lugar de Proshansky *et al.* (1983), caracterizado como uma subestrutura de identidade profunda do indivíduo, formada por cognições sobre o mundo físico, relativas à complexidade em volta dos espaços nos quais ele reside e satisfaz suas necessidades principais: biológicas, psicológicas, sociais e culturais. Essas cognições se referem às memórias, sentimentos, emoções, ideias, valores, preferências e significados relacionados ao espaço em que o sujeito vive, sendo tais vínculos emocionais com o entorno fundamentais para a formação da identidade do sujeito.

Diante dessa variável de cognições, entender a paisagem enquanto memória é buscar um sentido identitário do sujeito com a paisagem (Costa, 2008). Para Bourdin (2001), a sensação de pertencimento resulta da combinação de recortes que definem a posição de um agente social e a inserção de seu grupo específico no espaço; o que dialoga com aquilo que Pol (1996) denomina de apropriação. A relação do indivíduo com um determinado local se estabelece, primeiramente, pelas trocas que ocorrem durante as atividades cotidianas, ou seja,

o contato diário com o entorno gera uma combinação de cenas comuns que se transformam em história e memória do sujeito, em que se constrói uma narrativa que é derivada das relações sociais que foram geradas ao longo do tempo através de um processo dialético, do fortalecimento desse sentimento de segurança e da familiaridade com o local.

Conforme destaca Mourão e Cavalcante (2006), o fato é que essa relação pessoa-ambiente ocorre de forma inevitável, alternando apenas a forma dessa interação, que pode ser influenciada por aspectos como local de moradia, tempo de contato com o lugar, idade, sexo etc. Diante disso, as autoras ratificam que esse processo de pertencimento e apropriação, vinculado a uma área, é formador da identidade dos sujeitos, assim como suas relações familiares e sociais, nas quais:

O entorno físico e social vivenciado pelo sujeito pode significar um componente fundamental para a construção da sua identidade. Mesmo que o entorno não seja considerado em muitos estudos de Psicologia Social, está claro que sua importância na constituição da identidade é cada vez mais aceita e estudada. Vários termos têm sido propostos, mas, de um modo geral, poder-se-ia aplicar o termo identidade social espacial (Mourão e Cavalcante, 2006, p. 146).

Destaca-se, portanto, um conceito teórico importante para este trabalho: a *identidade social espacial*. Para Valera e Pol (1994), o sentido de grupo social se estende ao entorno físico, pois “o sentido de pertença a determinadas categoriais sociais inclui também o sentido de pertença a determinados entornos urbanos significativos para o grupo”. Além disso, “os conteúdos dessas categorizações são determinados pela interação simbólica que se dá entre as pessoas que compartilham um determinado espaço e que se identificam com ele através de um conjunto de significados socialmente elaborados e compartilhados” (Valera e Pol, 1994, p. 10-11).

A base da *identidade social espacial* aplicada aqui de forma resumida, de acordo com Mourão e Cavalcante (2006), considera a *identidade do local*, relacionada a aspectos mais individuais do sujeito; a *identidade social* que diz respeito a importância do grupo ou aspectos sociais na construção da identidade; a *categorização social*, quando o entorno também pode se configurar como uma categoria social sobre o qual o sujeito se define; a *identidade urbana*, quando se explica que este entorno significativo também pode ser um espaço urbano; e, por fim, a *comunidade simbólica*, onde se compreende que o espaço vivido é formado por processos simbólicos e construção de significados que se associam ao local por meio da interação social (Mourão e Cavalcante, 2006).

É sob essa ótica da formação da identidade social que se baseia o trabalho, considerando que o sujeito se constitui no meio e por meio deste, através do pertencimento a um grupo social

que lhe atribui significados, sejam eles de aspectos físicos ou emocionais, associados por meio da memória — individual ou coletiva. Por meio da apropriação e do sentimento de pertença por parte dos participantes da pesquisa, é possível identificar se há indícios de uma relação de identidade que pode ter sido construída ao longo do tempo com a paisagem de Plataforma, sendo reforçada pelo tempo de permanência, questões cognitivas das memórias associadas ao significado do espaço, dos aspectos simbólicos e da relação de familiaridade.

Michel Pollak (1992) defende que memória e identidade são valores que se associam em torno de um bem simbólico, sobre o qual o indivíduo participa como um fator componente essencial. A identidade é, por ele, o que proporciona a sensação de continuidade ao longo do tempo e, principalmente, é o que permite a comunicação de uma imagem de si mesmo, tanto para o próprio indivíduo quanto para os demais. Dessa forma, Costa (2008) alega que quando se trata do conceito de memória, especialmente sob a ótica de Pollak, é fundamental considerar os componentes que a formam e a conexão direta que ela estabelece com a sensação de pertencimento dos indivíduos a um grupo social específico — reforçando o que foi dito pelos autores da Psicologia Ambiental.

Tanto a memória quanto a identidade são fatores que caminham juntos. A partir dessa análise social, surgem vários fatores e sujeitos que fazem parte da formação de uma memória coletiva pertencente a um grupo ou comunidade. Segundo Pollak (1992), pode-se afirmar que a memória, em suas diversas dimensões, é um fenômeno construído tanto no âmbito social quanto no individual. No que se refere à memória herdada, é possível também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Sobre o processo de construção da identidade, o autor destaca:

Nessa construção da identidade - e aí recorro à literatura da psicologia social, e, em parte, da psicanálise - há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos. Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (Pollak, 1992, p. 204).

Além da função de estruturar a memória, existe também o trabalho da própria memória em si. Em outras palavras, sempre que uma memória é formada de modo mais sólido,

ela realiza um processo de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização (Pollak, 1992). Michael Pollak afirma ainda que a memória traz uma importante percepção tanto do sujeito como do outro, além de cumprir um papel de reconstrução do próprio indivíduo. A memória seleciona, organiza, estrutura e determina aquilo que se torna importante para o sentimento de unidade, continuidade e coerência, ou seja, a composição e formação da identidade do indivíduo ou da comunidade.

O autor atesta que “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros” (Pollak, 1992, p. 204). Dessa maneira, ninguém consegue desenvolver uma autoimagem que não sofra influências, negociações ou transformações em função das interações com os outros — como mencionado no item anterior, essa interação pode ocorrer por meio de acontecimentos, pessoas ou lugares.

Costa (2008) esclarece que as interações diárias são produtoras de formas que conectam o indivíduo com a paisagem. O patrimônio de um local espelha essas condições, seja por meio de sua grandiosidade arquitetônica, monumental ou natural, seja pela simplicidade das construções domésticas que compõem a paisagem, definindo-se como um espaço de relações sociais e acolhendo diferentes indivíduos e suas histórias. Assim, o patrimônio é formado pelos símbolos que representam as referências essenciais para os moradores e suas vivências diárias. As documentações desse dia a dia podem e devem ser vistas como expressões que guardam a memória e moldam paisagens simbólicas. Há, portanto, uma relação entre a memória e o local, uma vez que a memória compartilha com a utopia de certos predicados distinguidores: a dimensão da memória e a designação de lugares. Esse último expressa o contato memória-história no que tange aos lugares de memória, ou seja, o significado dos lugares (Seixas, 2001).

O interesse pelo significado da área está atrelado à busca pelo sentido por trás da construção da paisagem de Plataforma, e se essa composição está correlacionada à identidade cultural dos participantes desta pesquisa, ao sentimento de pertencimento ao local, à herança de valor material e imaterial que, de forma direta ou indireta, também exerce um papel importante na representação dos moradores e suas histórias de vida. Inicialmente, a pesquisa deve se atentar a compreender as trocas entre os indivíduos e seu local, assim como os desdobramentos gerados a partir disso na vida comunitária. Posteriormente, a inserção dos participantes torna-se um fator decisivo para entender a memória enquanto um bem simbólico, como frisado anteriormente pela proposição de Pollak e do aspecto da comunidade simbólica presente no

conceito *de identidade social espacial*, e, dessa forma, estabelecer um paralelo entre a composição da paisagem e o processo de identidade.

Nessa investigação, a percepção dos entrevistados por meio de seus relatos pessoais, tanto sobre si como sobre o bairro, constitui um aspecto fundamental para a conclusão da análise. Para Ferreira (2002), na recuperação de grupos excluídos ou marginalizados, os relatos orais podem ter uma função que vai além das metas acadêmicas, funcionando como instrumentos para a construção de identidade e de mudanças sociais. É válido dizer que, diante da interdisciplinaridade do conceito de identidade e seu entendimento enquanto base teórica percorrida ao longo deste tópico, a pesquisa se limita a buscar evidências de um processo de identidade que pode ter sido construído ao longo da história desses participantes com a paisagem de Plataforma e os elementos que a compõe, reconhecendo a necessidade de um maior diálogo entre a arquitetura e outras áreas do conhecimento para fomentar discussões mais profundas, capazes de propor determinações, validações e conclusões que envolvem questões mais complexas e específicas.

3 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este trabalho parte, inicialmente, de uma análise morfológica para a compreensão da paisagem do bairro de Plataforma. Nesse sentido, o estudo morfológico carrega alguns princípios estabelecidos por Lynch (1960) acerca dos aspectos físicos da imagem urbana, destacando-se os marcos visuais e os limites da paisagem, o que chamaremos de aspectos estruturantes porque constituem o traçado, a forma e a composição da paisagem. Por meio da morfologia urbana, foram identificados os elementos que dão origem ao bairro, suas características, dimensões, aspectos históricos e formas de apropriação, associando esses atributos físicos à subjetividade em face da relevância, simbologias e significados sociais para a comunidade. Os aspectos da morfologia serão apresentados de forma a garantir o entendimento dos elementos de composição da paisagem de Plataforma, enfatizados visualmente no decorrer do trabalho através de registros fotográficos que retratam como eles se organizam em torno dessa paisagem, de modo a trazer para a pesquisa as particularidades intrínsecas ao bairro.

A análise morfológica é seguida da aplicação de entrevistas narrativas como instrumento de produção e coleta de dados, buscando estabelecer relações e diálogos entre a vivência dos moradores de Plataforma e os aspectos da paisagem levantados na primeira etapa

dessa metodologia. O modelo de entrevistas narrativas se refere ao relato individual dos participantes, cujo objetivo visa compreender as variáveis concernentes às histórias pessoais que mostram o papel da paisagem como uma construção social pautada na memória. Por fim, a análise da morfologia do bairro e as teorias desenvolvidas ao longo da pesquisa serão contrastadas com os depoimentos narrados pelos moradores para identificar tanto as correlações como possíveis incongruências e, assim, estabelecer as respostas das questões suscitadas pela pesquisa e a compreensão dos objetivos propostos.

3.1 UMA ABORDAGEM MORFOLÓGICA DE APREENSÃO DA PAISAGEM

O termo “morfologia”, de origem grega, significa “a ciência que estuda a forma” ou “a ciência que trata da forma”. No campo da arquitetura e urbanismo, a morfologia pode ser conceituada como o estudo da forma urbana ou, conforme apresenta Lamas (2004, p. 37), “o estudo dos aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações recíprocas, definindo e explicando a paisagem urbana e a sua estrutura”. Nesse sentido, o autor propõe que esse estudo seja realizado por meio da análise dos elementos morfológicos – as “unidades ou partes físicas que, quando interligadas e organizadas, constituem a forma” (Lamas, 2004, p. 46), ou seja, incluem o solo, os edifícios, os lotes, os quarteirões, as fachadas, os logradouros, o traçado urbano, as ruas, as praças, os monumentos, a vegetação e o mobiliário urbano. Esses elementos precisam interagir entre si e estar conectados ao conjunto que definem, a saber, os espaços que constituem o ambiente urbano (Aragão, 2006).

Lamas (2004) demonstra vários aspectos físicos que podem ser contemplados na abordagem morfológica para apreensão da paisagem. Ao longo deste trabalho, diversos fatores externos farão parte do escopo da análise morfológica que será descrita posteriormente, sendo, inclusive, mapeados fotograficamente. É válido abordar que os aspectos físicos serão adaptados ao contexto do bairro e da área de delimitação da pesquisa, tendo maior ênfase os aspectos estruturantes da paisagem de Plataforma que constituem a centralidade objetiva da pesquisa, como o traçado do bairro, a topografia, o mar, os edifícios e monumentos com suas tipologias e demais aspectos que permitam a leitura e apreensão. Além disso, alguns itens que compõem os principais elementos da paisagem do bairro também farão parte do teor de produção e coleta de dados na etapa de entrevistas.

Inicialmente, a análise morfológica da paisagem de Plataforma visa compreender o desenho do bairro, seus limites geográficos estabelecidos e reconhecidos pela Prefeitura de

Salvador e o estudo de sua forma urbana. Nesse sentido, a pesquisa se desdobra na produção de cartografias, com base nos dados municipais disponíveis, para estabelecer relações entre o traçado do bairro e seu impacto nos elementos de composição, partindo do estabelecimento de aspectos estruturantes da paisagem e visualizando os efeitos desses fatores no ordenamento da paisagem, na organização da infraestrutura e na maneira como a comunidade estabeleceu sua ocupação urbana.

Entretanto, o estudo de percepção da paisagem de Plataforma não pode se restringir ao aspecto físico da morfologia urbana. Corrêa e Rosendahl (1998) apresentam a paisagem sob muitas dimensões privilegiadas por várias matrizes epistemológicas. Desse modo, a paisagem possui uma dimensão morfológica, funcional, espacial e histórica. Em relação às dimensões apresentadas por esses autores, a dimensão morfológica é entendida como um conjunto de formas que são tanto originadas pela natureza como moldadas pelas pessoas.

Ao estabelecer conexões entre suas diferentes partes, é possível determinar a sua dimensão funcional. Com o passar do tempo, a ação dos grupos sociais na sociedade contribuirá para a definição da dimensão histórica, enquanto o fato de essa ação humana ocorrer em uma determinada área da superfície terrestre lhe confere também uma dimensão espacial. Além disso, é possível incluir mais uma dimensão, pois ao carregar significados que expressam valores, crenças, mitos e utopias, a paisagem adquire uma dimensão simbólica (Silva, 2007).

Na dimensão simbólica da paisagem, reside ainda um aspecto morfológico que passa despercebido quando se olha exclusivamente a análise física da forma urbana:

Se de início afirmamos a materialidade desse objeto, dado ao seu aspecto visível e palpável é, contudo, no seu lado talvez mais invisível, que se expressa o caráter dinâmico que definirá, inclusive, o que será visto e revelado pelo olhar. O homem participa desse processo, tanto como agente morfológico quanto do significado (Silva, 2007, p. 213).

Portanto, de acordo com o Silva (2007), existe uma complexidade no estudo morfológico de compreender o principal agente por trás dessa morfologia: as pessoas — elemento central deste estudo enquanto transformação da forma urbana. Desse modo, a paisagem deve sempre ser vista em relação ao sujeito, uma vez que ela reflete o grupo social que a produziu, e os valores por trás dessa construção será, de fato, aquilo que representa valor para o sujeito. Cosgrove (1998) argumenta que até a beleza ou a feiúra da paisagem depende do sujeito que a observa, sendo o retrato do estado da alma. Portanto, toda a análise morfológica deve dialogar com a percepção da comunidade local, que se relaciona com esses aspectos estruturantes rotineiramente, para que haja uma tentativa de aproximação com a real apreensão

da paisagem do bairro de Plataforma.

Para além do mapeamento dos aspectos físicos que caracterizam o bairro de Plataforma, a segunda parte da metodologia visa a compreensão da paisagem sob a perspectiva dos moradores que residem em áreas adjacentes à poligonal de estudo desta pesquisa. O cruzamento da análise morfológica com a percepção dos participantes locais constitui um importante aspecto de cunho metodológico, permitindo conhecer até que ponto as experiências vividas reforçam o papel da paisagem enquanto componente fundamental para a representação social da comunidade e construção da identidade do bairro.

3.2 CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DE DADOS NARRATIVOS

A proposta dessa pesquisa exige critérios metodológicos que permitam compreender a paisagem a partir de um ponto de vista mais pessoal, em que seja possível evidenciá-la, por um lado, a partir da percepção dos moradores e, por outro, através dos desdobramentos sociais estabelecidos ao longo da construção do bairro. Nesse sentido, a busca por subjetividades, comportamentos, relações de troca e influências, interações e significados, conduziram o trabalho à aplicação de entrevistas narrativas, destacadas por meio do caráter qualitativo de obtenção e análise de dados.

A entrevista narrativa é uma ferramenta de investigação desenvolvida na Alemanha, entre as décadas de 1970 e 1980, por Fritz Schütze, um dos mais importantes sociólogos alemães Pós-Segunda Guerra Mundial. Ele acreditava que os procedimentos qualitativos de pesquisa utilizados na época não conseguiam capturar ou representar com precisão os fenômenos sociais investigados, em razão da rigidez de seus instrumentos, que limitavam e influenciavam as respostas dos participantes, resultando no restringimento de suas manifestações.

De acordo com Maindok (1996) *apud* Weller (2009), Schütze desenvolveu um modelo de entrevista que não é totalmente estruturado, no qual as respostas são dadas pelo próprio entrevistado à medida em que contam suas experiências, não sendo influenciadas por questões de pesquisa, com o objetivo de entender eventos sociais a partir das perspectivas únicas de cada indivíduo, que, por meio da interação, se formam e se transformam. Schütze acreditava que as vivências das pessoas estão entrelaçadas nos diversos contextos em que vivem, o que torna inviável a criação de um instrumento de pesquisa uniforme que possa englobar a complexidade da realidade de cada participante no contexto social estudado. A característica de permitir que

o entrevistado expresse as estruturas processuais de sua trajetória de vida, de acordo com seus próprios critérios de importância e organização, confere um caráter narrativo a esse formato de entrevista, um aspecto que se caracteriza pelo autor como entrevistas narrativas.

Bertaux (2010) ao se referir a essa metodologia, apresenta a expressão “narrativa de vida”, que surgiu na França há décadas. Para o autor, “em Ciências Sociais, a narrativa de vida resulta de uma forma particular de entrevista, a “entrevista narrativa”, durante a qual um “pesquisador” (que pode ser um estudante) pede a uma pessoa, então denominada “sujeito”, que lhe conte toda ou uma parte de sua experiência vivida” (Bertaux, 2010, p. 15). As entrevistas narrativas, sob a perspectiva de Bertaux (2010), se concentram no estudo sobre este ou aquele mundo social, podendo ser pautado em uma atividade específica, em uma ou outra categoria de situação relativa ao conjunto de pessoas que se encontram em determinado contexto social. Dessa forma, recorrer às narrativas de vida de um determinado indivíduo ou grupo social enriquece essa perspectiva, permitindo incluir ou preencher aquilo que se fazia ausente apenas na observação direta.

Para Schütze (2010, p. 210), “é importante perguntar-se pelas estruturas processuais dos cursos da vida individuais, partindo do pressuposto de que existem formas elementares que, em princípio (mesmo apresentando somente alguns vestígios), podem ser encontradas em muitas biografias”. O sociólogo não apenas ressaltou a relevância de estudos que buscam reconstruir a visão que o indivíduo tem acerca da realidade social que o cerca — uma realidade em que ele ajuda a criar e a transformar —, mas também teve um papel crucial na revitalização e nova interpretação da pesquisa biográfica nas áreas de ciências sociais e educação. Ele orientou a análise para as estruturas processuais dos ciclos de vida, isto é, para os elementos fundamentais que “formam” as trajetórias pessoais e que são essenciais para entender as funções e lugares que os indivíduos ocupam na estrutura social (Ravagnoli, 2018).

Partindo dessa percepção individual e subjetiva do método em questão, Bertaux (2010) aponta que as entrevistas narrativas permitem compreender os contextos sociais nos quais esse sujeito ou grupo se inserem e que contribuem para reproduzir ou transformar. Diante disso, a narrativa transmite os valores e vivências do indivíduo em seu contexto social, em uma dinâmica que determina o que é considerado mais ou menos relevante, revelando a lógica social do tempo e do espaço em questão, passando por e pela memória social (Bernardo, 2015).

No Brasil, Jovchelovitch e Bauer (2002), que são os grandes propagadores e defensores dessa metodologia de pesquisa, afirmam que as experiências bem-sucedidas em suas práticas

os motivaram a promover e sugerir a entrevista narrativa, apresentando sua estruturalização. Segundo os autores,

[...] contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal. Comunidades, grupos sociais e subculturas contam histórias com palavras e sentidos que são específicos a sua experiência e ao seu modo de vida (Jovchelovitch; Bauer, 2002, p. 91).

Em outras palavras, os relatos pessoais demonstram uma experiência de vida que, no ato de contá-la, se atribui sentido e familiaridade, cuja reconstrução da memória é feita através de uma narração consistente, pautada em elementos reais, percebidos e vividos pelo sujeito, específico de seu modo de vida e trajetória pessoal. Diante dessa perspectiva, o relato revela a subjetividade e suscita o envolvimento do leitor com o contexto social do participante, evocando um convite a participação de sua história. Essa particularidade do método corrobora para uma melhor construção deste trabalho, permitindo compreender a percepção dos moradores sobre a paisagem de Plataforma e, ao mesmo tempo, visualizar e reconstruir as cenas dispostas pelos participantes sobre o bairro.

Conforme esclarece a tese de Ravagnoli (2018), a análise de narrativas, de acordo com a abordagem de Schütze (2010), aprofunda-se no relato da experiência vivida através da expressão livre do entrevistado, em que o objetivo visa a criação de modelos teóricos sobre o conteúdo exposto pelos indivíduos, a partir dos contextos sociais apresentados. Esses modelos se constroem através dos distintos estágios de análise, envolvendo sínteses dos processos de exame, verificação, comparação com os relatos de outros participantes, contraste e correlação dos dados.

Tendo em vista que a discussão presente neste trabalho utiliza-se de aspectos pertencentes à cultura e representações sociais em um recorte específico, a metodologia se adequa tanto a essa necessidade como às limitações desta pesquisa, potencializando as chances de compreensão da paisagem pela narração das histórias de vidas dos moradores e sua interação com a construção dessa paisagem. Por conseguinte, as entrevistas narrativas permitem evidenciar a experiência de vida como uma fonte de informação, envolvendo aspectos subjetivos e singulares que contribuem para uma melhor aproximação da proposta de trabalho e os objetivos expostos.

Assim, é justamente diante dessa busca por uma representação cultural que se justifica o uso das entrevistas narrativas, em que o papel dos moradores e suas relações sociais se configuram como aspectos fundamentais para determinar a paisagem enquanto um processo de identidade. É importante atribuir ao sujeito o resultado de sua própria paisagem, ao ser por ele construída, percebida e representada como de valor simbólico e cultural, garantindo a esses grupos tanto o reconhecimento como o direito de pertencimento ao seu local de origem.

3.3 O CONTATO INICIAL: DIFICULDADES E OBSTÁCULOS

A condução da pesquisa envolvendo a metodologia de entrevistas narrativas exige um contato mais próximo com o local e, principalmente, a comunidade. Esse processo de inserção do local é acompanhado de uma abertura da comunidade para o trabalho que será desenvolvido e envolve tanto a aceitação quanto a confiança da seriedade da produção acadêmica. Assim, torna-se necessário se debruçar sobre os aspectos que permeiam a cultura, as tradições e a vivência diária dos moradores, de forma a compreender como a comunidade se organiza. Essa etapa é de extrema importância para a aplicação da metodologia em questão, acarretando em destinar um tempo específico de visitas a campo apenas para constituir os vínculos iniciais entre o pesquisador, o local de análise e a comunidade. À medida em que as relações são construídas, os moradores compreendem a importância da pesquisa e o caminho se torna mais acessível de ser percorrido, ou seja, o diálogo com a comunidade foi um cuidadoso aspecto desenvolvido antes mesmo da etapa de coleta de dados.

As primeiras visitas em campo foram feitas para conhecer o local, estabelecer um primeiro contato com a comunidade e conversar com o máximo de moradores possível. Essas primeiras conversas tinham o intuito de aprender sobre o bairro do ponto de vista do morador, acompanhar as vivências diárias, instruir-se das histórias que permeiam a área e das memórias por trás de lembranças importantes. Contudo, esse contato inicial não se consolidou como obtenção direta de dados, apesar de alguns diálogos terem sido muito relevantes para o desenvolvimento do trabalho e até mencionados em alguns trechos específicos na análise morfológica. Em Plataforma, esse processo de descoberta e primeiras relações ocorreu de maneira mais rápida por já ter sido construído um trabalho anterior de conhecimento da área, em 2019. Os moradores se mostraram receptivos para dialogar sobre o bairro, apresentar e contextualizar os espaços presentes no recorte da pesquisa, além de ajudar na indicação de moradores que faziam parte do perfil estabelecido para o estudo.

A pesquisa se deparou com alguns obstáculos, em especial durante a fase de coleta de dados, pois a aplicação desta metodologia exigiu a busca por participantes específicos que pudessem contribuir com depoimentos orais capazes de estabelecer as relações de interesses determinadas inicialmente. Além disso, o trabalho se deparou com dificuldades para encontrar documentos, fotos e materiais sobre determinados aspectos voltados às tradições do bairro, destacados pelos moradores nas entrevistas. Sobretudo, quando se trata de bairros mais populares, as fontes tradicionais documentam aspectos mais gerais, sendo os registros mais específicos feitos e divulgados pela própria comunidade. Se este trabalho tivesse uma proposta de produção a longo prazo, talvez fosse viável encontrar alguns registros de tradição ou relatos específicos em buscas ainda mais detalhadas entre os moradores. Contudo, a falta desses materiais pontuais não impediram a realização da coleta de dados, tendo em vista que a maior parte se faz presente ao longo da pesquisa.

O uso do termo “identidade” relacionado à paisagem e fatores espaciais também se mostrou um dos maiores desafios de trabalho, tanto na fase teórica como na aplicação prática da metodologia, principalmente por ser uma pesquisa de mestrado com curta duração. No que diz respeito à discussão teórica, se essa relação se estabelecesse unicamente sob o campo da arquitetura facilitaria sua aplicação, mas esse limite alcança outras áreas do conhecimento, havendo a necessidade de se constituir relações com a psicologia, por exemplo, para compreender como o indivíduo se constrói enquanto sujeito social, como se forma a identidade e quais os fatores influenciam nesse processo. Conforme mencionado no capítulo anterior, o debate caminha pelo campo teórico da Psicologia Ambiental, o que implica na multidisciplinariedade da pesquisa, apesar de ser um aspecto interdependente entre arquitetura e psicologia — envolvendo também outros profissionais como geógrafos, antropólogos e sociólogos que estudam a relação pessoa-ambiente.

Apesar dos esforços para estabelecer um breve paralelo entre esses campos, a pesquisa parte de uma perspectiva preliminar e inicial sobre o entendimento da paisagem como uma construção da identidade dos participantes, pautada principalmente na importância do local, familiaridade, significados e marcos históricos ao longo da vida dos indivíduos. Nesse sentido, o trabalho caminha na direção de contribuir com a temática através de uma abordagem semiótica, que abre espaços para novos estudos que carreguem uma análise mais plural e multidisciplinar.

3.4 DIRETRIZES INICIAIS ACERCA DA SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

No processo de construção da paisagem de Plataforma, a vivência dos moradores na comunidade local é fundamental para a compreensão de sua relação com a identidade do bairro, refletindo suas memórias, valores, expressões, significados e tradições. À priori, dois principais critérios foram estabelecidos durante a escolha dos participantes: proximidade com a área de estudo e o tempo de moradia, com no mínimo 10 anos de residência. Além disso, outros fatores tornaram-se relevantes para a seleção dos entrevistados, como a idade — a partir de 50 anos — e a relação com as construções históricas presentes no local, seja por vivência direta ou por algum vínculo familiar. A idade estabelecida foi um parâmetro mínimo acrescentado para garantir que o morador também acompanhou o processo de desenvolvimento da área, podendo ter um conhecimento herdado de outras gerações acerca da representação do bairro, enquanto o contato mais pessoal com as construções históricas se associa à busca pela relação entre a história de vida dos participantes e os elementos que compõem a paisagem, no sentido de compreender o aspecto de identidade.

É válido enfatizar que a pesquisa é de cunho qualitativo, razão pela qual influenciou na decisão de selecionar até, no máximo, 5 (cinco) moradores. Esse número foi definido levando em consideração o tempo hábil para estabelecer os contatos iniciais, realizar a coleta de dados, a análise dos depoimentos e construção dos resultados e considerando o cronograma do mestrado. A escolha deste número de participantes, que atenderam aos critérios definidos, foi feita a partir dos primeiros contatos na comunidade, de forma a estabelecer uma proximidade cordial e respeitosa, conhecer minimamente os moradores e apresentar a proposta do trabalho.

Posteriormente, durante a semana da entrevista, houve a desistência de um dos participantes por questões pessoais, restando somente quatro moradores para a etapa de coleta de dados, a saber: Amélia, Edson, Felipe e Isabel. O roteiro que serviu como base para a conversa foi composto por 13 perguntas, mas não necessariamente todas elas deveriam ser feitas como uma premissa de obrigatoriedade, havendo a necessidade de destacar algumas respostas em detrimento de outras à medida em que o sujeito se envolve e se sente mais confortável em desenvolver os relatos. Dessa forma, o roteiro foi dividido em três classificações, sendo perguntas iniciais de identificação, seguidas de perguntas que tinham o intuito de estabelecer algum tipo de relação entre os moradores com o bairro e, por último, questões que destacavam o vínculo entre os moradores e os elementos da paisagem.

Os questionamentos de cada classificação foram produzidos da seguinte forma:

- **Identificação:**

- Qual é o seu nome?
- Qual é a sua idade?

- **Relação entre os moradores e o bairro:**

- Você mora em Plataforma? Há quanto tempo?
- O que o bairro representa para você?
- O que tem em Plataforma que se diferencia de outros bairros?
- Quais são suas principais lembranças no bairro?
- Há algum evento, festa ou celebração local que se tornou uma tradição para os moradores?

- **Vínculo entre os moradores e os elementos da paisagem:**

- Se você pudesse montar uma paisagem de Plataforma, quais elementos você escolheria para representar o bairro?
- Dentre todos os itens que você compôs o cenário do bairro, qual é o elemento que você considera de maior destaque na paisagem de Plataforma?
- Você ou alguém de sua família já trabalhou na Fábrica São Braz? Qual a importância da fábrica para o bairro?
- Qual é a importância do terminal marítimo de Plataforma-Ribeira para o local?
- Você costuma frequentar a praia? Qual é a relação dos moradores e suas famílias com a praia?
- A vila operária foi criada quando a fábrica foi instalada. Hoje, qual o grau de importância que essas casas possuem para as famílias que ainda moram aqui?

As classificações foram feitas para facilitar o direcionamento das perguntas e, posteriormente, o tratamento dos dados, relacionando cada questão à uma área específica, seja o estabelecimento do morador no bairro, as trocas com o local sob um aspecto geral e as especificidades com os principais elementos que compõem a paisagem, tanto do ponto de vista histórico como cultural ou social. A última classificação contém mais questões do que as demais, pois se trata do aspecto que representa a centralidade da pesquisa no que diz respeito à paisagem de Plataforma e como essa pode estar inserida no processo de identidade da própria comunidade, tornando-se, portanto, de maior interesse para o trabalho.

3.5 APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES E CONTEXTUALIZAÇÃO DOS DEPOIMENTOS ORAIS

Amélia, de 73 anos, foi nascida e criada no bairro e apenas residiu em moradias diferentes, mas sempre no mesmo local. A moradora, que possui um pequeno barzinho, reúne diversos clientes que se tornaram amigos da circunvizinhança. Ela acompanhou o período em que o trem do subúrbio não era limitado entre os bairros de Paripe e Calçada, pelo contrário, a linha integrava diversas outras regiões e movimentava muito mais pessoas. Amélia relembra detalhadamente de diversas festas culturais do bairro, se apresentando como alguém que, de fato, conhece a região e tem suas raízes estabelecidas, lembrando saudosamente de sua infância no bairro, no carnaval, nas festas como a “mudança”³, nos trios elétricos que subiam e desciam as longas e acentuadas ladeiras do bairro, assim como a lavagem de Plataforma na escadaria da Igreja São Braz que levava alegria, emoção e ampliava a fé de muitas famílias.

A história de vida de Amélia está também associada ao bairro, principalmente à fábrica São Braz e a Vila Operária. Ela mencionou que sua família participou da fábrica São Braz, em especial sua mãe e suas tias que trabalharam na indústria têxtil, e enfatizou a importância da fábrica para aquela localidade, bastante reconhecida e respeitada pelos moradores que foram beneficiados no período e, até hoje, fazem parte da história de muitos que herdaram as casas da Vila Operária. Amélia morou nessas casas por muitos anos, vários deles de aluguel, até que se legitimou como proprietária de uma dessas residências operárias. Apesar das pontuações negativas sobre a ausência de serviços que foram removidos do local, ela reafirma sua percepção de segurança, tranquilidade e satisfação sobre o lugar.

Edson possui 68 anos e mora há 40 anos em Plataforma, atualmente trabalha vendendo caldo de cana na orla do bairro. O morador se mostra uma pessoa que verdadeiramente se sente feliz e satisfeito no local, apesar de elencar que há pontos a serem melhorados no dia a dia da comunidade, assim como outros relatos que apresentam uma certa decepção por questões políticas, principalmente envolvendo a remoção do antigo trem — elemento que faz parte da história de muitos residentes de Plataforma. Ele destaca a paz e a tranquilidade da área, conceituando Plataforma com uma área calma e agradável de viver.

O morador considera diversos elementos da paisagem como aspectos que representam

³ Celebração local mencionada nos depoimentos dos moradores.

o bairro, resgatando na memória espaços que já foram removidos e considerando importantes para a história das famílias locais, evidenciando como a construção da paisagem está vinculada não somente ao que é visto, mas fruto de um processo identitário e de trocas constantes que corroboram para a percepção de Plataforma. Edson, de igual modo, tem sua história de vida associada à Fábrica São Braz ao mencionar que sua mãe já trabalhou na indústria têxtil, reforçando a importância da construção para a geração de empregos das famílias locais. Ele ainda menciona aspectos da tradição do bairro como um marco da memória e da vila operária como uma conquista da tão sonhada casa própria para a população de Plataforma.

Felipe, de 67 anos, mora no bairro de Plataforma desde 1970. Ele é fotógrafo, mas já trabalhou também no Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC-BA). Ele apresenta a região com muita paixão pelo ambiente do dia a dia, particularmente no aspecto da segurança do local. Ele fala sobre uma forte memória com o trem do subúrbio, o trabalho informal que fazia com a família e as relações interpessoais; aspectos que são como uma raiz de vivência que retrata a história de vida deste morador.

A última participante foi Isabel, de 72 anos. Ela possui 13 anos morando no bairro e a história de sua família pertence a Plataforma. O pai de Isabel trabalhou na Fábrica São Braz e suas irmãs permanecem até hoje com suas residências no local, próximas umas das outras. A fábrica, o trem e as relações com os demais moradores demonstram o vínculo de Isabel com o bairro de Plataforma, caracterizando-o como um local que ama, cuja vivência é calma e segura.

Além disso, durante os primeiros contatos com a comunidade, outros moradores também participaram de conversas informais sobre as características do bairro, o vínculo e suas histórias. Mesmo não sendo participantes diretos, havia algumas pontuações muito interessantes sobre a localidade que foram inseridas na percepção da paisagem de Plataforma. O intuito dos depoimentos é perceber como os elementos de composição da paisagem do bairro fazem parte da história dos moradores, suas memórias e de suas famílias.

É importante frisar que os nomes dos moradores apresentados acima e referidos ao longo deste trabalho são fictícios, com o intuito de manter o anonimato e preservar as informações de cunho pessoal que foram explicitadas no decorrer da pesquisa. Os depoimentos apresentados e os significados por trás das memórias contribuem para uma reflexão sobre como os espaços são construídos, modificados e materializados, seja de forma física ou subjetiva. A arquitetura deve ser entendida como uma construção simbólica que impacta diretamente na vida das pessoas, marcam trajetórias e influenciam percepções.

3.6 DA CONCEPÇÃO DO PRODUTO FINAL

Essa pesquisa faz parte de uma produção que nasce a partir de uma perspectiva local sobre o bairro de Plataforma; primeiramente, pela própria autoria do trabalho e suas origens marcadas pela vivência neste bairro e, depois, por compor um material morfológico que parte de uma análise bilateral entre o pesquisador e as entrevistas narrativas por parte dos participantes da comunidade, resultando na criação de um material coparticipativo que traz relevância, notoriedade e significado sobre a paisagem de Plataforma e, consequentemente, para a região como um todo.

Este trabalho amplia as possibilidades de novos estudos que possam discutir a construção da paisagem sob o ponto de vista do processo de identificação da comunidade com seu local de vivência através dos significados dos elementos, se aprofundando em aspectos culturais e simbólicos que possam aproximar a academia às experiências comunitárias, permitindo conhecer a cidade a partir de outra concepção, quiçá até mais realista do que muitos estudos teóricos que se distanciam da vida como ela de fato é, como ela acontece no dia a dia — não de forma generalista, evidentemente, uma vez que estes estudos são tão importantes para a produção de novos conhecimentos como as produções mais participativas.

Nesse sentido, evidentemente, pretende-se compartilhar os resultados deste produto com a comunidade do bairro, principalmente com os moradores que ajudaram a contar a história por trás dos elementos dessa paisagem, que compartilharam suas experiências pessoais e enriqueceram o escopo material através das narrativas contadas, garantindo também uma singularidade no modo de concepção da pesquisa. Além disso, há uma expectativa de estabelecer contatos com espaços de produção cultural que possam divulgar os trabalhos voltados ao Subúrbio Ferroviário de Salvador e que reforcem sua história e cultura.

Dessa maneira, espera-se que o conteúdo dessa dissertação possa contribuir para novas reflexões sobre a construção e representação das paisagens urbanas, fomentando também percepções multidisciplinares e estudos outros que possam complementar o entendimento das paisagens e sua relação com as pessoas. Afinal, o estudo da arquitetura e do urbanismo exige uma busca incessante sobre como a cidade funciona, se organiza, se desenvolve e se reinventa.

4 ENTRE O MAR E A COLINA: O ESTUDO DA FORMA URBANA E A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM DE PLATAFORMA

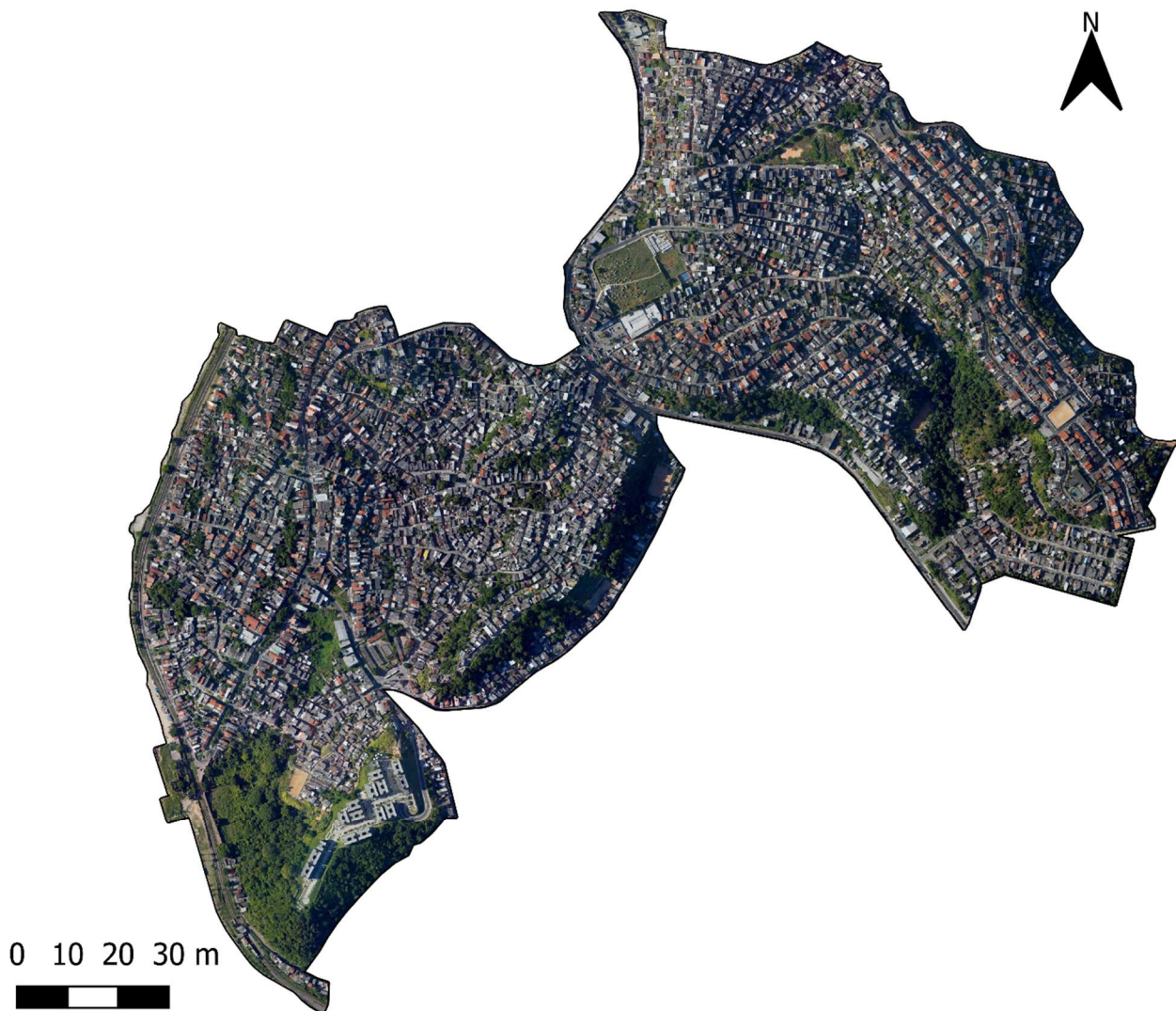


Figura 06 - Desenho urbano do bairro de Plataforma
Fonte: Produzido pelo autor, segundo dados do IBGE (2022).

Para introduzir o fundamento sobre como ocorre a composição paisagem, Bartalini (2013) traz algumas considerações interessantes entre o mundo criado pelo ser humano e o mundo em que este existe, respectivamente. Para Simmel (1913) *apud* Bartalini (2013), o termo “natureza” está relacionado ao indissolúvel, ao nascimento e a fluidez das formas; ou seja, a natureza sem pedaços ou recortes, mas a unidade do todo. Assim, a natureza é entendida como o mundo material que existe independente das pessoas, cuja essência é primordial e esteve presente sem que houvesse qualquer modificação humana (Polizzo, 2016).

De acordo com Santos (2006), a relação entre a sociedade e o meio urbano se dá através da técnica. Devido à necessidade humana básica de sobreviver, a vida pressupõe a transformação da natureza, pois somente seu estado natural não é compatível com a sobrevivência dos indivíduos, o que torna imprescindível a utilização de artifícios para modificar a natureza, o todo, o primordial, mencionado por Simmel. Dessa forma, a relação da sociedade com a paisagem é influenciada por seus valores religiosos, políticos, sociais e estéticos. Essa relação é uma correspondência de vivência entre grupos sociais e o mundo à sua volta, caracterizando-se como uma construção cultural que parte do entedimento da natureza nos diferentes contextos sociais e nos diferentes momentos históricos. Construir paisagens é, logo, uma intervenção na natureza em paisagem construída pelas pessoas. Nesse sentido,

É inevitável sob esse aspecto perceber que a arquitetura, a cidade e o desenho da paisagem se configuram como uma ação humana essencial de transformação do território como um todo, acrescentando à superfície natural preexistente, uma nova interpretação, e por consequência, a sua transformação em um produto cultural (Polizzo, 2016, p. 52).

Se por meio da técnica a sociedade constrói seus valores e seu mundo cultural, a cultura se torna determinante para a construção da paisagem, configurando-se como um elemento essencial desde o momento da construção até a memória, que permanece retida e passada adiante. A cultura, por sua vez, pode ser entendida como um arranjo composto por diversos fatores, como: imaginário, conhecimento, valores, linguagem, representação e significados, atribuídos a uma determinada perspectiva de mundo que é percebida pelo indivíduo ao longo da vida. Segundo Thomas (1998), é por meio dessa perspectiva que a noção de paisagem se constrói; a partir do momento em que há uma clara percepção do ser humano como portador de uma determinada cultura, transformando-a de forma racional em ordem e identidade, gerando, assim, uma satisfação estética dessa composição. Percebe-se, desse modo, uma forte relação entre a sociedade e a paisagem, em que a interação é um dos fatores primordiais para compreensão dos elementos que a compõe.

De fato, não existe paisagem sem sujeito. Pode haver elementos objetivos, pode haver natureza, como a que Simmel define como “a cadeia sem fim das coisas, o surgimento e o desaparecimento ininterrupto das formas, a unidade fluida do devir [...]” (Simmel, 1988, p. 231-232 *apud* Bartalini, 2013), mas não haverá paisagem, se não houver um sujeito que a constitua. E Berque (1994) vai mais além ao discutir que a paisagem não é composta somente pelo objeto, assim como não é também pelo sujeito, mas na interação complexa que reside entre ambos. É necessário compreender como as pessoas transformam o espaço e nele se expressam para, de forma concomitante, perceber a formação dessa paisagem que, por sua vez, se revelará de forma bastante específica dentro de determinado contexto urbano. De todo modo, o trabalho caminha em direção ao pressuposto de que as pessoas fazem parte da construção da paisagem e essa é a premissa inicial que se sustenta como ponto de partida para o entendimento de seu conceito.

Essa especificidade da paisagem é abordada por Lynch (1960) ao discorrer sobre os três componentes que ajudam a compor essa paisagem urbana: identidade, estrutura e significado. Cada local possui sua própria identidade, o que revela suas particularidades. Assim, a paisagem se relaciona com o observador de algum modo, como uma relação inicialmente estrutural ou espacial, mas que se torna também um significado, transmitindo uma mensagem tanto prática como emocional. O autor pontua que, além dos elementos físicos perceptíveis, “há também outros fatores influenciadores da imagem, tais como o significado social de uma área, a sua função, a sua história ou, até mesmo, o seu nome” (Lynch, 1960, p. 27).

Os elementos físicos mencionados pelo urbanista são vias, limites, bairros, cruzamentos e elementos marcantes ou marcos visuais. Dentre esses, é válido destacar limites e marcos visuais como uma possibilidade de compreender melhor alguns elementos que caracterizam a paisagem de Plataforma. Desse modo, Lynch (1960, p. 59) define esses conceitos como:

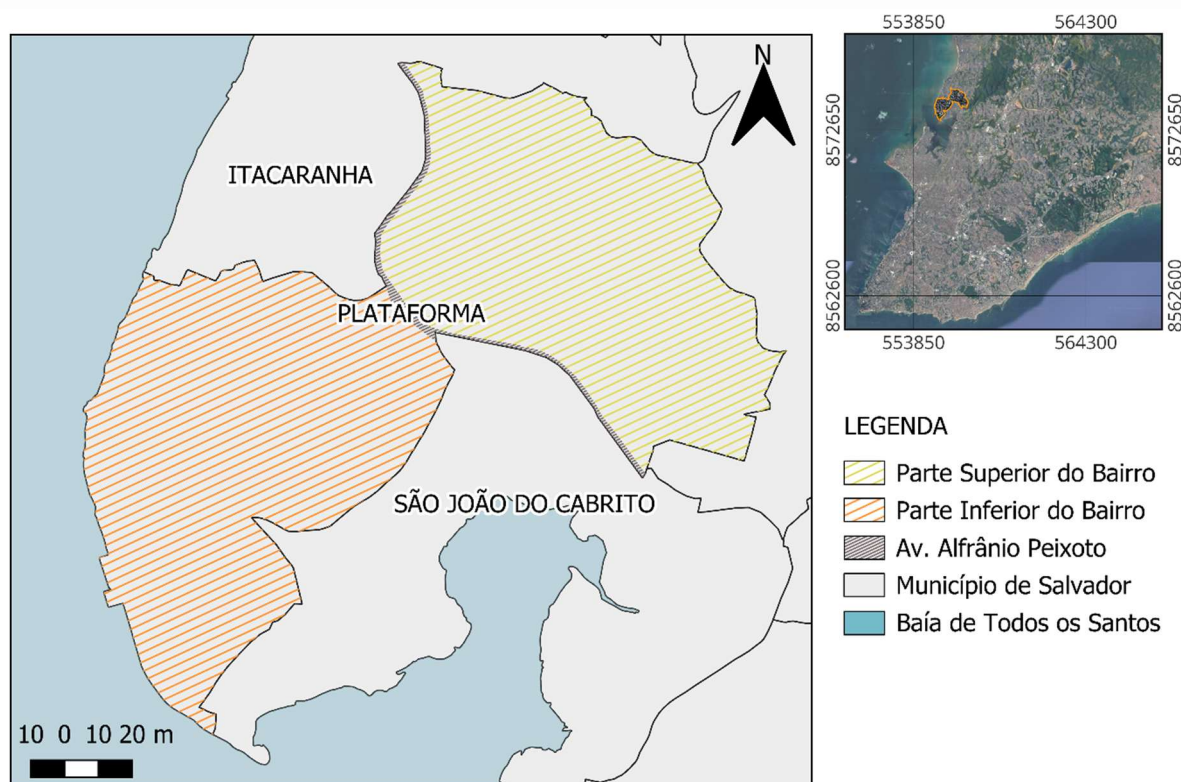
Limites: os limites são elementos lineares não usados nem considerados pelos habitantes como vias. São fronteiras entre duas partes, interrupções lineares na continuidade, costas marítimas ou fluviais, cortes do caminho-de-ferro, paredes, locais de desenvolvimento. Funcionam, no fundo, mais como referências secundárias do que como alavancas coordenantes; tais limites podem ser barreiras mais ou menos penetráveis que mantêm uma região isolada das outras, podem ser costuras, linhas ao longo das quais regiões se relacionam e encontram. Estes elementos limites, embora não tão importantes como as vias, são, para muitos, uma relevante característica organizadora, particularmente quando se trata de manter unidas áreas diversas, como acontece no delinear de uma cidade por uma parede ou água. **Marcos Visuais:** estes são outro tipo de referências, mas, neste caso, o observador não está dentro deles, pois são externos. São normalmente representados por um objeto físico, definido de um modo simples: edifício, sinal, loja ou montanha. O seu uso implica a sua distinção e evidência, em relação a uma quantidade enorme de outros elementos. [...] Podem situar-se dentro da cidade ou a uma tal distância que desempenham a função constante

de símbolo de direção. É o caso de torres isoladas, cúpulas douradas, colinas extensas. Outros pontos marcantes são essencialmente locais, podendo ser avistados apenas em regiões restritas e a certa proximidade. Parecem adquirir um significado crescente à medida que as deslocações se vão tornando cada vez mais familiar.

É inegável a contribuição de Lynch na leitura e compreensão da imagem da cidade através de elementos físicos presentes no espaço urbano. Entretanto, percebe-se a ausência de outros elementos culturais que fazem parte do modo de vida dos moradores e são inerentes à apropriação da área e, portanto, tornam-se essenciais para entender a paisagem em sua totalidade. Como abordado anteriormente, é necessário analisar como ocorre a interação entre as pessoas e os elementos físicos para compor a paisagem de Plataforma. Neste capítulo, serão abordados os aspectos estruturantes da paisagem de Plataforma, as peças de composição e as trocas, experiências, vivências, relatos e memórias que conectam os moradores com a paisagem local.

A paisagem de Plataforma carrega diversos elementos de composição que caracterizam o bairro. Esses itens serão apresentados e discutidos de forma mais aprofundada, identificando o papel morfológico dos fatores físicos, geográficos e antrópicos que se refletem na organização do traçado, no desenho urbano e na forma do bairro de Plataforma. A análise morfológica será associada à percepção dos moradores que participaram das entrevistas narrativas — assim como outros residentes que contribuíram informalmente para a compreensão da área.

O limite geográfico do bairro de Plataforma, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Urbanismo (SEDUR), pode ser subdividido em duas regiões, uma vez que seu desenho urbano é seccionado pela Avenida Alfrânio Peixoto, popularmente conhecida também como Avenida Suburbana, conforme mostra a figura 07. A parte superior do bairro está localizada acima da Avenida Alfrânio Peixoto, tendo como principal referência o Cemitério Municipal de Plataforma. A parte inferior é adjacente ao bairro de São João do Cabrito, cujo limite não é claramente definido sobre onde termina um bairro e se inicia outro, razão pela qual a comunidade o considera também como parte de Plataforma, não havendo, na prática, uma distinção entre ambos os bairros. Essa região inferior, mais ao sul do bairro de Plataforma, concentra o foco de estudo deste trabalho, local escolhido para se estabelecer o recorte da pesquisa.

Figura 07 - Subdivisão do bairro de Plataforma

Fonte: Produzido pelo autor, segundo dados do IBGE (2022).

De acordo com a Figura 08, percebe-se que ao se isolar esse lado inferior do bairro de Plataforma, tem-se uma forma urbana que se assemelha a uma península, com faces voltadas para a Baía de Todos os Santos. Há, inclusive, uma concepção por parte da comunidade de que morar no bairro é como estar em uma “pequena ilha”, reforçada pelos fatores litorâneos que são claramente perceptíveis desde o desenho do bairro até o clima, as atividades pesqueiras, o cheiro e todas as demais características maretórias.

Essa sensação de ilha que o bairro de Plataforma transmite também é atribuída à sua topografia acentuada, com morros e colinas que fazem parte da visão do transeunte durante o ato de caminhar, a saber, com ruas irregulares, subidas e descidas de ladeiras, vegetações que cobrem a paisagem e a visão do mar da Baía de Todos os Santos presente ao longo do horizonte. De fato, a riqueza natural e paisagística do bairro de Plataforma há muito o que revelar e pode servir de base para muitos estudos que busquem compreender essa relação com a cultura, a cidade, o cotidiano, a memória e o senso de pertencimento.



Figura 09 - Vista para a Baía de Todos os Santos
 Fonte: Produzido pelo autor (2024).



A singularidade da paisagem de Plataforma pode ser encontrada na relação complementar entre os elementos estruturantes que dão origem à ocupação do bairro e as peças de composição, criando um jogo equilibrado entre forma e volume. Os elementos estruturantes foram definidos como aqueles capazes de organizar o espaço e determinar a apropriação, a acessibilidade, as características físicas e espaciais do local; consequentemente, exercem influência no modo de vida e na rotina dos moradores. As peças de composição são quaisquer itens que se destacam na paisagem, podendo ser marcos visuais, atividades ou

aspectos que atribuem significado à vivência da comunidade, reforçando a construção da paisagem como um todo. Deste modo, consideram-se três elementos estruturantes: o mar, a linha férrea e a topografia (Figuras 09, 10 e 11). Através da relação entre os aspectos naturais e antrópicos, é possível compreender as características impostas por esses componentes para a formação da paisagem. Como peça de composição, destacam-se a arquitetura, o patrimônio, os aspectos culturais e as memórias.

A água determina uma alternativa de deslocamento ao bairro da Ribeira, criando uma nova rota de acesso e transporte através do terminal marítimo que integra ambos os bairros, se tornando tão importante quanto outros modais de transporte na região. O mar garante, ainda, o fornecimento de alimentos e a possibilidade de uma fonte de renda por meio da pesca, que passou a ser uma das principais atividades econômicas do bairro e símbolo de uma característica cultural do local. Assim, o mar também influencia diretamente no estabelecimento de moradias. Esse aspecto marítimo da paisagem de Plataforma, sem dúvidas, é um dos elementos mais importantes do bairro.

Figura 10 - Trem do Subúrbio

Fonte: Fotografia de Souza Silvanir, adaptado pelo autor.

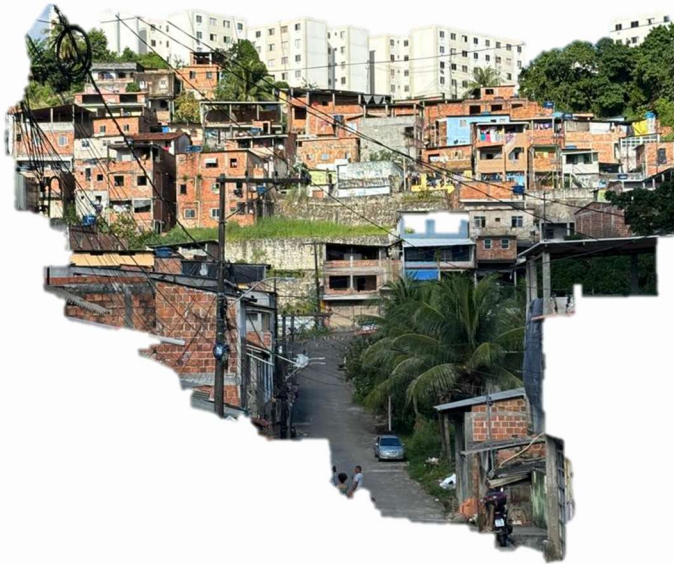


A linha férrea, por sua vez, definiu um dos principais meios de transporte do bairro por décadas até a sua desativação em 2021, principalmente devido ao baixo custo operacional. Além disso, os trens do Subúrbio Ferroviário foram responsáveis pelo estabelecimento de diversas indústrias e fábricas na cidade de Salvador, em especial para a Fábrica São Braz e União Fabril dos Fiais, em Plataforma.

Dessa forma, junto com a linha férrea e a criação das fábricas, o bairro passou por um grande processo de desenvolvimento urbano, atraindo moradores que buscavam melhores oportunidades de vida.

A partir daí, Plataforma se desenvolveu e viveu uma de suas maiores fases de geração de emprego e estabelecimento de moradias. Por fim, há ainda o impacto estético e espacial, dada a sua posição central, que permaneceu entre as residências e o mar, estruturando a paisagem do bairro.

Figura 11 - Ocupação Urbana
Fonte: Produzido pelo autor (2024).



Ademais, como terceiro e último elemento estruturante, a topografia também possui um papel fundamental na leitura, compreensão e apreensão da paisagem do bairro, pois o relevo irregular e assimétrico traduz a forma de ocupação das casas, a posição dos comércios e atribui um grande destaque visual na paisagem, seja por uma visão interna de quem transita pelo bairro, nas idas e vindas, subidas e descidas, ou através de uma visão externa de quem vem do mar ou da Ribeira. Assim, torna-se

fundamental conhecer os elementos estruturantes do bairro de Plataforma para uma melhor compreensão de seus impactos na formação e organização da paisagem.

Na paisagem de Plataforma, representada de forma esquemática na Figura 12, o mar e todo o seu horizonte ao fundo tende a exercer um magnetismo visual pela beleza natural do local, mas o aspecto industrial da paisagem, estabelecido pelo espaço da via férrea, se localiza estrategicamente na posição central da perspectiva, recortando o mar e a topografia, e assim, criando dois polos na paisagem: o mar e a colina.

Nesse sentido, se estabelece tanto uma harmonia quanto um contraste entre os três elementos estruturantes, de tal maneira que eles atingem um equilíbrio orgânico no campo visual do observador, atraindo para si o destaque geral da composição. É preciso reconhecer que essa relação entre os elementos estruturantes são mais do que uma interpretação morfológica da paisagem, pois carregam por trás muita história sobre o bairro e a comunidade, permeada de significados e valores culturais, de modo que somente a descrição física desses aspectos se tornaria insuficiente para compreender a importância dessa paisagem para o bairro.



Figura 12 - Esquematisação dos elementos estruturantes da paisagem
Fonte: Produzido pelo autor (2025).

A paisagem de Plataforma é, portanto, um belíssimo conjunto que se forma a partir do mar, da topografia e dos resquícios ferroviários que remontam ao tempo fabril. É claro que há ainda outros fatores que devem ser acrescentados nessa composição como, por exemplo, a arquitetura, o patrimônio histórico e cultural, as memórias e experiências socioculturais. Entretanto, a morfologia do bairro é o ponto de partida que aponta para o entendimento das relações que se desdobram na vivência diária do local.

Nesse sentido, o aspecto marítimo estabelece uma forte relação morfológica na construção da paisagem, não somente pela importância da água para o bairro de Plataforma, sobre o qual já haveria motivos suficientes para o desenvolvimento desse estudo, mas também pelo seu papel estruturante de conectar a região de Plataforma com o bairro da Ribeira por meio do Terminal Marítimo. De acordo com a Figura 13, é possível perceber como ambos os bairros se correlacionam por meio do mar, estabelecendo um contraste de profundidade que pode ser contemplado de cada extremidade da área. Além disso, esse acesso não contribui somente no aspecto visual, mas permite a continuação das atividades econômicas entre a região do Subúrbio Ferroviário e a Península de Itapagipe, além de impulsionar o turismo local.



Figura 13 - Conexão Plataforma-Ribeira
Fonte: Produzido pelo autor, segundo dados do IBGE (2022).

LEGENDA

- Trajeto de Acesso
- Terminal Marítimo
- Baía de Todos os Santos

O TERMINAL MARÍTIMO



Figura 14 - Terminal Marítimo Plataforma-Ribeira
Fonte: Produzido pelo autor (2024).

O terminal marítimo, visto na Figura 14, que integra a ligação hidroviária Plataforma-Ribeira, é uma peça de composição da paisagem de Plataforma, sendo um modal de transporte bastante utilizado pelos moradores locais devido à facilidade de deslocamento entre ambos os bairros, contando com uma duração de 5 (cinco) minutos por travessia. De acordo com a Prefeitura de Salvador⁴, foram transportadas mais de 7,8 mil pessoas por dia nos primeiros meses de 2023. Os terminais voltaram a funcionar, de fato, em junho de 2008, após quase duas décadas de desativação; em 2014, passaram por outra requalificação devido a atos de vandalismo.⁵ Após tantos anos de funcionamento, a percepção dos moradores sobre o terminal marítimo não apresentou mudanças quanto à sua importância para o bairro.

Edson pontuou:

É a melhor coisa que tem, né? – se referindo à travessia Plataforma-Ribeira. O tempo que você vai atravessar de ônibus para ir à Calçada e voltar para a Ribeira por aqui é rapidinho, né? E paga menos. Os moradores utilizam muito, até hoje. Tem mais de 40 anos aí.

Além disso, ele destacou o ponto como um dos marcos do bairro e, quando perguntado sobre suas principais memórias, mencionou “a praia aí, a lanchinha e o trem que tiraram sem ter necessidade, porque poderia muito bem melhorar o trem, né?!”. Em outra pergunta, sobre qual o elemento de maior destaque na paisagem de Plataforma, um dos itens respondidos foi sobre o terminal: “A lanchinha também, que hoje está até... segurando ainda, né? Que é tradição aqui. Eu era menino e já tinha essa lanchinha aí. Não era nem lancha, era uma canoa, da travessia Ribeira até Plataforma”.

Por outro lado, Amélia fez algumas observações sobre o terminal: “É importante sim. Faz muita falta porque, agora mesmo, fica de 1h em 1h, mas antigamente era uma encostando e outra saindo, e eram lanchas grandes.”

Pedro, sobre a identidade de Plataforma, incluiu também o terminal marítimo, dentre outras coisas: “A travessia Ribeira aí mesmo. Uma coisa que tem uma conexão antiga aí, porque eu trabalhei na Ribeira. Aí você atravessava com embarcação antigamente, hoje está até mais moderno. Então é isso... a travessia Ribeira, o trem, essa ponte aí que é antiga”.

⁴ Disponível em: salvador.ba.gov.br. Acesso em: 7 jul. 2024.

⁵ Disponível em: revistaportuaria.com.br. Acesso em: 7 jul. 2024.

Isabel também elencou o uso do modal: *“Muito bom! Os moradores usam muito aqui. Daqui a pouco é hora do povo subir aí que vai para a Ribeira. Vai tudo para Ribeira tomar banho e daqui a pouco sobe todo mundo porque a última lancha passa 19h”*.



Figura 15 - Baía de Todos os Santos - Ribeira
Fonte: Lara Nogueira (2024).

A escolha pela travessia vai muito além da agilidade no deslocamento, uma vez que é carregada de simbologias que permitem também aos moradores a contemplação de uma paisagem privilegiada sob as águas da Baía de Todos os Santos, acompanhada do balanço das ondas, a silhueta das ilhas como pano de fundo, a presença dos barcos e lanchas espalhados pelo mar, a calma e o cheiro marítimos, elementos que caracterizam Plataforma e fazem parte da vida cotidiana dos moradores (Figura 15).

Dessa forma, não há hesitação em considerar o porto marítimo um dos elementos

que caracterizam a paisagem de Plataforma, porque não se trata aqui apenas de um simples elemento físico posicionado na borda do mar (Figura 16), mas de uma série de fatores subjetivos que remetem aos moradores um senso de identificação com os pontos mais fortes e característicos do bairro. São, de fato, esses aspectos intrínsecos à vivência local que constituem tanto a construção da paisagem quanto da identidade do bairro, sendo de total interesse deste trabalho.



Figura 16 - Terminal Marítimo suspenso sob o mar
Fonte: Produzido pelo autor (2024).



Figura 17 - Plataforma vista da Ribeira
Fonte: históriacidadebaixa (2010).

A Figura 17 estabelece a relação entre os bairros de Plataforma e Ribeira na formação da paisagem, onde é possível visualizar da Ribeira todo o contorno da topografia de Plataforma que se destaca sobre o mar da Baía de Todos os Santos. O local de recorte da pesquisa também pode ser percebido ao fundo, em toda a extensão da borda marítima de Plataforma, ficando visível também outros traços do relevo acentuados do Subúrbio Ferroviário, ampliando o papel que a topografia exerce no processo de ocupação urbana dessa região.

O cenário da figura compõe a essência de quem mora próximo ao mar, caracterizado pelas embarcações de pequenos portes como canoas, barcos e lanchas, que servem como transportes alternativos para outros locais ou simplesmente de uso dos moradores para as atividades pesqueiras. A pesca também é um dos fatores que aproximam os bairros através da vivência dos moradores que se deslocam pelo mar até o Porto das Sardinhas, no bairro de São João do Cabrito, na parte baixa de Plataforma, para compra e venda de mercadorias, como também para o Terminal Pesqueiro da Ribeira, que funciona como ponto de distribuição de pescados e oferece serviços de manutenção e suporte para as embarcações de pescadores.



Figura 18 - Atividades pesqueiras em Plataforma
Fonte: acervo da laje (2013).

Representadas na Figura 18, as atividades pesqueiras fazem parte dos aspectos culturais e de tradição no bairro de Plataforma — e das demais comunidades litorâneas que fazem dessas profissões sua economia tradicional. Os moradores de Plataforma tem o costume de realizar essas atividades não apenas no local, mas na circuvizinhança, nos bairros de Itacaranha, São João do Cabrito e Ribeira. Há inúmeras reportagens que retraram esse símbolo cultural do bairro e a importância da pesca e da mariscagem no bairro de Plataforma. É comum perceber nos documentários que essas profissões são como uma herança cultural do local, passada de pais para filhos, inicialmente sendo desenvolvida como um lazer e, ao longo do tempo, se transformando na principal fonte de renda (Bahia, 2020).

Deste modo, não há como discutir os elementos de composição inseridos no componente marítimo de Plataforma sem destacar a relevância desses ofícios para a região, atribuindo à água uma função que vai além da estética, de uma miragem ou horizonte, mas se consolida morfologicamente como um elemento estruturante na formação da paisagem do bairro, organizando, ordenando e estabelecendo também um modo de vida peculiar.

A PRAIA



Figura 19 Praia do Alvejado
Fonte: Produzido pelo autor (2024).

Um dos locais mais conhecidos do bairro de Plataforma é, inegavelmente, a pequena praia do alvejado (Figura 19), cujo nome carrega a história das antigas moradoras que alvejavam suas roupas próximas às águas da praia.⁶ A praia caracteriza uma das paisagens mais bonitas de Plataforma, principalmente no pôr-do-sol, onde os últimos raios repousam sobre as águas da Baía de Todos os Santos, criando um cenário de contemplação que é acompanhado por moradores locais e residentes de outros bairros do subúrbio ferroviário.

Em uma visita inicial ao bairro, através de uma conversa descontraída e informal com Lucas, de 53 anos, e Pedro, de 73 anos, dois moradores antigos que conhecem bem a região, ambos caracterizaram a paisagem de Plataforma carregados de afeto pela área:

Ah! Isso aqui, ó... a paisagem da orla, o mar, o pôr-do-sol daqui, meu irmão... tá maluco! Não tem igual. É muito lindo! Venha aqui no final da tarde para você ver que negócio lindo.” (Lucas)

“Eu moro em frente à praia. A paisagem aqui é linda... o pôr-do-sol... Plataforma sempre foi bonito, todo mundo gosta daqui... À noite aqui, eu dormia no mar, dentro do barco, na praia (Pedro).

Pedro também comentou como alguns programas do governo afetaram as atividades locais:

O pessoal pescava e mariscava muito aí, mas hoje acabou com a pesca, o marisco, tudo, desde que o governo colocou a Baía Azul que poluiu o mar. Baía azul tem muito tempo, desde Antônio Carlos Magalhães (avô). Teve benefício sim, mas não teve tratamento correto e quando a bomba está quebrada jogam tudo aí no mar e acaba tudo; mas Plataforma, o mar era muito azul, tudo azul. Hoje, infelizmente, tem isso aí, mas tem outras coisas também. Aqui sempre foi coisa boa.

Além da praia, há restaurantes por perto bastante conhecidos, como Boca de Galinha, e pequenas barracas ao longo do mar que fornecem diversos petiscos. A praia, por muito tempo, foi usada como um espaço de encontro, mas passou por um período de esvaziamento quando houve uma forte onda de assaltos e violência; atualmente, está retornando a ser utilizada novamente com muita avidez, principalmente nos finais de semana e feriados. Muitos moradores mantêm seus pequenos barcos e canoas na areia do mar, criando uma paisagem que traz uma sensação de pertencimento, não somente como um local de visita e turismo.

⁶ A página “Belezas do Subúrbio” é dedicada ao fomento da história dos bairros suburbanos e a cultura local, com informações vindas de moradores ou fontes oficiais de órgãos municipais. Disponível em: <https://www.facebook.com/belezas.suburbio>. Acesso em: 26 jul. 2024.



Figura 20 - Crianças brincando no mar
Fonte: Produzido pelo autor (2024).

A praia, para além de um espaço social, é considerada também um local de lazer para quem mora em Plataforma. Se por um lado a localização do bairro está afastada do centro da cidade e de bairros mais nobres ou turísticos, por outro, esse cenário litorâneo torna-se um destaque para a região no aspecto de lazer, permitindo que a população não precise se deslocar para usufruir do que pode ser considerado um dos pontos mais fortes de Salvador, além de ser uma das características mais atrativas e valorizadas da cidade.

As cenas comuns que compõem essa paisagem estão repletas de significados para quem vive nesse ambiente beira-mar, seja de pessoas sentadas conversando nas barracas, passeando com animais de estimação, ou até mesmo comendo, bebendo e registrando fotos do momento, assim como dos pescadores arrastando suas canoas para o mar, ou retornando dele, e crianças brincando na praia (Figura 20). As atividades cotidianas parecem ocorrer de maneira muito orgânica por parte dos moradores, principalmente devido à sensação de bem-estar e tranquilidade que o ambiente litorâneo proporciona ao bairro de Plataforma.



Figura 21 - Borda marítima de Plataforma
Fonte: Produzido pelo autor (2024).

Sabe-se, portanto, que a cidade de Salvador foi moldada pelo mar, sobretudo devido à sua extensão litorânea que impulsionou o desenvolvimento econômico e social, ou seja, grande parte do que foi construído ao longo do tempo na cidade possui alguma relação com a água. O bairro de Plataforma, por sua vez, está inserido nesse mesmo enredo pela relação marítima que faz parte da história do local e das famílias que tiveram seus conhecimentos e saberes passados de geração em geração.

A relação morfológica do mar com a paisagem de Plataforma consiste no estabelecimento de uma organização em torno da água, na formação do desenho urbano e da forma do bairro quase como uma ilha, não isolada, mas dentro de uma das maiores cidades do Brasil. Esse diálogo que o bairro possui com o mar passa também pelos desdobramentos práticos na maneira como a comunidade se desenvolveu, criou seu próprio modo de vida, suas atividades, ampliou suas possibilidades de ofícios para obtenção de renda, fundamentou sua cultura e enriqueceu sua diversidade.

Por meio da Baía de Todos os Santos, o bairro de Plataforma é um convite ao turismo e sua conexão com o bairro da Ribeira transmite essa mensagem, de que o local está aberto ao desenvolvimento econômico e social. Através dessa associação entre os bairros, quem chega no local pelo terminal marítimo é conduzido organicamente pelas águas da Baía até um cenário repleto de história e valor simbólico-cultural. O terminal, logo, não é somente um transporte hidroviário que gera um deslocamento de um ponto a outro, mas cumpre uma função importante no local de guia dos transeuntes até o palco onde o bairro nasceu.

Nesse sentido, é válido salientar que apesar da enorme riqueza cultural presente no local, o bairro enfrenta desafios para movimentar o turismo, a economia e gerar mais renda para os moradores que dependem desse movimento marítimo para sua sobrevivência. Salienta-se esse aspecto turístico do local porque entende-se que o funcionamento normal do bairro também se desdobra sobre essa face econômica diante das atividades tradicionais e, até mesmo, artesanais em função do mar. Logo, a carência do bairro ainda se encontra na ineficácia da atuação do poder público no fomento e manutenção dessas áreas — que não inclui apenas o bairro de Plataforma, mas tantos outros que fazem parte dessa região litorânea da cidade. A mobilidade deficitária desse recorte inferior de Plataforma é um dos entraves para a ampliação dessa rede turística, especialmente após a retirada dos trens do Subúrbio Ferroviário que, sem dúvidas, impactou no acesso de outros moradores que chegavam em Plataforma dispondo de baixos custos de deslocamento.

O ANTIGO TREM



Figura 22 - Malha Ferroviária
Fonte: Jornal A Verdade (2021).

As linha de trem, sua ferrovia e estações apresentam aspectos que vão além da arquitetura, incorporando histórias e valores de ordem cultural e patrimonial, carregando memoriais que fazem parte da vida de muitas famílias, seja através do percurso diário a ser percorrido para se chegar ao trabalho, para os estudos ou, inclusive, para aqueles que, de fato, trabalhavam na própria ferrovia, estabelecendo um contato direto com o local.

A Estrada de Ferro da Bahia ao São Francisco (EFBSF), que também era chamada de Bahia and S. Francisco Railway, possuía 570km e começou a ser criada em 1853, após Joaquim Francisco Alves Muniz Barreto receber do Governo Provincial a concessão para a construção de uma ferrovia ligando Salvador à cidade de Juazeiro (Zorzo, 2020). Desse modo, a história da ferrovia começa por volta do século XIX, tendo sua primeira sessão inaugurada em 1863, fazendo ligação entre Salvador a Alagoinhas, e recebeu o título de primeira instalação ferroviária da Bahia e a quinta do Brasil (Tavaes, 2009).

Os trens do Subúrbio Ferroviário e toda estrutura viária, implantada por volta de 1860 pela Companhia de Transportes do Estado da Bahia (CTEB), podem ser considerados como elementos estruturantes da paisagem de Plataforma. A malha industrial que recorta o bairro se posiciona de forma estratégica entre o mar e a colina, estabelecendo um limite espacial — conforme destaca Lynch (1960). De um lado, há toda a beleza natural do mar e seus desdobramentos que foram apresentados anteriormente, por outro, existe a instalação das moradias e infraestrutura urbana do bairro, seccionadas pela estrutura ferroviária que delimita ambos os espaços, definindo tanto o limite do mar como as primeiras ruas do bairro de Plataforma.

Além do fator estruturante que os trens ocupam no local diante do aspecto morfológico, os relatos dos moradores potencializam a importância deste elemento na formação da paisagem. As falas dos moradores, carregadas de experiências, lembranças e sentimentos, reverberam a nostalgia por trás deste importante fator. Após a desativação e demolição da antiga estação de trem Almeida Brandão, localizada próxima à Fábrica São Braz, não é somente a ausência física deste meio de transporte que afeta o local, mas o vácuo emocional de quem passou sua infância indo e vindo através do trem. O espaço vazio leva embora também os sons que caracterizavam o trem, a buzina que sinalizava a proximidade da estação, o barulho do atrito entre as rodas e o trilho de ferro ou o som do balanço dos vagões. Essa “zoada”, hoje, faz falta para quem convivia diariamente com esses sons, por décadas de uso, e guarda na memória essas recordações.

Em Plataforma, além da desativação e remoção dos trilhos, houve a demolição da antiga

estação de trem que consolidou o início da implantação do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), que, atualmente, está em fase de estudo para início das obras. Dessa forma, o trem do subúrbio não é mais um elemento presente na paisagem do bairro, ao menos enquanto aspecto meramente físico. Entretanto, este foi um dos itens mais mencionados pelos moradores durante a entrevista, no que tange à memória relacionada ao bairro e à construção da paisagem, cujo retrato está presente nas Figuras 22, 23 e 24.

Compreendendo o conceito de paisagem como uma construção que vai além dos elementos físicos de uma área, entende-se que o trem do subúrbio está presente na memória da população local como uma âncora da paisagem que deu origem ao bairro, sendo tão importante quanto os demais aspectos descritos anteriormente. Se na leitura da paisagem por parte dos moradores há uma correlação com o trem enquanto papel histórico e cultural, torna-se necessário enxergá-lo como uma construção social que contribuiu para essa associação com a paisagem, mesmo que seja através do imaginário coletivo; sendo assim, torna-se de muita relevância para o desenvolvimento da pesquisa.

Edson, ao ser questionado sobre uma das suas principais lembranças do bairro,



Figura 23 - Antigo trem em funcionamento
Fonte: acervodalaje.com.br.

afirmou: “[...] o trem, que tiraram sem ter necessidade, porque poderia muito bem melhorar o trem, né?! Em vez de trazer tal de VLT que eles dizem que vão trazer, mas não vão trazer nada. Melhorava o trem, comprava os “trem” mais novos e colocava na linha, né?!”. Ele foi questionado sobre quais os elementos escolheria para compor a paisagem de Plataforma, onde também citou o trem como um dos itens: “[...] E o trem. O trem era a alegria do suburbano, né? Era a melhor coisa que tinha para a gente aqui era o trem. Fazer o quê?!”. O morador, ao ser perguntado sobre quais são os principais elementos de destaque do bairro, também considerou o trem:

Aqui, de primeiro, tinha ali a estação de trem, o viadutozinho que era um destaque danado, né? Veio muita gente de fora, até do exterior, fazer filme, filmagem, entendeu? Na ponte, ali mesmo, que vinha muita gente de fora fazer filmagem... Estados Unidos... esses lugares aí. Fazia muita filmagem [...].

As respostas de Edson sobre o trem evidenciam uma indignação no tocante à substituição do antigo trem pelo VLT. Além disso, há um interessante exercício de memória quando o trem é mencionado como um dos principais elementos de destaque do bairro, juntamente com a estação de trem, apesar de não estar mais presente no local devido à desativação e demolição de sua antiga estrutura. O que ocorre é o resgate de uma paisagem que antes fora um marco visual, mas que permanece viva mesmo sem haver mais nenhum resquício de construção erguida no local — apenas a delimitação por onde passavam os antigos trens — reforçando o papel da arquitetura como algo simbólico que transcende sua própria funcionalidade.

O trem de Plataforma, para Felipe, é uma das coisas que diferencia o bairro de outros locais:

Era os “trem”, viu, véi?! – o diferencial do bairro. Eu saía para estudar, tinha os “trem” baratinho, meu pai gastava pouco para a gente estudar. A gente estudou, hoje eu sou fotógrafo. Já trabalhei no IPAC, no Pelourinho... estudei... fiz química ali no Comércio. Entendeu?

Essa perspectiva apresentada por Felipe é destacada por muitos moradores, pois, além da rapidez no deslocamento entre os bairros do subúrbio, a questão econômica era um fator essencial para a adesão e valorização do transporte por ferrovia, como cita também Jurandir: “[...] o trem também é uma lembrança boa... aqui você pagava cinquenta centavos e conhecia o subúrbio todo”.

Durante a entrevista, em uma das perguntas sobre as principais memórias no bairro, Isabel respondeu: “a fábrica que meu pai trabalhou e acabou. O trem, que está fazendo falta, apesar do pessoal dizer que está trabalhando aí” – se referindo à proposta

do VLT. Pedro também cita “a fábrica, os trens e a praia” como os principais símbolos do local, ou seja, é um elemento que faz parte da construção do bairro e, conseqüentemente, da paisagem que molda Plataforma.

É perceptível a crítica presente na fala dos moradores quando se referem à substituição do trem pelo VLT, como se afirma na fala de Amélia:

É a tranquilidade – referindo-se ao diferencial de Plataforma. E todo mundo que vem aqui gosta da tranquilidade. Hoje até não estão vindo porque existia o trem, né? Era de Paripe até... antigamente, eu era garota, vinha Alagoinhas, vinha Candeias, Monte Gordo, essas coisas. Foi descendo, acabando, acabando... ficou só de Paripe até lá a Calçada. Agora, está há uns 3 anos que acabou e estão aí para passar o VLT. Se eu vou alcançar, só Deus sabe.

O paralelismo presente na percepção de Edson e Amélia são claramente perceptíveis pela crítica em destaque quanto à remoção dos antigos trens e o tempo de espera para implantação do novo sistema de transporte. Por outro lado, apesar de não haver um discurso crítico direto dos demais moradores mencionados acima, indiretamente se identifica uma rejeição evidenciada pela nostalgia desse papel representativo que exerciam o transporte no local, associado ao contexto industrial e fabril que conta a história da região. Portanto, a figura dos trens em Plataforma está bastante viva na memória dos moradores, tornando-se indissociável discutir sua paisagem enquanto identidade sem mencioná-los como um aspecto cultural que permanece tão atual quanto [sempre] fora antes.



Figura 24 - Trilho do trem
Fonte: acervodalaje.com.br.

A TOPOGRAFIA



Figura 25 - Autoconstrução nos morros de Plataforma
Fonte: Produzido pelo autor (2024).

ali, tinha barraquinhas ali, ó! Entendeu? Terminou demolindo. Aqui está assim agora”. Para suprir essa dificuldade, muitos trabalhadores informais estabeleceram pequenas barracas em pontos estratégicos onde a população consegue adquirir pequenos itens de consumo sem a necessidade de realizar grandes deslocamentos, principalmente diante da topografia acentuada — apesar de muitas barracas terem sido demolidas, conforme relata a moradora.

Longe dos principais centros urbanos da cidade e da assistência do poder público, as autoconstruções se tornam a única alternativa de moradia e, conseqüentemente, contribuem para a formação de uma paisagem que também é cultural, reflexo das condições socioeconômicas, das técnicas de construção adquiridas e passadas entre gerações e do modo de vida da população local. Em Plataforma, a formação dessa paisagem pelas autoconstruções conformadas ao longo dos morros, é estabelecida pela relação complementar entre o mar e a colina (Figura 27).



Figura 27 - Relação entre a topografia e o mar
Fonte: Produzido pelo autor (2024).

O relevo irregular de Plataforma se configura, portanto, como um elemento estruturante da paisagem porque determina a forma de ocupação e o traçado do bairro — aspectos apresentados anteriormente. Nesse sentido, a arquitetura do local se estabelece de forma ascendente, saindo do menor nível de altitude, próximo ao mar, e alcançando até as mais altas construções na parte superior do bairro. As autoconstruções, assim, foram se adaptando à topografia e à malha do bairro, originando uma paisagem que representa o estilo de vida de quem reside na área, uma vez que a paisagem do bairro resulta das próprias vivências da comunidade, conforme destaca a Figura 28.



Figura 28 - Forma de ocupação do bairro de Plataforma
Fonte: Produzido pelo autor (2024).

A FÁBRICA: SÃO BRAZ



Figura 29 - Rua Almeida Brandão
Fonte: Produzido pelo autor (2024).

A fábrica São Braz, fundada em 1875, se tornou uma das mais importantes de Salvador entre o final do século XIX e início do século XX. Plataforma, que nesse período era apenas uma fazenda do proprietário Almeida Brandão⁷, após a implantação da Fábrica, transformou-se em um bairro operário que atraiu muitos trabalhadores para a região, iniciando o processo de povoamento que impulsionou o desenvolvimento social e econômico. Contudo, após à II Guerra Mundial, os produtos têxteis sofreram uma drástica redução de preço e a fábrica não conseguiu manter os altos custos de produção que ocasionaram na sua desativação, após longas tentativas de funcionamento.

A edificação, assim como o entorno da área, passou por um processo de tombamento realizado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC-BA), que se iniciou em 1997 e se concretizou em 2002 devido à sua importância histórica não apenas para o bairro de Plataforma, mas como impulsionadora do desenvolvimento industrial e econômico na cidade de Salvador (Figura 29). De acordo com Castore (2012), a solicitação do tombamento foi impulsionada principalmente pelo Diretor do Centro de Estudos Afro Orientais da Universidade Federal da Bahia, como também pela Associação de Moradores de Plataforma (AMPLA). Logo, havia o intuito de assegurar o significado histórico, cultural e patrimonial da área que originou o bairro de Plataforma, possuindo especial valor identitário para a comunidade.

No entanto, o tombamento e o reconhecimento do papel exercido pela Fábrica São Braz, associados à belíssima e interessante construção em estilo neoclássico, não foram eficazes para evitar o processo de arruinamento e degradação que devastou o local; porém, a imponente ruína ainda é capaz de evidenciar a grandiosidade do que foi a edificação em seus tempos de glória. O local vai muito além de uma bela paisagem, pois carrega uma importância histórica que reforça seu reconhecimento como patrimônio cultural, como enfatizado no registro estadual:

(...) O local onde existiu um engenho de açúcar, provavelmente o Engenho São João. Neste engenho, o Padre Antônio Vieira proferiu sermão dirigido à Irmandade dos Pretos de Nossa Senhora do Rosário. Além disso, o território onde se encontra a fábrica assistiu às invasões holandesas no século XVII, e às investidas dos portugueses nas batalhas pela independência da Bahia. A Fábrica São Braz pertenceu à CIA Progresso e União Fabril, de propriedade do senhor Bernardo Martins Catharino desde 1932 e tinha seu escritório localizado à Avenida Estados Unidos, no Edifício União (BAHIA, 2002).⁸

A família Catharino foi pioneira no desenvolvimento industrial da cidade e proprietária

⁷ Um dos nomes mais importantes da história de Plataforma, Almeida Brandão foi um fazendeiro que construiu uma usina que se transformou, após 9 anos, na fábrica São Braz (Salvador, 2020). O nome da antiga - já demolida - estação de trem do bairro recebeu seu nome, assim como a rua onde hoje se encontra as ruínas da fábrica.

⁸ Decreto Nº 8.357/02, de 05/11/2002.

de grande parte das terras do Subúrbio Ferroviário. Através da implantação da linha férrea e das instalações da fábrica de tecido, o bairro atraiu infraestrutura e melhorias, principalmente energia elétrica e transporte público, criando melhores condições para os trabalhadores locais e residentes da área (Souza; Mendes, 2009). Para Amélia, de 73 anos, nascida e criada no bairro de Plataforma, quando questionada se alguém de sua família já trabalhou na fábrica e sua importância para região, ela respondeu:

Quem trabalhou foram minhas mães e minhas tias. Acho que a importância é muito grande, meu filho, porque aqui ela (a fábrica) era chamada de “mamãe carinhosa” porque os donos sempre colocavam para trabalhar [...] por causa de criar os filhos, né? Era chamada de mamãe carinhosa por isso.

Edson, de 68 anos, morador do bairro há 40 anos, também declarou: *“minha mãe trabalhou aí. Rapaz... a fábrica era tudo! Gerava emprego, né, rapaz? Gerava emprego para todo mundo aqui; todo mundo tinha seu dinheirinho e trabalhava”*. Isabel, de 72 anos, moradora há 13 anos no bairro desde que retornou para Plataforma, também reforçou a importância familiar da fábrica: *“foi muito importante (para a família). Meu pai trabalhou aí e minha irmã trabalhou na outra fábrica da Ribeira”*. Dois aspectos se apresentam na percepção dos moradores, como sendo: primeiro, a importância histórica da fábrica para o desenvolvimento social e econômico da região; e segundo, a fábrica como uma memória familiar.

Do ponto de vista social, a fábrica possibilitou uma nova oportunidade de melhoria de vida, fomentando a ocupação do bairro e possibilitando moradia, emprego, renda e segurança familiar – aspectos que são buscados e valorizados pelas pessoas que estão inseridas em um cenário socioeconômico desafiador, como o subúrbio ferroviário e os bairros de baixa renda. Por outro lado, esse ambiente de segurança familiar que está relacionado ao tempo em que o edifício esteve ativo, remete à uma memória geracional que conta a história de muitas famílias locais, tornando a fábrica um elemento maior do que sua própria arquitetura e representando muito mais do que um marco temporal bem-sucedido.

Portanto, a fábrica é uma peça de composição fundamental na paisagem de Plataforma, que se destaca por representar um símbolo do bairro, impossível de ser desassociado da história e memória afetiva daqueles que fizeram parte da construção do local, constituindo-se um elemento de paisagem que transcende o aspecto meramente físico ou geográfico. De acordo com o ObservaSSA (2022) o bairro ainda exhibe o contraste pela sua rica historicidade, apesar do descaso de seus empreendimentos, somados à ausência do Estado com investimentos e fomentos para preservação do patrimônio material e imaterial do bairro.

A FÁBRICA: UNIÃO FABRIL



Figura 30 - Fábrica União Fabril dos Fiais
Fonte: Produzido pelo autor (2024).

Localizada em frente à Fábrica São Braz, de propriedade da família Catharino, a União Fabril dos Fiais foi responsável por contribuir para o povoamento do bairro até meados do século XX. Juntamente com a Fábrica São Braz, grande parte das famílias que ainda residem no local possui alguém que já trabalhou nessas instalações, que são reconhecidas como um símbolo do bairro e uma das construções mais importantes da história de Plataforma (Figura 30).

As paisagens excluídas, muitas vezes, são marginalizadas por não posuírem um aspecto estético que se justifique dessa forma, mas essas também carregam consigo um forte poder simbólico (Costa, 2008). Diante disso, “esse poder simbólico presente na paisagem assenta-se numa ordem lógica e de acordo Maldonato (2001), integra-se a uma linguagem psíquica, torna-se disperso em signos e significados” (Costa, 2008, p. 149). Apesar do estado de abandono e degradação estrutural das edificações, conforme apresentado na Figura 31, esses elementos também constituem a paisagem característica e simbólica do bairro. A arquitetura aqui se apresenta como um monumento carregado de história, cultura e memórias indissociáveis ao local, além de compor um conjunto paisagístico que pode ser contemplado desde a Ribeira, tornando-se ainda mais rico de acordo com a proximidade do observador.



Figura 31 - Estado de degradação das fábricas
Fonte: Produzido pelo autor (2024)

A VILA OPERÁRIA



Figura 32 - Residências operárias em Plataforma Fonte:
Produzido pelo autor (2024).

Para Santos e Serpa (2000), o bairro de Plataforma se consolidou através da instalação da fábrica de tecidos São Brás; por um lado, atraindo investimentos públicos e, por outro, dando abertura para a chegada de novos moradores e criando uma série de moradias destinadas aos operários. Foi a partir deste período, do surgimento da fábrica, que o bairro passou por um longo processo de expansão, corroborando para o comércio local, pequenos estabelecimentos e fomentando novos usos, bens e serviços na região.

A vila operária, localizada na rua Úrsula Catharino, adjacente à Fábrica São Braz, é um dos elementos característicos da paisagem de Plataforma. A rua que para os moradores locais é chamada de “ladeira da feirinha”, é uma das mais antigas da Suburbana e já foi a principal via de acesso e local de trabalho aos operários, provavelmente a rua de onde nasceu o primeiro bairro do Subúrbio Ferroviário de Salvador.⁹ A fábrica, devido às suas proporções, possivelmente contava com mais de 1.000 (mil) operários — sendo muitos deles familiares, como pais, filhos e até netos.

Diante de um número tão grande de trabalhadores, foram construídas pequenas residências em torno da fábrica, na rua Úrsula Catharino, para os funcionários e suas famílias, cujo aluguel já era descontado na folha de pagamento — muitos, até hoje, são inquilinos da família Martins Catharino e pagam por isso; enquanto outros estão em processo judicial ou pagam em juízo.¹⁰ De acordo com as Figuras 32 e 33, as casas possuem uma tipologia que denota ao período da Fábrica São Braz, por volta do final do século XIX e início do século XX. As principais características se apresentam como sendo de pavimento térreo, fachadas estreitas, construção em série sem nenhum recuo entre as edificações e colunas aparentes, assim como detalhes e ornamentos coloridos que compõem a fachada.

A visão dos moradores sobre a vila operária é um importante aspecto identificado na entrevista, uma vez que as primeiras casas foram construídas a partir desse contexto e se tornaram fundamentais para a construção do bairro e estabelecimento das primeiras famílias.

Para Edson,

É a morada que é calma, né? Não tem perturbação. Todo mundo tem sua casinha para morar aí. De primeiro, só morava aí quem trabalhava na fábrica, né? Hoje todo mundo já tem sua casinha aí. Melhorou – referindo-se

⁹ Seixas, Thaís. **Salvador em bairros: Plataforma cultural e gastronômica**. Jornal a Tarde [online], Salvador, 21 jan. 2021. Disponível em: <<https://atarde.com.br/bahia/bahiasalvador/salvador-em-bairros-plataforma-cultural-e-gastronomica-680186>>. Acesso em: 19 jul. 2024.

¹⁰ Ibid.

à qualidade da moradia. Essas daqui [apontando para as casas] são da fábrica, mas as de lá já desmancharam e melhoraram mais ainda.

Da mesma forma, Amélia destaca:

Muita coisa, né? – referindo-se à importância da vila. Porque são casas que eram da antiga fábrica que ainda existe, né? Essas casas têm sua importância porque são casas baratas também e eles não tomam com facilidade a não ser que as pessoas facilitem muito, né? Mas eles não tomam. Eu mesma já morei aqui. Hoje em dia, a casa é minha, mas eu morava de aluguel e pagava barato. Hoje em dia, ainda tem gente que paga. Tem gente aqui que não paga nem 100 reais de casa, meu filho, paga sessenta e cinco... cinquenta reais... hoje em dia.

Isabel, por sua vez, apresenta a vila como um local de convívio de sua família:

A importância é muito grande para os moradores. Aqui morava um povo antes e meu pai comprou aqui, minha irmã comprou essa dali, a outra comprou ali – apontando para as residências da vizinhança. Sabe? É assim. Somos 10 mulheres. Moram 8 mulheres aqui. São duas aqui, minha irmã aqui, uma irmã ali, outra irmã ali em cima, uma irmã mora lá atrás, a outra mora lá em cima. Nós somos 10 mulheres (risos).



Figura 33 - Tipologia das residências operárias
Fonte: Produzido pelo autor (2024).

A permanência dos trabalhadores gerou a necessidade de novos equipamentos e serviços para manter as diversas famílias instaladas no local. A preocupação com os filhos dos operários levou Maria Úrsula Catharino, esposa do português e empresário Bernardo Martins Catharino, proprietário da fábrica, a tomar iniciativa de construir uma escola local (Figura 34). De acordo com alguns registros e documentos históricos, a data de fundação é de 1926, tornando-se a primeira escola a ser construída no Subúrbio Ferroviário de Salvador. O terreno foi doado pelo português, assim como todo o fornecimento dos materiais para a edificação e contratação da mão-de-obra. Além disso, há uma história local contada pelos moradores mais antigos de que o primeiro tijolo foi assentado pela própria esposa, idealizadora e fomentadora da construção, sendo homenageada por toda dedicação e empenho ao ter seu nome estampado na fachada: Escola Úrsula Martins Catharino — nome dado também à rua onde a vila está situada.¹¹

Figura 34 - Escola Úrsula Catharino
Fonte: Produzido pelo autor (2024).



¹¹ Disponível em: www.culturatododia.salvador.ba.gov.br. Acesso em: 22 jul. 2024.

Além da Escola Úrsula Catharino, a Escola Municipal São Braz é um importante equipamento que contribuiu para a socialização e educação dos filhos dos trabalhadores operários. Ambas as escolas permanecem ativas até os dias atuais e fazem parte da história de Plataforma desde o seu surgimento (Figura 35).



Figura 35 - Escola São Braz
Fonte: Produzido pelo autor (2024).

A VEGETAÇÃO



Figura 36 - O verde da paisagem de Plataforma
Fonte: Produzido pelo autor (2024).

O bairro de Plataforma possui variadas áreas de vegetação com diversos tipos de árvores, mas nesse trecho de recorte da paisagem de Plataforma há um destaque muito grande nas palmeiras que ficam na borda da orla marítima do bairro, principalmente por ser uma região litorânea com características que se assemelham a de uma “pequena ilha”, como já foi mencionado anteriormente. Além disso, as palmeiras enaltecem a beleza do lugar por serem consideradas vegetações elegantes, de linhas verticais que rompem com a horizontalidade da paisagem, conforme Figuras 36 e 37.

No cenário de Plataforma, essa é uma das peças que compõem a sua paisagem e lhe atribui um significado especial. Durante a entrevista, quando perguntado sobre qual elemento poderia representar o bairro de Plataforma, Felipe respondeu:

Essas palmeiras aí. São lindas! Você pega a barquinha (Lancha do terminal Plataforma-Ribeira), quando vem de lá você vê essas palmeiras aí. São lindas! São a marca de Plataforma essas Palmeiras aí. Eu moro pertinho delas. Eu conservo. Eu plantei até uma, estou lá para plantar outra. Estão acabando, né? Peço as pessoas que vem: morreu uma, coloca outra no lugar... para meu neto, bisneto, poder viver o que eu vivi [...].



Figura 37 - O destaque das palmeiras
Fonte: google imagens (2024).

O relato de Felipe retrata como uma simples vegetação pode receber um significado tão especial para quem passou uma vida inteira construindo a imagem do bairro através de experiências pessoais, cujas marcas estão simbolizadas em diversas faces do local, seja no mar, nos morros, na arquitetura, no trem ou na vegetação. Logo, percebe-se que a construção da paisagem não está limitada à um *check-list*, mas é mutável, pessoal e individual, moldada de acordo com as memórias que foram adquiridas ao longo da vida e, portanto, se atribui um significado. Quiçá, o trabalho está sempre fomentando a paisagem como expressão, significado, a paisagem como desejo, necessidade e memória.

Na praia do Alvejado, destacada na Figura 38, a vegetação também compõe a cena com novas palmeiras posicionadas estrategicamente ao longo da linha de trem. Esse cenário de repetição traz uma sensação de continuidade da paisagem que vem ao longo da borda marítima, desde o terminal até a praia.



Figura 38 - Vegetação da praia do Alvejado
Fonte: Produzido pelo autor (2024).

Na rua Almeida Brandão, localizada entre a fábrica São Braz e a linha férrea, encontram-se algumas árvores de maior porte por se tratar de um acesso residencial (Figura 39). A rua também é utilizada pelos moradores para exercícios físicos, caminhadas e corridas, principalmente após a reforma urbana que inseriu pisos intertravados no local. Diante disso, a presença desse porte de vegetação garante o equilíbrio térmico e a sensação de bem-estar. Cabe salientar que essas árvores são plantadas e cuidadas pelos próprios moradores, que garantem sua manutenção para servir de proteção solar para o poente, uma vez que o sol se põe sobre o mar e cria uma onda de calor muito intensa no período da tarde.



Figura 39 – Vegetação da rua Almeida Brandão
Fonte: produzido pelo autor (2024).

Ao longo da rua Almeida Brandão, as ruínas da fábrica São Braz já estão tomadas por vegetações intrusivas devido ao estado de degradação e abandono do local por falta de manutenção (Figura 40). Do ponto de vista da infraestrutura, há muita discussão sobre o impacto das ruínas, além do interesse da comunidade em reocupar este espaço com usos diversos que permitam mais atividades. Por outro lado, no aspecto da paisagem do bairro, e entendendo a importância histórica e cultural do local, as ruínas envoltas nos resquícios de vegetação se tornam um emblema que emoldura um acervo patrimonial do século XIX.



Figura 40 - Vegetação nas ruínas da Fábrica São Braz
Fonte: Produzido pelo autor (2024).

A rua Úrsula Catharino, como último local do recorte da pesquisa, possui uma mistura de vegetação no canteiro central (Figura 41). Na parte inferior da rua (imagem à esquerda), que dá acesso à borda marítima, encontram-se palmeiras que compõem o cenário litorâneo, mas à medida em que se avança sobre a ladeira e se aproxima das residências operárias (imagem à direita), a tipologia vai se diferenciando, com árvores mais antigas e de copa maiores que garantem o sombreamento ao longo da rua. Essas árvores propiciam áreas mais confortáveis para o contato entre a vizinhança, que utilizam o canteiro central para encontros, conversas e confraternizações na porta de casa.

Figura 41 - Vegetações da rua Úrsula Catharino



Fonte: Produzido pelo autor (2024).

De um modo geral, a área de estudo apresenta vegetações pontuais ao longo dos trechos, variando o tipo e a classificação dessas árvores de acordo com a proposta da área. Percebe-se também a predominância de palmeiras na maior parte do local por se tratar de uma faixa marítima que determina e estabelece o recorte litorâneo, ou seja, a vegetação pode ser compreendida como uma forma de delimitação dos espaços geográficos de Plataforma e dos tipos de cenários que são formados a partir de sua tipologia.

4.1 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS



Figura 42 - Uso do Terminal Marítimo
Fonte: Lucas Moura (2024).

A busca pela interação entre a paisagem e o indivíduo direcionou o interesse por questões que vão além da arquitetura, dos elementos físicos ou espaciais que, por ora, foram destacados anteriormente. Os aspectos sociais e culturais da comunidade foram trazidos para reforçar alguns significados associados à identidade do bairro, como algumas características sociais, relação de vizinhança e símbolos de tradição. A vida cotidiana é, em si, uma fonte de história e memória que pretende ser evidenciada para compreender como o bairro funciona, se organiza, se constrói e se adapta, mas também para entender o resultado de todas essas relações sociais na produção e construção da paisagem local.

Sobre a representatividade e diferencial do bairro, praticamente todos reforçaram a tranquilidade da área e a relação de convivência entre os moradores. Para Felipe: *“é muito importante para mim — o bairro. A segurança é boa, a gente aqui não tem problema nenhum, é muita paz mesmo”*. Isabel ressaltou a tranquilidade do local: *“Tudo. Amo! Moro na rua principal que é boa. Gosto muito daqui. Essa rua aqui a gente vive tranquilo”*. Pedro, durante uma conversa mais informal, declarou: *“é a convivência, o laço, o afeto. [...] À noite aqui, eu dormia no mar, na praia; pegava um transporte e chegava qualquer hora aqui, ninguém bolia com você... aqui sempre foi essa coisa de convivência”*. Edson e Isabel, apesar de pontuarem sobre a necessidade de melhorias, também falaram sobre a calma do bairro:

Rapaz... para mim representa tudo. Eu gosto muito daqui, entendeu? Eu me sinto muito bem aqui. Só que aqui precisa de algumas melhoras, né?! [...]. Paz. Tranquilidade. É uma região tranquila (Edson).

Eu gosto muito daqui. Ultimamente, ele está assim um pouco acabado, né? [...]. É a paz. Aqui mesmo eu não tenho o que dizer. Essa rua — referindo-se à rua Úrsula Catharino — é maravilhosa. A rua principal de Plataforma. Na viela sempre tem algumas coisinhas, você sabe como que é. Coisa escondida você sabe como é. Aqui não. Aqui, dá meia-noite, 1h da manhã, 2h da manhã e estou na porta. Não tenho um pouco de medo. Nem eu e nem ninguém. É a tranquilidade (Isabel).

É perceptível como os moradores se sentem seguros no bairro, assim como destacam a relação de tranquilidade, convivência e harmonia entre eles como um diferencial da área. Vale ressaltar que o recorte da pesquisa se enquadra no entorno imediato dos elementos discutidos no item anterior. Então, a proximidade com o mar pode ser um fator que contribui para essa sensação de calma, que pode ou não ser confirmado em outros limites de Plataforma. Entretanto, além dessa relação de proximidade com o ambiente marítimo que já apresenta pontos importantes para a qualidade e o bem-estar do bairro, o aspecto de vizinhança se mostrou



Figura 43 - Moradores reunidos no canteiro central
Fonte: Produzido pelo autor (2024).

uma característica muito forte e bem estabelecida, conforme pode ser visto no encontro dos moradores no canteiro central (Figura 43).

Cenas como essa ocorrem naturalmente e fazem parte da rotina de muitos moradores, geralmente no final da tarde e nos finais de semana, assim como fazia Isabel poucos minutos antes de participar da entrevista (Figura 44). A vila operária, que surgiu há tantos anos atrás, ainda parece manter as características de um espaço intimista, com as casas construídas de modo sequencial, posicionadas uma de frente para a outra, mantendo assim um contato muito frequente entre a população local — o que corrobora com a visão de tranquilidade, harmonia e convivência destacados pelos moradores.



Figura 44 - Moradora observando a rua
Fonte: produzido pelo autor (2024).

Para Jane Jacobs, “a confiança na rua forma-se com o tempo a partir de inúmeros pequenos contatos públicos nas calçadas”, o que pode contribuir para a segurança e a vitalidade. Pode parecer algo aparentemente simples, mas a autora insiste que a soma desses pequenos contatos cotidianamente “resulta na compreensão da identidade pública das pessoas, uma rede de respeito e confiança mútuos e um apoio eventual na dificuldade pessoal ou da vizinhança” (Jacobs, 2011, p. 60).

A vitalidade urbana do local é estampada nessa paisagem do dia a dia do bairro, pela presença de pessoas que transitam pela área ou permanecem reunidas, sentadas, sejam em frente às casas, sentadas na cadeira no centro da rua ou, até mesmo, nas escadarias da calçada. Por outro lado, essa vitalidade não ocorre na mesma intensidade fora do final de semana, talvez pelo fato de não haver um fluxo muito alto de moradores se deslocando para a praia ou devido à jornada extensiva de trabalho, ocasionando na redução de pessoas que caminham e se estabelecem no local.

Em relação às principais lembranças do bairro, para Edson é a “*praia, a lanchinha e os trens*”. Isabel e Felipe, relembram os tempos mais industriais, como a fábrica e o trem, respectivamente — a resposta de ambos já foram descritas anteriormente nos elementos de composição da paisagem. Felipe, porém, acrescentou mais:

Tem uma coisa... a feirinha. Eu não era ainda... eu queria documentar essa feirinha, mas eu não tinha uma máquina, aí eu fui ser fotógrafo depois de 17 anos. A gente vendia galinha... Minha mãe botava a galinha lá e a gente vendia ovos aqui.

Sobre a feira, Edson também relembra pontos interessantes:

Aqui também tinha uma feira muito boa e hoje acabou também, acharam de acabar também a feira. Existia uma feira aqui, sexta e sábado. Tinha até os chaveiros que vinham da Ilha de Itaparica com material de Santo Antônio de Jesus e ficava vendendo aí também. E hoje acabaram. Ninguém sabe quem acabou, mas acabaram.

Amélia, por sua vez, remete às festas:

Carnaval, as festas que tinham aqui que não precisava sair daqui para ir para a cidade. Daqui mesmo a gente brincava. Tinha Carnaval aqui... muito bom! Tinha a “mudança” aqui... muito boa! — nome dado ao evento festivo que rodava o bairro. A mudança aqui era uma coisa muito linda! A mudança vinha lá de São João do Cabrito, vinha trio elétrico de lá. Em Carnaval, os trios desciam aqui... aquele trem lá... Chiclete com Banana! Descia aqui. Aqui era maravilhoso! Era maravilhoso demais! Tenho muita falta. Sinto muita falta. Saudade.

Edson concorda com a percepção de Amélia ao afirmar que “a principal tradição aqui do bairro era a “mudança”, o carnaval, né? Hoje não tem mais”. Como mencionado no capítulo anterior, não foi encontrado material específico sobre a festa da “mudança” e a antiga

feira que, conforme Felipe, fazia parte da tradição do bairro. Além da mudança, acerca de evento, festa ou celebração local que se tornou uma tradição no bairro, Amélia acrescenta:

Tinha a lavagem da Igreja São Braz. Tinha a missa do Galo, 24 de dezembro e dia 25. Era a missa do Galo que chamavam. Era na praça. Armavam o palanque, aí vinha Cláudia Leite e tudo... mas tudo isso acabou. Essas tradições acabaram porque não existe mais, não fazem mais a lavagem, nem a festa de São Bráz no dia 03 de fevereiro. A procissão vinha, aí andava isso aqui tudo, circulava tudo e não tem mais essa tradição.

Para a moradora, a lavagem da Igreja São Braz é o elemento que mais representa o bairro de Plataforma em sua memória. Era uma celebração que reunia todo o bairro, gerava movimento, caracterização e, para ela, essa paisagem é a que mais caracteriza Plataforma. Percebe-se, desta forma, que o bairro também carrega um símbolo religioso que justifica a presença de igrejas locais tão marcantes para a comunidade; é um espaço que remete às crenças, à fé, ao sentido de propósito e apego às questões mais simples da vida, influenciando na alegria, na arte, nas produções culturais e até na arquitetura. Ao se discutir paisagem como símbolo ou representação de um local, elementos de tradição podem fazer parte desse processo construtivo.

De acordo com Costa (2008), o aspecto cultural do local é também um conjunto de símbolos presentes na paisagem. Esse aspecto da paisagem não pode considerar somente o que representa o valor arquitetônico, mas principalmente o que diz respeito à memória do local. É essa memória que caracteriza o indivíduo, sobretudo, aquele que não está presente nos registros oficiais, mesmo assim ele percebe a paisagem de outro modo, muito mais peculiar. A lógica por trás da concepção da paisagem enquanto identidade não se pode restringir ao que é físico ou material, pelo contrário, está associado ao significado da paisagem para quem a percebe, podendo conter mais de um elemento, assim como tradições ou atividades cotidianas.

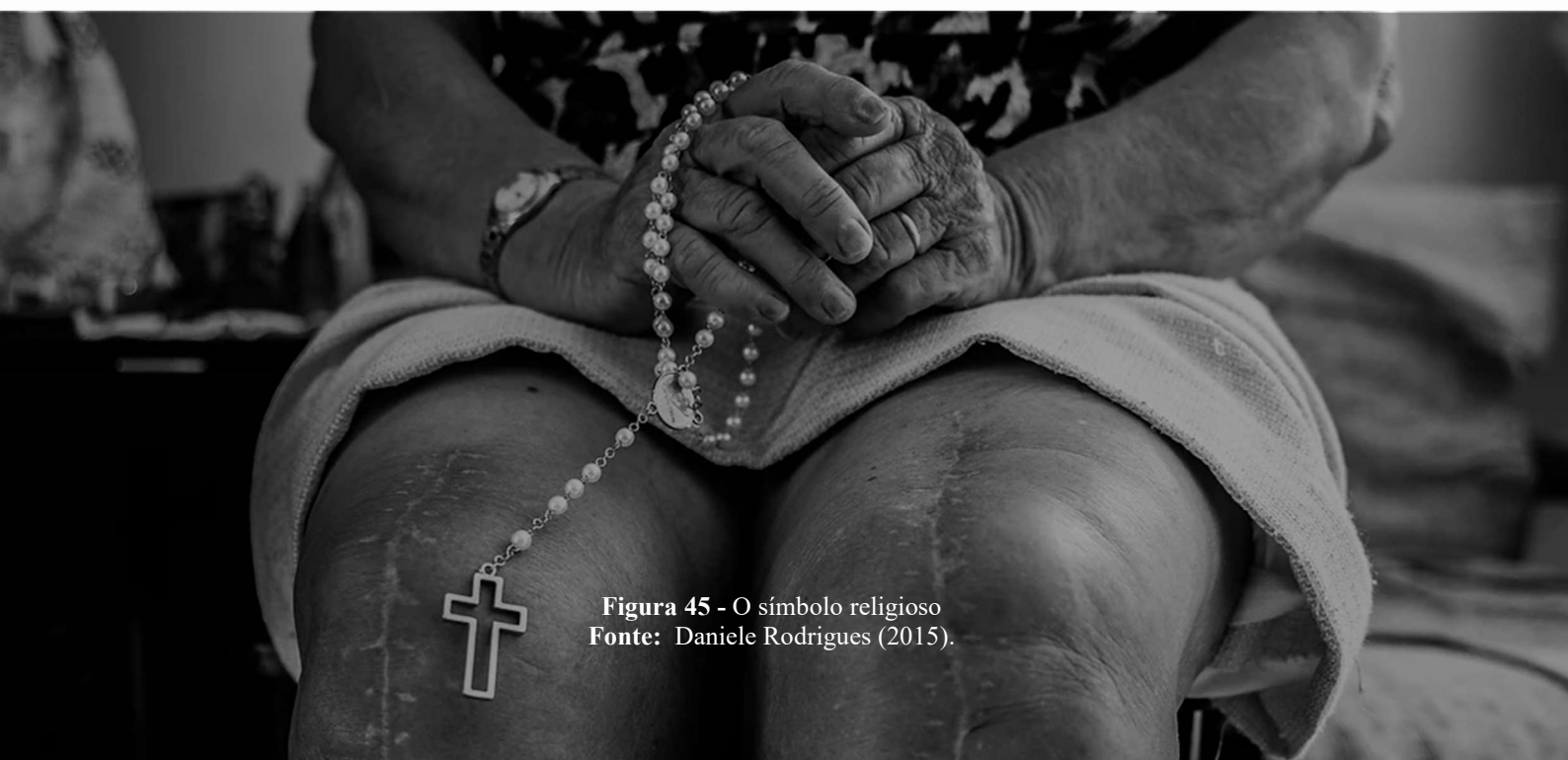


Figura 45 - O símbolo religioso
Fonte: Daniele Rodrigues (2015).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem pode ser compreendida como um conjunto de elementos capazes de interagir com as pessoas, sendo formada por aspectos físicos, biológicos e antrópicos. Essa noção de paisagem, adotada ao longo das contribuições de diversos autores abordados nas discussões teóricas da pesquisa, inclui a experiência humana como o principal fator morfológico para a construção e percepção da paisagem, ou seja, o ser humano enquanto agente ativo das transformações que produzem as formas urbanas.

A partir de Sauer (1925), considerado o precursor da Geografia Cultural, as produções acadêmicas passaram a considerar não somente as características físicas de um local, mas também os fatores subjetivos e socioculturais, considerados fundamentais para um entendimento mais amplo do conceito de paisagem (Sauer, 1925; Costa, 2008). Ao olhar para Plataforma, esses princípios foram considerados essenciais para estabelecer as relações entre os moradores e os elementos de composição da paisagem, buscando aplicar essas conexões no processo de construção da paisagem, ora por aspectos do imaginário, reforçado pelas memórias, ora por elementos físicos, frutos do estudo morfológico do local.

A discussão abrangeu, além disso, os conceitos de memória e identidade, ambos os mecanismos aplicados para uma melhor compreensão da paisagem, a partir de aspectos subjetivos no exercício de percepção por parte dos moradores, cuja fundamentação teórica passou pelos estudos de Marieta de Moraes (2002) e Michael Pollak (1992), além de outros autores que aprofundaram a pesquisa teórica. A memória enquanto mecanismo de percepção foi utilizada para destacar o aspecto cultural do local, buscando associar também ao patrimônio histórico presente no bairro de Plataforma e conceber um paralelo entre memória e história a partir de relatos diretos, considerados como uma fonte adicional de muita relevância ao longo de toda a pesquisa. A paisagem, quando percebida através da memória do indivíduo, conseqüentemente, estabelece uma relação que pode culminar no processo de representação social, destacada pelo sentimento de pertencimento entre o sujeito e seu local de origem, após um longo processo de transformação em que ele primeiro se entende, depois se molda e, por fim, se constrói.

Assim, através da morfologia urbana e do exercício de percepção, foram identificados os aspectos estruturantes da paisagem de Plataforma, a saber: o mar, a via férrea e a colina. O mapeamento desses três elementos foi fundamental para compreender os principais fatores que norteiam, ordenam, organizam e determinam a estrutura e formação da paisagem. Além dos

elementos estruturantes, foram incorporados também outras peças de composição que destacam e compõem a paisagem de Plataforma, como as Fábricas São Braz e União Fabril dos Fiais, a Vila Operária e o Terminal Marítimo, inseridas dentro do escopo da arquitetura e do patrimônio histórico do bairro, somadas também com a vegetação, as atividades econômicas e demais aspectos sociais que podem representar o bairro através de sua simbologia.

Por ser um trabalho coparticipativo, produzido também pela colaboração da percepção subjetiva de alguns moradores, a pesquisa evidenciou a memória como um bem simbólico através das entrevistas narrativas. Por meio dos fatos narrados, foi possível identificar comportamentos, subjetividades, interações e significados sobre a paisagem, analisando o nível de identificação apresentado por esses relatos. As entrevistas narrativas, adotadas como método de pesquisa, produção e análise, corroboram para levantar fontes de dados importantes, incluindo no protagonismo da história as pessoas que fizeram parte ou acompanharam determinados contextos que interessam à pesquisa, permitindo a visibilidade de um determinado grupo social e seu modo de vida, e fomentando novas formas de produção do conhecimento acadêmico, cada vez mais próximo das diferentes realidades e seus contrastes sociais.

A pesquisa buscou responder às duas questões apresentadas inicialmente: Qual a influência dos elementos de paisagem na história do bairro e das famílias locais? Quais as subjetividades e simbologias por trás da paisagem de Plataforma? Nesse sentido, o trabalho encontrou um grande valor simbólico na paisagem do bairro, como o significado do mar para os moradores que vivem da pesca e mariscagem, a via férrea e o antigo trem do subúrbio que permanecem como uma das mais vivas memórias do bairro, os valores sociais marcados pelas fábricas, a geração de emprego, a constituição da casa própria e a perpetuação do legado histórico que deu origem a um forte sentimento de vizinhança, aspectos que influenciaram na construção de memórias que estabeleceram marcas importantes nos participantes.

Esse impacto social identificado ao longo da pesquisa remete a diversos significados que fundamentam o vínculo entre os participantes e a paisagem, como moradia, renda, segurança, convivência e lembranças de forte caráter sentimental ou emocional — como períodos da infância, fase escolar, experiências e vínculos familiares relacionados aos elementos que compõem a paisagem de Plataforma. Desse modo, o trabalho constatou a relação sólida dos participantes com o bairro, onde cada história percorrida apresenta fatores que ampliam essa conexão, corroborando para uma paisagem vista como construção cultural.

No entanto, no que tange ao objetivo principal da pesquisa, sobre identificar a paisagem enquanto identidade do bairro, a conclusão se esbarra na complexidade e interdisciplinariedade que o conceito de identidade exige. Apesar dos esforços em trazer para a discussão as considerações da Psicologia Ambiental através de Enric Pol (1996), Moser (2003), Valera e Pol (1994) e Mourão e Cavalcante (2006) acerca da construção do lugar como símbolo de identidade, percebe-se ainda uma limitação tanto teórica quanto prática, havendo a necessidade de estudos mais profundos, inserindo profissionais de outros campos do conhecimento para a construção de um debate teórico-metodológico que garanta a legitimidade da validação.

O conceito de identidade foi aplicado como o significado da paisagem para a comunidade, da riqueza herdada pelas construções histórico-culturais, dos valores materiais e imateriais, e da influência dos elementos na história de vida dos participantes. Sob essa perspectiva, foram encontrados indicadores que sinalizam para uma paisagem simbólica, quiçá também identitária, tomando como ponto de partida a solicitação de tombamento das fábricas e seu entorno imediato, em 2002, pela Associação dos Moradores de Plataforma (AMPLA), reforçando a importância da preservação da paisagem para a comunidade.

Desta forma, a paisagem de Plataforma apresentada neste trabalho é formada por um conjunto que reforça a caracterização do próprio bairro, sua origem, nascimento e desenvolvimento, permanecendo viva na memória afetiva de gerações de famílias que permanecem no local até os dias atuais e que são também agentes sociais na construção do bairro e de sua paisagem. Destarte, as características morfológicas e dos elementos de composição da paisagem, as memórias e os significados desses relatos, apontam para uma paisagem com expressão cultural, podendo ser considerada como símbolo da identidade local.

Portanto, a memória e os aspectos subjetivos da experiência humana se mostraram fundamentais na busca pela compreensão da paisagem de Plataforma como uma representação social do bairro, principalmente para discutir a dimensão simbólica da paisagem e dos fatores que exercem influência sobre ela. Esses mecanismos antrópicos associados aos dados morfológicos podem servir como importantes ferramentas de auxílio no exercício de percepção, contribuindo para uma discussão mais complexa sobre os estudos de paisagem, partindo da premissa de que só há paisagem se houver também sujeito, e que este só a percebe através da atribuição de significados.

REFERÊNCIAS

- BAHIA. Decreto Nº 8.357/02, de 05 de novembro de 2002. Declara o imóvel da antiga Fábrica São Brás, localizado no município de Salvador, como bem cultural da Bahia. Salvador: Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC, 2002. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/salvador-antiga-fabrica-sao-bras>. Acesso em: 23 Mar. 2024.
- BARTALINI, Vladimir. Natureza, paisagem e cidade. **PosFAUUSP**, São Paulo, Brasil, v. 20, n. 33, p. 36–48, 2013. Disponível em: <https://revistas.usp.br/posfau/article/view/80919>. Acesso em: 11 jun. 2024.
- BERNARDO, Renata. **Inserção no ensino: trajetórias de formação narradas por jovens universitários**. 2015. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Universidade São Francisco, Itatiba, 2015. Disponível em: <https://connect.itf.edu.br/galeria/getImage/427/2071138700241062.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2025.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 1998. p. 84-91.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. 2. ed. Tradução: Zuleide Alves Cardoso Cavalcanti e Denise Maria Gurgel Lavallée. Revisão científica: Maria da Conceição Passeggi e Márcio Venício Barbosa. Natal: EDUFERN, 2010.
- BOURDIN, Alain. **A Questão Local**. Rio de Janeiro: Dp&A, 2001.
- CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloísio. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. **BIBLOS – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, [S. L], v. 16, p. 7024, 2007. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/125>. Acesso em: 14 out. 2024.
- CASTORE, M. Elena. O reuso do patrimônio industrial: o caso da antiga fábrica São Braz em Plataforma, Salvador. In: Colóquio Latinoamericano sobre Recuperação e Preservação do Patrimônio Industrial, 2012. **Anais...** São Paulo: Centro Universitário Belas Artes, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI_coloquio_t1_reuso_patrimonio_indus trial. Acesso em: 02 abr. 2025.
- CHIESA, Paulo. A Arte de Bem Viver a Paisagem em seu Tempo: Miranda Martinelli Magnoli e o ensino de arquitetura no Brasil. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, v. 21, p. 121-134, 2006.
- CORRÊA, Roberto Lobato; SAUER, Carl. Sobre a geografia cultural. **Revista Brasileira de Geografia**, p. 113-22, 2009.
- COSTA, Otávio. Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares. **Espaço e cultura**, p. 149-156, 2008. Disponível em: <https://www.e->

publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/7731. Acesso em: 23 ago. 2024.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 3, n. 5, p. 314-332, 2002. Acesso em: 10 Out. 2024.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Oralidade e memória em projetos testemunhais. **História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações**, p. 195-202, 2006.

FLORES, Rodrigo Musto. Memória e história oral: as interações entre a história escrita e a história vivida. **Intellêctus**, v. 21, n. 1, p. 248-263, 2022.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**, v. 4, p. 90-113, 2002.

KIYOTANI, Ilana Barreto. Recortes da paisagem: percepções do senso comum a apropriação da geografia. **Revista GeoNordeste**, n. 1, p. 22-33, 2012.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LYNCH, Kevin. The Image of the City. by The Massachusetts Institue of Technology and the President and Fellows of Harvard College. **Tradução de Maria Cristina Tavares Afonso (Edições 70, LDA)**, 1960. Disponível em: <https://uffanaliseurbanismo.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/09/lynch-kevin-a-imagem-da-cidade1.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2024.

MACEDO, Silvio Soares. O ensino de paisagismo na FAUUSP e a figura de Miranda Magnoli. **Paisagem e Ambiente**, n. 21, p. 43-54, 2006. Disponível em: <https://revistas.usp.br/paam/article/view/40237>. Acesso em: 24 fev. 2025.

MAGNOLI, Miranda Maria Esmeralda Martinelli. **Espaços livres e urbanização: uma introducao a aspectos da paisagem metropolitana**. 1982. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982. Disponível em: Miranda-Martinelli-Magnoli-producao-cientifica. Acesso em: 05 set 2024.

MARZULO, Eber Pires; HECK, Marcelo Arioli. ST 6 Da Imagem à Memória da Paisagem. **Anais ENANPUR**, v. 17, n. 1, 2017. Disponível em: <https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/2224>. Acesso em: 08 jan. 2025.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 8, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3391/2719>. Acesso em: 12 ago. 2024.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira; CAVALCANTE, Sylvia. O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 11, p. 143-151, 2006.

NEGREIROS, Carmem; ALVES, Ida; LEMOS, Masé. Literatura e Paisagem em diálogo. **Rio de Janeiro: Edições Makunaima**, 2012. Disponível em:

https://www.edicoesmakunaima.com.br/wpcontent/uploads/2022/07/literatura_epaisagem.pdf. Acesso em: 12 nov. 2024.

OBSERVASSA. Observatório dos bairros de Salvador, 2022. Disponível em: <https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/bairros>. Acesso em: 05 out. 2023.

PALMA, Aleph Bonecker da. **Representação da Paisagem**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

POL, E. La apropiación del espacio. In L. Iñiguez & E. Pol (Orgs.), **Cognición, representación y apropiación del espacio**. 1996. Barcelo na: Universitat de Barcelona.

POLIZZO, Ana Paula. **Paisagem, arquitetura e cidade: uma discussão acerca da produção do espaço moderno**. 2016. Tese (Doutorado) - Curso de Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em: bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941. Acesso em: 08 Nov. 2024.

RAVAGNOLI, Neiva Cristina da Silva Rego. A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada. **The Specialist**, v. 39, n. 3, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/34195>. Acesso em: 17 fev. 2025.

SALVADOR (Município). **Cultura todo dia: o bairro de Plataforma**. Salvador: Fundação Gregório de Mattos, 2019. Disponível em: www.culturatododia.salvador.ba.gov.br. Acesso em: 15 mar. 2024.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses Do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988. 28 p. Disponível em: https://www.academia.edu/20384733/Metamorfose_Do_Espaco_Habitado_Milton_Santos. Acesso em: 07 out. 2024.

SAUER, Carl Ortwin. The morphology of landscape. University of California, **Publications in Geography**, n. 2 vol. 2, 1925, p. 22-59. Tradução: Gabrielle Corrêa Braga. Revisão de Roberto Lobato Corrêa, Departamento de Geografia, UFRJ. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/a-morfologia-da-paisagem-carl-sauer-1925-pdf-free.html>. Acesso em: 03 Mar. 2025.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Wivian (org.). **Metodologias de pesquisa qualitativa na educação: teoria e prática**. Tradução de Denilson Werle; revisão de Wivian Weller. São Paulo: Vozes, 2010.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**, v. 2, p. 37-58, 2001. In: BRESCIANI, S. e NAXARA, M. (Orgs.) **Memória (Res) sentimento: indagações**

sobre uma questão sensível. Campinas. Ed. UNICAMP, 2001. Disponível em: Memória e (res)sentimento by Editora da Unicamp - Issuu. Acesso em: 14 nov. 2024.

SEIXAS, Thaís. **Salvador em bairros: Plataforma cultural e gastronômica**. Jornal a Tarde [online], Salvador, 21 jan. 2021. Disponível em: <https://atarde.com.br/bahia/bahiasalvador/salvador-em-bairros-plataforma-cultural-e-gastronomica-680186>. Acesso em: 19 jul. 2024.

SILVA, Vicente de Paulo da. Paisagem: concepções, aspectos morfológicos e significados. **Sociedade & Natureza**, v. 19, n. 1, p. 199-215, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/tdcWxMfMQCC7mBPKZDWBLbd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 fev. 2025.

TAVARES, Luis Henrique Dias. **História da Bahia**. 11ª ed. São Paulo: UNESP; Salvador: EDUFBA, 2009.

TV BAHIA. **Marisqueiras de Plataforma falam da herança cultural, que gera renda há décadas**. Rede Globo. Salvador. 06 jan. 2020. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/redebahia/conexao-bahia/noticia/marisqueiras-de-plataforma-falam-da-heranca-cultural-que-gera-renda-ha-decadas.ghtml>. Acesso em: 10 abr. 2025.

VALERA, Sergi. POL, Enric. El concepto de identidad social urbana: una aproximación entre la Psicología Social y la Psicología Ambiental. **Revista Anuario de Psicología**. 1994. Disponível em: Vista de El concepto de identidad social urbana: una aproximación entre la psicología social y la psicología ambiental. Acesso em: 05 abr. 2025.

WELLER-UNB, Wivian. Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise de narrativas segundo Fritz Schütze. Trabalho apresentado no GT14 da 32.ª Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, MG, 2009. v. 4.

WHITE, Leslie A.; DILLINGHAM, Beth. **O conceito de cultura**. Contraponto, 2009.

ZORZO, Francisco Antônio. RETORNANDO À HISTÓRIA DA REDE VIÁRIA BAIANA: O ESTUDO DOS EFEITOS DO DESENVOLVIMENTO FERROVIÁRIO NA EXPANSÃO DA REDE RODOVIÁRIA DA BAHIA (1850-1950). **Sitientibus**, n. 22, 2000. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibus/article/view/8794/7316>. Acesso em 13 abr. 2025.

APÊNDICE

ENTREVISTAS

Participante 01 – Amélia

1. Qual é o seu nome?

R: Amélia

2. Qual é a sua idade?

R: 73 anos.

3. Você mora em Plataforma? Há quanto tempo?

R: 73 anos. Nascida e criada. Só mudei de casa.

4. O que o bairro representa para você?

R: Eu gosto muito daqui. Ultimamente, ele está assim um pouco acabado, né? Porque tinha soverteria, tinha farmácia, tinha açougue, tinha uma feira imensa aqui, tinha armazém, correios... e tudo isso terminou acabando. Tinha creche lá na Leandro Gomes (rua local do bairro). Entendeu? Tudo isso foi acabando, acabando e hoje em dia está muito assim, jogado à toa. Se quiser comprar alguma coisa tem que subir um pouco ir lá na praça, porque acabaram com as vendinhas aqui, tinha chafariz ali, tinha barraquinhas ali, ó! Entendeu? Terminou demolindo. Aqui está assim agora.

5. O que tem em Plataforma que se diferencia de outros locais?

R: A paz. Aqui mesmo eu não tenho o que dizer. Essa rua (Úrsula Catharino) é maravilhosa. A rua principal de Plataforma. Na viela sempre tem algumas coisinhas, você sabe como que é. Coisa escondida você sabe como é. Aqui não. Aqui, dá meia-noite, 1h da manhã, 2h da manhã e estou na porta. Não tenho um pouco de medo. Nem eu e nem ninguém. É a tranquilidade. E todo mundo que vem aqui gosta da tranquilidade. Hoje até não estão vindo porque existia o trem, né? Era de Paripe até, antigamente, eu era garota, vinha Alagoinhas, vinha Candeias, Monte Gordo, essas coisas. Foi descendo, acabando, acabando... ficou só de Paripe até lá a Calçada. Agora, está uns 3 anos que acabou e estão aí para passar o VLT. Se eu vou alcançar, só Deus sabe.

6. Quais são suas principais lembranças no bairro?

R: Carnaval, as festas que tinham aqui que não precisava sair daqui para ir para a cidade. Daqui mesmo a gente brincava. Tinha Carnaval aqui... muito bom! Tinha a “mudança”

aqui... muito boa! A mudança aqui era uma coisa muito linda! A mudança vinha lá de São João, vinha trio elétrico de lá. Em Carnaval, os trios desciam aqui... aquele trem lá... Chiclete com Banana! Descia aqui. Aqui era maravilhoso! Era maravilhoso demais! Tenho muita falta. Sinto muita falta. Saudade.

7. Há algum evento, festa ou celebração local que se tornou uma tradição para os moradores?

R: Tinha a lavagem da Igreja São Braz. Tinha a missa do Galo, 24 de dezembro e dia 25. Era a missa do Galo que chamavam. Era na praça. Armavam o palanque, aí vinha Cláudia Leite e tudo... mas tudo isso acabou. Essas tradições acabaram porque não existe mais, não fazem mais a lavagem, nem a festa de São Bráz no dia 03 de fevereiro. A procissão vinha, aí andava isso aqui tudo, circulava tudo e não tem mais essa tradição.

8. Se você pudesse montar uma paisagem de Plataforma, quais elementos você escolheria para representar o bairro?

R: A lavagem que era muito bonita!

9. Dentre todos os itens que você compôs o cenário do bairro, qual é o elemento que você considera de maior destaque na paisagem de Plataforma?

R: Aqui. Essa rua aqui (Úrsula Catharino).

10. Você ou alguém de sua família já trabalhou na Fábrica São Braz? Qual a importância da fábrica para o bairro?

R: Quem trabalhou foram minhas mães e minhas tias. Acho que a importância é muito grande, meu filho, porque aqui ela (a fábrica) era chamada de “mamãe carinhosa” porque os donos sempre colocavam para trabalhar [...] por causa de criar os filhos, né? Era chamada de mamãe carinhosa por isso.

11. Qual é a importância do terminal marítimo Plataforma-Ribeira para o local?

R: É importante sim. Faz muita falta porque, agora mesmo, fica de 1h em 1h, mas antigamente era uma encostando e outra saindo, e eram lanchas grandes.

12. Você costuma frequentar a praia? Qual é a relação dos moradores e suas famílias com a praia?

R: Para quem frequenta é muito boa, eu que não sou muito chegada.

13. A vila operária foi criada quando a fábrica foi instalada. Hoje, qual o grau de importância que essas casas possuem para as famílias que ainda moram aqui?

R: Muita coisa, né? Porque são casas que eram da antiga fábrica que ainda existe, né? Essas casas têm sua importância porque são casas baratas também e eles não tomam com facilidade a não ser que as pessoas facilitem muito, né? Mas eles não tomam. Eu mesma já morei aqui. Hoje em dia a casa é minha, mas eu morava de aluguel e pagava barato. Hoje em dia ainda tem gente que paga. Tem gente aqui que não paga nem 100 reais de casa, meu filho, paga sessenta e cinco... cinquenta reais... hoje em dia.

Participante 02 – Edson

1. Qual é o seu nome?

R: Edson

2. Qual é a sua idade?

R: 68 anos

3. Você mora em Plataforma? Há quanto tempo?

R: 40 anos.

4. O que o bairro representa para você?

R: Rapaz... para mim representa tudo. Eu gosto muito daqui, entendeu? Eu me sinto muito bem aqui. Só que aqui precisa de algumas melhoras, né?!

5. O que tem em Plataforma que se diferencia de outros locais?

R: Paz. Tranquilidade. É uma região tranquila.

6. Quais são suas principais lembranças no bairro?

R: Em vez de trazer tal de VLT que eles dizem que vão trazer, mas não vão trazer nada. Melhorava o trem, comprava os “trem” mais novos e colocava na linha, né?!

7. Há algum evento, festa ou celebração local que se tornou uma tradição para os moradores?

R: Hoje não tem mais.

8. Se você pudesse montar uma paisagem de Plataforma, quais elementos você escolheria para representar o bairro?

R: A fábrica, o porto, até começaram a melhorar aqui o porto, mas largaram a mão de novo. E o trem... O trem era a alegria do suburbano, né? Era a melhor coisa que tinha para a gente aqui era o trem. Fazer o quê?!

9. Dentre todos os itens que você compôs o cenário do bairro, qual é o elemento que você considera de maior destaque na paisagem de Plataforma?

R: Veio muita gente de fora (até do exterior!) fazer filme, filmagem, entendeu? Na ponte, ali mesmo, que vinha muita gente de fora fazer filmagem... Estados Unidos... esses lugares aí. Fazia muita filmagem. A lanchinha também, que hoje está até... segurando ainda, né? Que é tradição aqui. Eu era menino e já tinha essa lanchinha aí. Não era nem lancha, era uma canoa, da travessia Ribeira até a Plataforma.

10. Você ou alguém de sua família já trabalhou na Fábrica São Braz? Qual a importância da fábrica para o bairro?

R: Minha mãe. Rapaz... era tudo! Gerava emprego, né, rapaz? Gerava emprego para todo mundo; todo mundo tinha seu dinheirinho, trabalhava... [...]. Aqui também tinha uma feira muito boa e hoje acabou também, acharam de acabar também a feira. Existia uma feira aqui, sexta e sábado. Tinha até os chaveiros que vinham da Ilha de Itaparica com material de Santo Antônio de Jesus e ficava vendendo aí também. E hoje acabaram. Ninguém sabe quem acabou, mas acabaram.

11. Qual é a importância do terminal marítimo Plataforma-Ribeira para o local?

R: O tempo que você vai atravessar de ônibus para ir à calçada e voltar para a ribeira por aqui é rapidinho, né? E paga menos. Os moradores utilizam muito, até hoje. Tem mais de 40 anos aí.

12. Você costuma frequentar a praia? Qual é a relação dos moradores e suas famílias com a praia?

R: Boa. Eu mesmo gosto da praia de Plataforma.

13. A vila operária foi criada quando a fábrica foi instalada. Hoje, qual o grau de importância que essas casas possuem para as famílias que ainda moram aqui?

R: Não tem perturbação. Todo mundo tem sua casinha para morar aí. De primeiro, só morava aí quem trabalhava na fábrica, né? Hoje todo mundo já tem sua casinha aí. Melhorou... Essas daqui são da fábrica, mas as de lá já desmancharam e melhoraram mais ainda.

Participante 03 – Felipe

1. Qual é o seu nome?

R: Felipe.

2. Qual é a sua idade?

R: 67 anos.

3. Você mora em Plataforma? Há quanto tempo?

R: Cheguei em 1970, do Recôncavo Baiano.

4. O que o bairro representa para você?

R: É muito importante para mim. A segurança é boa, a gente aqui não tem problema nenhum, é muita paz mesmo.

5. Quais são suas principais lembranças no bairro?

R: Era os “trem”, viu, véi?! Eu saía para estudar, tinha os “trem” baratinho, meu pai gastava pouco para a gente estudar. A gente estudou, hoje eu sou fotógrafo. Já trabalhei no IPAC, no Pelourinho... estudei... fiz química ali no Comercial. Entendeu, véi? Tem uma coisa... eu não era ainda... eu queria documentar essa feirinha, mas eu não tinha uma máquina, aí eu fui ser fotógrafo depois de 17 anos. A gente vendia galinha... Minha mãe botava a galinha lá e a gente vendia ovos aqui. Nesse instante, a gente estava conversando disso. Tinha um senhor aqui de 80 anos... Mas é isso aí.

6. Se você pudesse montar uma paisagem de Plataforma, quais elementos você escolheria para representar o bairro?

R: Essas palmeiras aí. São lindas! Você pega a barquinha (Lancha do terminal Plataforma-Ribeira), quando vem de lá você vê essas palmeiras aí... São lindas! São a marca de Plataforma essas Palmeiras aí. Eu moro pertinho delas. Eu conservo. Eu plantei até uma, estou lá para plantar outra. Estão acabando, né? Peço as pessoas que vem: morreu uma, coloca outra no lugar... para meu neto, bisneto, poder viver o que eu vivi. Rapaz... É o tudo de Plataforma. As amizades, o convívio de casa em casa... No bar, não tem freguês aqui, tem amigos. Chego lá, é outro amigo, a gente se encontra para conversar.

Participante 04 — Isabel

1. Qual é o seu nome?

R: Isabel.

2. Qual é a sua idade?

R: 72 anos.

3. Você mora em Plataforma? Há quanto tempo?

R: 13 anos.

4. O que o bairro representa para você?

R: Tudo. Amo! Moro na rua principal que é boa. Gosto muito daqui. Essa rua aqui a gente vive tranquilo.

5. Quais são suas principais lembranças no bairro?

R: A fábrica que meu pai trabalhou e acabou. O trem, que está fazendo falta, apesar do pessoal dizer que está trabalhando aí.

6. Se você pudesse montar uma paisagem de Plataforma, quais elementos você escolheria para representar o bairro?

R: A descida do luso para cá, que tem aquela vista muito linda. É uma coisa linda! Aqui mesmo (rua úrsula catharino), eu acho muito lindo. Eu gosto muito daqui. O povo brinca aí... todo mundo é amigo, gente boa... senta aqui na frente...

7. Você ou alguém de sua família já trabalhou na Fábrica São Braz? Qual a importância da fábrica para o bairro?

R: Foi muito importante e meu pai trabalhou aí. Minha irmã trabalhou na outra lá da Ribeira.

8. Qual é a importância do terminal marítimo Plataforma-Ribeira para o local?

R: Muito bom! Os moradores usam muito aqui. Daqui a pouco é hora do povo subir aí que vai para a Ribeira. Vai tudo para Ribeira tomar banho e daqui a pouco sobe todo mundo porque a última lancha passa 19h.

9. A vila operária foi criada quando a fábrica foi instalada. Hoje, qual o grau de importância que essas casas possuem para as famílias que ainda moram aqui?

R: A importância é muito grande para os moradores. Aqui morava um povo antes e meu pai comprou aqui, minha irmã comprou essa dali, a outra comprou ali. Sabe? É assim. Somos 10 mulheres, moram 8 mulheres aqui. São duas aqui, minha irmã aqui, uma irmã ali, outra irmã ali em cima, uma irmã mora lá atrás, a outra mora lá em cima. Nós somos 10 mulheres (risos).